



Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor: Prof. Jaime Arturo Ramírez

Vice-Reitora: Profa. Sandra Regina Goulart Almeida

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Profa. Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor: Prof. Rui Rothe-Neves

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen

Gustavo Cerqueira Guimarães

SUBEDITOR

Marcus Vinícius Costa Lage

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – A performatividade do futebol na cultura: identidade e gênero

Gustavo Cerqueira Guimarães (UFMG)

Paralelas

Marcus Vinícius Costa Lage

Resenha e Poética

Gustavo Cerqueira Guimarães

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Panfichi – PUC, Peru

Arlei Damo – UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda – FGV

Cleber Dias – UFMG

Edônio Alves Nascimento – UFPB

Euclides de Freitas Couto – UFSJS

Flávio de Campos – USP

Francisco Pinheiro – UC, Portugal

Gilmar Mascarenhas – UERJ

José Carlos Marques – UNESP

Leda Martins da Costa – UFF

Luis Maffei – UFF

Luiz Carlos Ribeiro – UFPR

Marcel Vejmelka – JGU, Alemanha

Mauricio Murad – UERJ

Pablo Alabarces – UBA, Argentina

Pedro Henrique Kalil Auad – UFU

Rafael Fortes – UNIRIO

Ricardo Gualda – UFPA

Rodrigo Caldeira Bagni Moura – UFRJ

Sérgio Settani Giglio – UNICAMP

Silvio Ricardo da Silva – UFMG

Simoni Lahud – UFF

Victor Andrade de Melo – UFRJ

Wilberth Salgueiro – UFES

Yvonne Hendrich – JGU, Alemanha

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Aline Sobreira
Gustavo Cerqueira Guimarães

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS – alunos da turma de Edição
em ambiente virtual, 2º/2016

Adriana Strehl Ferreira
Beatriz Chaves Fontenelle
Bruna Honório Viana
Circe Clingert
Daniela Mattos Menezes
Flávia Aparecida Andrade
Giulia Leroy Alves Marques
Iago Passos Souza
Isabella Aparecida de Souza Lisboa
Lorena Cristiane de Souza Camilo
Luiza Fontes Martins
Maria Alice da Silva
Mariana Gusmão
Melina Sousa da Rocha
Natália Rodrigues Rocha
Pedro Rena Todeschi
Thaís Rayanna Menezes Dalariva

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

IMAGEM DA CAPA DO PORTAL

Pablo Lobato (Brasil)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA DESTE NÚMERO

Eugênio Sávio (Brasil)
Tropeirão do Mineirão, 2009

Gênero e identidade no futebol

Gender and identity in football

O tema da seção **Dossiê** desta edição da revista *FuLiA / UFMG* é **A PERFORMATIVIDADE DO FUTEBOL NA CULTURA: IDENTIDADE E GÊNERO**, que propõe uma reflexão diversificada acerca da performance futebolística fora das quatro linhas em diálogo com o campo da linguagem e das ciências humanas.

Os artigos que compõem o dossiê resultaram do II Simpósio Internacional sobre Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, organizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e pelo Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016, em Belo Horizonte, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG e no Museu do Mineirão.

O dossiê aqui apresentado foi motivado pela temática predominante dos artigos selecionados para publicação, que abordaram predominantemente questões relacionadas ao gênero e à identidade.

Contamos com artigos provenientes das áreas de Letras, Antropologia, Comunicação, História e Ciências Sociais, submetidos por pesquisadores brasileiros e argentinos, o que demonstra a importância da revista para promoção do intercâmbio das produções acerca dos estudos futebolísticos na América Latina.

Nicolás Cabrera (Universidad Nacional de Córdoba) propõe em “Las resonancias del pasado: apuntes para un estudio diacrónico y sincrónico de una hinchada del fútbol argentino” uma abordagem antropológica para dar conta do fenômeno das torcidas organizadas – “barras bravas”. Para o autor, o tema é central nas narrativas acerca do futebol contemporâneo.

Já em “Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil”, de Soraya Barreto (UFPE), é apresentada

uma análise da cobertura realizada pelos portais de notícias pernambucanos sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015 e, especialmente, sobre a jogadora Marta. Como resultado, percebe-se o predomínio de discursos que obedece aos padrões do senso comum e contribui para a permanência de estereótipos e silencia-mentos acerca da mulher e do futebol feminino.

Por sua vez, Marcus Vinícius Costa Lage (UFMG) analisa as representações do América Futebol Clube de Belo Horizonte veiculadas pela revista *América: a voz dos americanos*, editada na capital mineira entre 1947 e 1950. Por meio de uma pergunta inicial já contemplada no título, “Revista *América: a voz dos americanos*?”, o autor demonstra o impacto do discurso do periódico ao enquadrar assuntos políticos do clube na cobertura futebolística, considerando a “perspectiva do lucro e do mercado editorial”.

Em “Se vencer o Palestra, vence a ‘bella’ e legendária pátria italiana: um estudo comparado dos Palestras Itália de São

Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933)”, Rodrigo Caldeira Bagni Moura (Universidade Salgado de Oliveira) contribui com uma análise comparativa entre o Palmeiras (1914) e o Cruzeiro (1921), com o objetivo central de apontar para o processo de afirmação dos dois times, “buscando compreender qual a importância do futebol no processo de inserção e pertencimento dos italianos nas duas capitais mencionadas e qual a contribuição dos Palestras para sedimentar a noção de identidade italiana entre os membros da colônia”.

Gustavo Andrada Bandeira (UFRGS) e Maria Nemesia Hijós (Universidad de Buenos Aires), em “Significados das emoções no futebol brasileiro e argentino: um diálogo em contextos etnográficos distintos”, procuram interpretar de que modo emoções e sentimentos são entendidos para a construção de masculinidades ou para as narrativas comerciais do ‘produto futebol’ narradas e representadas em dois contextos etnográficos distintos, Porto Alegre, Brasil, e Buenos Aires, na Argentina.

Fechando o dossiê, contamos com o estudo intitulado “Translações no Facebook: a controvérsia “Galo Machista”!? nas páginas de torcidas organizadas”, de Carlos d’Andréa, Leonardo Melgaço e Roberta Firmino (UFMG), que contribui para as reflexões sobre a controvérsia em torno da exploração do corpo feminino e do machismo no futebol desencadeada pelo desfile de lançamento do novo uniforme do Clube Atlético Mineiro, em fevereiro de 2016. Os discursos selecionados foram enunciados por torcedores nas páginas do *Facebook* de cinco torcidas organizadas do time.

Por sua vez, a seção **Paralelas** conta com o artigo intitulado “O futebol filmado: *Tostão, a Fera de Ouro* (1970)”, de Luiz Carlos Ribeiro de Sant’Ana (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro), que tece considerações específicas sobre o documentário *Tostão, a fera de ouro*, dirigido por Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. Esse texto é significativo na medida em que procura “circunscrever a produção da obra aos seus aspectos conjunturais mais gerais e no âmbito da feitura de películas sobre futebol até aquele momento”.

Por fim, a seção **Poética** conta com a reescrita da narrativa de minha autoria, “*El Minero* nas Ilhas GALÓPAGOS”, derivada da série intitulada “*El Minero: o atleticano, enfim, conhece a América Latina*”, publicada no *Ludopédio*.

Desejo a todos uma boa leitura!

Belo Horizonte, 21 de abril de 2017.

Gustavo Cerqueira Guimarães

Pesquisador da Faculdade de Letras da UFMG (PNPD-Capes),
membro do FULIA e coeditor da revista *FuLiA / UFMG*

Las resonancias del pasado: apuntes para un estudio diacrónico y sincrónico de una hinchada del fútbol argentino

The resonances of the past: notes for diachronic and synchronic study of one football supporters group from Argentina

Nicolás Cabrera

Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), San Martín / Argentina
Doutorando em Ciências Antropológicas, Universidad Nacional de Córdoba (UNC)
nico_cab@hotmail.com

RESUMEN: Las hinchadas –comúnmente conocidas como “barras bravas”– han devenido en un actor central de las prácticas y narrativas del fútbol contemporáneo. El escrito aquí presentado busca comprender la mutación histórica de un caso específico de ellas a partir de una lectura en clave generacional. Tomando los relatos y las trayectorias de sujetos de tres generaciones diferentes de la hinchada estudiada, el trabajo se articula sobre dos ejes fundamentales que dialogan entre sí: por un lado proponemos una dimensión sincrónica que pretende mostrar la interdependencia constitutiva que existe entre la lógica organizativa que adquiere la hinchada, los patrones de legitimación que estructuran su organigrama interno y las prácticas y representaciones asociadas a la violencia que se dan en un momento histórico específico; por el otro lado se presenta un eje diacrónico que busca leer en clave procesual y generacional los universos morales que posibilitan un complejo y dinámico repertorio de identificaciones, diferenciaciones y jerarquizaciones al interior de la hinchada a lo largo del tiempo.

PALABRAS CLAVES: Fútbol; Hinchadas; Violencia; Generaciones.

ABSTRACT: The members of Argentine football supporters groups (“hinchada” or “barras bravas”) have become a central actor of practices and narratives of contemporary football. This paper seeks to understand the historical mutation of a specific football supporters group from a generational point of view. Taking into account the testimonies and trajectories of subjects from three different generations of fans, the paper focuses on two fundamental axes that are related: on one hand we propose a synchronic dimension that aims to show the constitutive interdependence that exists between the organization of the fans, the legitimation patterns that structure their internal organization and the practices and representations associated with violence that occur in a specific historical moment; on the other hand a diachronic axis that tries to read in a procesual and generational key the moral universes that enable a complex and dynamic repertoire of identifications, differentiations and hierarchies within the football supporters group throughout the time.

KEYWORDS: Football; *Hinchadas*; Violence; Generations.

INTRODUCCIÓN

La proliferación de estudios históricos en torno al fútbol que se ha dado en las últimas décadas, no ha tenido un correlato en el abordaje diacrónico sobre las “hinchadas”.¹ Poco sabemos sobre el origen y la mutación histórica de estos colectivos que a fuerza de cantos, banderas y golpes se han convertido en actores principales de las prácticas y narrativas futboleras argentinas. Creemos que este relativo vacío bibliográfico² constituye un importante obstáculo para una comprensión en clave procesual de las distintas dinámicas sociales que atraviesan al fenómeno de las hinchadas argentinas. Este trabajo pretende ser un aporte en aquella dirección.

El escrito aquí presentado busca comprender la mutación histórica de la hinchada del Club Atlético Belgrano de Córdoba³ a partir de una lectura en clave generacional. A partir de la reconstrucción de trayectorias y relatos de personajes de tres generaciones diferentes de la barra, el trabajo se articula sobre dos ejes fundamentales que dialogan entre sí: por un lado proponemos una dimensión sincrónica que pretende mostrar la interdependencia constitutiva que existe entre la lógica organizativa que adquiere la hinchada, los patrones de legitimación que estructuran sus diferencias y jerarquías internas y las prácticas y representaciones asociadas a la violencia que se dan en un momento histórico específico; por el otro lado se presenta un eje diacrónico que busca leer en clave procesual e generacional los universos morales que posibilitan un complejo y dinámico repertorio de identificaciones, diferenciaciones y jerarquizaciones al interior de la hinchada a lo largo del tiempo.

¹ Cuando hablamos de “hinchada” nos referimos a un grupo de seguidores de un equipo de fútbol que se autoreconoce como colectivo y está fuertemente organizado. A lo largo del trabajo utilizaremos como sinónimos las nociones nativas de “hinchada”, “barra” o “Los Piratas”, con las cuales nuestros interlocutores se autoidentifican. Preferimos recurrir a esta terminología en reemplazo de la categoría mediática y estigmatizante de “barra brava”. Todas las categorías nativas se referenciarán entre comillas.

² Como antecedentes directos que abordan específicamente los orígenes y las mudanzas históricas de las hinchadas argentinas encontramos los trabajos de Amilcar Romero (1986) y Mariana Conde (2006). El libro de Julio Frydemberg (2011), si bien se reduce a Buenos Aires y no trabaja puntualmente sobre “hinchadas”, es una lectura imprescindible para comprender el escenario socio-cultural que posibilitó la formación de dichos colectivos.

³ El Club Atlético Belgrano, creado el 19 de Marzo de 1905, tiene su estadio en Alberdi, un barrio popular cercano al casco céntrico de la ciudad de Córdoba, Argentina.

Los datos aquí analizados fueron contruidos a partir de una perspectiva etnográfica que orientó un trabajo de campo desarrollado entre finales del año 2010 y finales del año 2015, con un receso anual durante todo el 2013. La experiencia etnográfica se basó en acompañar y registrar –mediante observación participante y entrevistas semiestructuras– las prácticas y representaciones de los miembros de la hinchada de Belgrano, tanto cuando acompañaban al equipo profesional de fútbol los días de competición, como en algunas situaciones cotidianas que no tenía “a la cancha” como epicentro.

LOS PIRATAS: “LA PRIMERA BARRA”

El primer antecedente de un grupo de hinchas fuertemente organizados en torno al equipo de fútbol de Belgrano bajo una auto denominación colectiva existió a finales de la década de 1950 y se llamó “La barra del pito”, en honor a una especie de silbato-flauta que algunos de sus miembros llevaban para “animar” en la tribuna. Los miembros de “La barra del pito” eran todos socios de club. Durante los partidos se congregaban en la tribuna “platea”, sin superar los quince miembros aproximadamente. Todos ellos eran hombres mayores de edad que, en los días de semana, solían reunirse en las instalaciones del club.

En 1968 Belgrano accede a jugar por primera vez un torneo Nacional de la Asociación del Fútbol Argentino (AFA). Esto implicaba que el equipo profesional comenzaría a jugar contra equipos de otras provincias. El nuevo escenario no sólo incrementó la cantidad de espectadores en las tribunas sino que demandó una mayor organización de la hinchada. Es en este marco que nace, en 1968, “La barra de Los Piratas”. Aunque existen diferentes versiones sobre el momento inaugural de la hinchada, la “oficial” fecha la fundación de la barra el 9 de julio de 1968, en el Bar de Zingarella –otros dicen que fue en una ferretería– ubicado en la calle Arturo Orgaz. Allí se reunieron sus primeros integrantes, labraron un acta y fundaron Los Piratas. Esta hinchada se transformaría en “la primera barra de Córdoba” y, para muchos, en “la primera barra del país” ya que era la única que viajaba a otras provincias a “alentar” a su equipo.

En cuanto las razones de la nominación “Los Piratas”, la pluralidad de versiones resiste cualquier intento de precisión histórica. Aquí sólo podemos decir que en todas ellas el nombre se vincula a ciertas prácticas asociadas a la transgresión –por ejemplo, el robo y saqueo a almacenes que se encontraban en las rutas– o a códigos normativos que prescriben relaciones de solidaridad entre los pares.

Aquellos orígenes de la hinchada operan como un mito fundacional permanentemente recuperado, reactualizado, disputado, resignificado y hasta negado en el ejercicio de memoria de las generaciones subsiguientes. Se trata de un primer significativo imprescindible para comprender lo que Elizabeth Jelin define como la *función política de la memoria*: una permanente disputa por el sentido de un pasado que estructura el presente y que condiciona los procesos de (re)construcción de identidades individuales y colectivas.⁴

EL POLACO: LA PRIMERA GENERACIÓN

El Polaco entra en compañía de un bastón. Su caminar tiene un ritmo que confiesa inmediatamente sus ocho décadas de vida. Nació en el barrio de Alberdi pero se creó en Providencia, un barrio de clase trabajadora que colinda con Alberdi, donde vivió hasta los 16 años. Durante esa época iba con un “grupito de amigos del barrio” a la cancha todos los domingos y se “colaban” por el baldío que daba a la tribuna de la calle Hualfín. En 1967, con el club próximo a ingresar al torneo nacional, El Polaco vuelve a la cancha. Dos años después, él comienza a reunirse con Los Piratas principalmente en las previas del partido y en las reuniones semanales que ellos tenían en el Bar de Luna –un boliche debajo de la tribuna popular local del estadio que hacía las veces de punto de encuentro del grupo.

Las actividades de la barra comenzaban varias horas antes del partido. La “previa” empezaba tres o cuatro horas antes del encuentro, preparando bombos, redoblantes, trompetas, banderas y “papelitos” para tirar en el recibimiento al equipo. Allí también se ensayaban, entre asado y alcohol, canciones para entonar en la tribuna.

⁴ JELIN. *Los trabajos de la memoria*.

Durante el cotejo deportivo la Barra de Los Piratas se ubicaba en la tribuna “popular”, detrás de uno de los arcos del campo de juego. Esto marca una primera diferencia con la “Barra del pito”: como dice El Polaco, mientras que esta última era “una barra de platea”, Los Piratas era “gente más popular”. Ya en esa época existía un diferencial monetario entre el costo del ingreso a la “platea” y el de la “popular” que se traducía en una distinción de origen social de los asistentes.

Además de los momentos de socialización en las previas, durante y luego de los partidos, existían reuniones semanales que convocaban a los integrantes de la barra los días jueves en el Bar de Luna. Allí, entre música y bebidas, se discutían cuestiones organizativas internas de la barra, en un clima que El Polaco describe como “totalmente democrático”:

–Sí, era todo tan democrático, Nicolás... era todo tan democrático... no como ahora ¡Se votaba! Se votaba, se hacía una lista [de a] quién podíamos elegir de presidente. Y nosotros votábamos. El flaco Mario Cardozo estuvo un montón de tiempo, como dos o tres periodos estuvo. [Él] era un... no era un grandote, un oso, un monstruo... ¡No! Era un flaquito que no le hacía mal a nadie ni le pegaba a nadie, ni ofendía a nadie. Era una dulzura de tipo... ese era el presidente de Los Piratas.

La descripción del “flaco Mario” centrada en su “dulzura”, en su no apelación a la fuerza y la insistencia en el carácter “democrático” de la reunión para la elección de autoridades traza una frontera que se vuelve inteligible como totalidad en su discurso sobre las prácticas violentas: una línea divisoria entre la “vieja” forma, democrática y pacífica, y una “nueva” forma, basada en la fuerza y el autoritarismo

–¡Había una sola lista! [...] y allí este... una noche habían elegido ya el presidente y estaban eligiendo los demás cargos para abajo, vocales, y me dice El Negro Cábala, uno de los bombistas, eh... me dice... Polaco, porque ese era el apodo que ellos me habían puesto... “¿Vos querés integrar la comisión directiva?” ¡Sí! Le digo ¡Si siempre vengo! ¿Cómo no voy a querer integrar la comisión? Bueno, y me anotaron. Entonces allí, este... fui incluido en esa comisión eh... año `69, o sea, un año después que los piratas se... Bueno, y ahí empezó que yo también empecé a viajar con ellos, a compartir muchos viajes, muchas historias, muchas vivencias.

La lógica organizativa de la hinchada tenía un organigrama de tipo asociacionista que emulaba el formato jurídico-social de los clubes como asociaciones civiles sin fines de lucro. Había presidente, vicepresidente, secretarios, tesorero y vocales, todos elegidos “democráticamente” y postulados en

lista única. Esto no significa que no existiesen subgrupos o “filiales”, pero todas ellas se aglutinaban bajo una lista que representaba la totalidad de las facciones. Los criterios colectivos de evaluación y los patrones de legitimación sobre la elegibilidad en cargos de “dirección” habrían residido fundamentalmente en la evaluación del “compromiso con la barra”, la asiduidad en los eventos propios de la hinchada, la “solidaridad” con los pares y cierta idoneidad para cuestiones logísticas (como la organización de eventos recaudatorios para financiar las actividades y elementos de la hinchada).

SOCIABILIDAD Y VIOLENCIA

Los viajes que Los Piratas realizaban por todo el país, acompañando las presentaciones del equipo profesional del club, funcionaban como rituales de gran importancia en torno al afianzamiento del sentido de pertenencia grupal, al mismo tiempo que delimitaban identificaciones, diferenciaciones y jerarquías hacia el interior de la barra. Los largos recorridos interprovinciales operaban como espacios vitales de sociabilidad y, al mismo tiempo, como instancias de evaluación colectiva sobre el nivel de fidelidad y compromiso de sus integrantes con el club y con la hinchada.

Al mismo tiempo, el origen de clases populares de muchos de los integrantes de la barra que salían por primera vez de la provincia de Córdoba en estos eventos, tiñe la experiencia de un fuerte valor material y simbólico: el conocimiento de lugares y ciudades relativamente inaccesibles por otros medios. El mismo Polaco nos decía que los viajes eran “experiencias muy gratas porque fueron las únicas veces que yo he salido a otra provincia”.

Los viajes nos aparecen, al mismo tiempo, como llave metodológica de ingreso a los universos morales de la generación del Polaco y de las fronteras que él construye con las generaciones siguientes: la dimensión del interés económico en la barra y las prácticas de violencia en su relato.

El Polaco es enfático al trazar el límite: “muchas cosas que no eran como ahora”. Marcando una fuerte discontinuidad con el presente, aclara que “en aquellas épocas” la barra conseguía sus propios recursos (económicos) rifando

pelotas, camisetas, asados u organizando peñas. Si bien El Polaco nos aclara que no quiere referirse a los “negocios” de ahora pero en la enfática positivización del carácter autogestivo de la antigua barra se trasluce cierto rechazo a las supuestas actividades clandestinas con las que la barra se financiaría actualmente.

La diferenciación es más taxativa aún en cuanto a los sentidos en torno a la violencia. El Polaco reconoce su participación en varios enfrentamientos de la barra, aunque los define como “casos aislados”. En más de una ocasión comenta que cuando jugaban contra otros equipos locales en Alberdi –incluido el Club Atlético Talleres–⁵ la hinchada visitante pasaba caminando por la misma tribuna que la local sin que esto generara ningún altercado. Relata, además, que entre las “cúpulas” de las barras existía “buena relación” y entre el resto de los hinchas había “cargadas normales, pero de boca nada más, nada de ofensas, ni de riñas, ni de amenazar [...] era un partido de fútbol y nada más”.

El discurso nativo de esta generación no niega la existencia de fenómenos violentos, aunque regulados por rígidos códigos de conducta fundados en cierta moralidad masculina de la caballeridad y el honor (sobre los motivos legítimos para una “reacción” violenta, siempre defensiva, nunca promotora del conflicto físico), y más explícitamente en mecanismos civilizatorios autorreguladores⁶ que diferencian esta generación del tipo de violencia que practicarían las generaciones sucesorias.

–Acá en Belgrano nada que ver, no sé en la hinchada de Talleres, de Instituto, en otros equipos no sé, pero acá en Belgrano te digo ¡Los Piratas del '68 eran señores!, Señores... no robaban, no peleaban... por ahí, bueno, si alguno se ofendía, bueno, algún par de piñas había [...] la barra de Belgrano, ir a provocar un desorden, una pelea, no...

“Los Piratas del '68” eran “señores”, no por rehuirle al enfrentamiento físico, sino porque ejercían la violencia en condiciones defensivas y bajo parámetros normativos, como el uso exclusivo del cuerpo como herramienta de combate y la negativa a utilizar armas de fuego o armas blancas, en conflictos

⁵ El Club Atlético Talleres es el “clásico” histórico de Belgrano. Entre ambos equipos existe una histórica rivalidad que progresivamente se fue trasladando a las tribunas, esta disputa entre hinchas va desde humoradas cotidianas hasta enfrentamientos violentos cuerpo a cuerpo, principalmente desde comienzos de la década del setenta y ochenta hasta la actualidad.

⁶ Cf.: ELIAS. *El proceso de civilización* (1993).

caracterizados como absolutamente contingentes y localizados, sin propagación más allá de los límites espacio-temporales de la riña.

-En aquellos años, porque yo también estoy con setenta años encima, en aquellos años en las canchas, yo creo que esto fue toda la vida, que siempre hubo algún desacuerdo, desentendimiento y venían la piñas; pero en aquellos años, era una diferencia abismal con hoy... eran trompadas *limpias*, se terminaban las trompadas y no se usaban armas. Terminaban las trompadas bueno cada uno a su casa. [...] Eran peleas, digamos, de *hombre*, se sacaban la bronca del momento a trompada limpia ¡Y chau! Cada uno a sus casas, no era como ahora que balas, armas de fuego, cuchillo [...] Al otro domingo a lo mejor nos encontrábamos de nuevo o a lo mejor nos abrazábamos a las risadas o a lo mejor jugábamos normal como si no hubiera pasado nunca nada. Así era antes. Ahora ya no, ahora hay una especie de odio, de rencor, de... no sé cómo... digamos... se ha perdido la cultura deportiva.

Este universo moral, generacionalmente asociado al Polaco, se encarna y cristaliza en lo que él define como la “cultura deportiva”: un mundo de la hinchada en espejo al mundo del campo de juego, con reglas de “juego limpio”, con formas de violencia “limpia”, “sana”, “medida”, “regulada”. Una violencia fuertemente normativizada e higienizada que estaría inmaculada de las distorsiones propias de “la violencia de hoy”. Esto pone de manifiesto la complejidad del relato nativo sobre la violencia, que antes que interdicciones absolutas propone apreciaciones con fronteras de legitimidad y tolerancia móviles, singulares y localizadas.

CARLOS: SEGUNDA GENERACIÓN

La charla es intermitente y poco fluida. En menos de veinte minutos de entrevista, Carlos saludó a varias de las personas que pasan por la plaza: “a mí me conoce todo el mundo”, nos dice con una sonrisa llena de picardía y soberbia. Para recibirnos, “se hizo un tiempo” en el trabajo. Es empleado del estado municipal de Córdoba desde el año 1988, gracias a los contactos que supo cultivar con el radicalismo⁷ desde el retorno a la democracia. Según Carlos, este “contacto” se forjó en sus años con la hinchada. Con cincuenta y cinco años de vida, Carlos tiene una trayectoria en

⁷ “Radicales”, en Argentina, refiere a los miembros del partido político Unión Cívica Radical–UCR.

la barra tan ecléctica como constante. Hace más de veinticinco años forma parte de la hinchada pero fue perteneciendo a distintas facciones dentro de la barra.

Carlos comenzó a frecuentar la cancha de Belgrano a fines de la década de 1960. Con 12 años de edad, se las ingeniaba para entrar gratis al estadio junto con su amigo Pablo. Su aproximación a la barra se dio cerca de 1980, de la mano de un grupo conocido como “La banda de la Bajada”, en referencia a una villa miseria⁸ conocida como “La Bajada”, un asentamiento cercano al club donde Carlos vivió durante varios años. Esos comienzos, sobre todo con el retorno de la democracia, son rememorados por nuestro interlocutor como “tiempos de guerra”, debido a la permanente y sistemática violencia que atravesaba a la hinchada. Los principales contrincantes eran las barras de diferentes equipos y la policía, aunque ocasionalmente también existían conflictos internos esporádicos. “La banda de la Bajada” era, según Carlos, “un bandón de la concha de su madre”, “muy respetada” por su ferocidad en los enfrentamientos físicos: “los vagos tenían en mente solamente pelear, pelear, pelear... no había cabeza de grupo”. Según Carlos, “La Bajada” era reconocida en la hinchada por el “descontrol” de sus miembros, principalmente en referencia a sus competencias corporales para el combate físico y al consumo habitual de estupefacientes ilegales y alcohol. Según su relato, tenían un “cartel⁹ [que hacía] que el mundo le tuviera miedo a la Banda de la Bajada y nosotros éramos, más o menos, cincuenta monos que se paraban los cincuenta”. El mismo Carlos, haciéndose eco de ese “ciclo”, se describe a sí mismo retrospectivamente:

[Un] barderazo bárbaro. Tenía veinte y pico de años, por eso te digo, todo tiene su ciclo. Si vos me decís ahora, yo ahora no me chupo, no me drogo, nada, nada, de nada. Pero antes, de los trece hasta los... cuarenta y pico, he chupado, he tomado merca, he sido un loco de la guerra bárbaro [...] Yo era conocido por ir al frente, por el aguante.

⁸ Nominación popular con la que se conoce a los asentamientos informales urbanos que en Argentina empezaron a construirse a partir de la década del treinta del siglo XX aproximadamente.

⁹ “Cartel” es una metáfora nativa que refiere a la supuesta fama o reconocimiento que otros dan a cierto grupo o persona.

Carlos parece ser un claro exponente de lo que muchos autores han definido como la “lógica del aguante”¹⁰ en tanto sustento legitimador de las prácticas violentas que estructuran a las hinchadas argentinas. “Tener aguante” –y demostrarlo efectivamente– significa poseer una actitud corporal que no sólo no rehúsa los enfrentamientos violentos, sino que los provoca y los valora positivamente. Apoyado en complejas nociones vinculadas al género –la pelea como forma de afirmar la masculinidad–, los territorios –una cartografía dividida en territorios propios y enemigos–, ciertos consumos –inversión de los estigmas sobre las drogas y el alcohol– y una fuerte retórica belicista –“tiempos de guerra”–, la noción de “aguante” resulta útil para caracterizar todo un período donde la violencia física fue ganando terreno en tanto recurso de valor, prestigio, reconocimiento y respeto al interior de las hinchadas.

VIOLENCIA Y FRAGMENTACIÓN

En 1984, tras un partido jugado entre Atlético Tucumán y Belgrano en la provincia de Tucumán, un hincha del equipo local es asesinado de una puñalada en la tribuna donde se concentraba la barra de Belgrano. Tras ese episodio, Carlos termina preso identificado en el episodio a partir de una foto publicada en el periódico La Gaceta. Después de aquel acontecimiento, él y Pablo, su amigo de la infancia, fundan una nueva facción de Los Piratas llamada “La 2004”. Carlos justifica la necesidad de esta agrupación en su disconformidad con “los manejos de dinero” que realizaba El Cabezón Jorge, líder de una facción de Los Piratas que llevaba su nombre y a la cual pertenecía el grupo de “La Bajada”. Según Carlos, con Pablo pudieron convertirse en líderes de “La 2004” por su “fama de guapos”.

Desde mediados de la década de 1980 comienzan a sedimentar dos características fundamentales de Los Piratas que, según Carlos, se extenderían durante las subsiguientes décadas de 1990 y 2000: primero, un alto nivel de violencia localizada principalmente en los estadios o sus adyacencias, durante los

¹⁰ Cf.: ARCHETTI. *Fútbol y Ethos*. ALABARCES. *Crónicas del aguante*. GARRIGA. *Haciendo amigos a las piñas*. MOREIRA. *Trofeos de guerra y hombres de honor*. GIL. *Hinchas en tránsito*.

días de partido o en los viajes que la hinchada realizaba por el país. Esta violencia y el desarrollo de una enorme capacidad para su ejercicio son axiológicamente positivizadas en el discurso de los miembros de esta generación. Un grupo que peleaba constantemente se consideraba digno de “respeto” –“cartel”– y era reconocido por sus pares. Alguien con “fama de guapo” o “aguante” –como Carlos o Pablo– accedía, por ello, a la posibilidad de liderar una facción.

En segundo lugar, se observa que la estructura organizativa interna de la barra va asumiendo una forma en la que predomina la heterogeneidad de grupos, facciones y liderazgos que, aún identificados bajo el nombre de “Los Piratas”, no estaban exentos de conflictos internos y reconfiguraciones permanentes. Existe, en esta época, una dispersión de la hinchada que la asemeja a un archipiélago de grupos que responden a liderazgos disimiles, valorados fundamentalmente en función de las prácticas violentas.

ENTRE LO “VIEJO” Y LO “NUEVO”

Desde la fundación de “La 2004”, Carlos ocupó una posición jerárquica en la barra de Los Piratas en tanto líder de aquella facción. Desde el año 2004, el grupo cambia de nombre a “La 19 de marzo”, en referencia al día del aniversario del Club Atlético Belgrano. Carlos estuvo al frente de este grupo hasta que, en el período 2011-2012, la hinchada entra en un proceso de reorganización interna que termina con la monopolización de la tribuna por una sola facción y la expulsión de “La 2004”. Nos detendremos en la visión de Carlos sobre la mutación que presencié en los últimos años en relación a las lógicas de la hinchada y las transgresiones asociadas a ella.

El proceso de reconfiguración de la barra se narra en clave de conflicto intergeneracional. Carlos construye una mirada despectiva sobre las prácticas y los consumos de los integrantes más jóvenes de la hinchada. Los describe como personas “sin códigos” (“quieren ir a picotear¹¹ a cualquiera”) e imprevisibles en cuanto a normas de conducta, y justifica su diagnóstico con el relato y la descripción de sus propios consumos y prácticas de transgresión:

¹¹ “Picotear” es una noción nativa que refiere a la acción de golpear ferozmente a uno o a pocos sujetos que se encuentran en clara inferioridad numérica en relación a sus agresores.

–[Hoy] se viene toda la guachada, que está toda perdida, está toda drogada, está toda alcoholizada. Entonces, no le importa un... “andá a hablar”... ¡Nada, las pelotas! Están dados vuelta [...] el querer ir a picotear a cualquiera persona, ir a sacarle cualquier cosa, porque si no más, por el estado en la cual está ¿Me entendés? Y como están todos iguales, no saben lo que hacen, no saben lo que hacen. Yo he visto cada cosa en los baños y he parado broncas... Viejitos que van a la popular, que de pronto se van al baño, porque se quieren echar una meada y se llevan la radio, porque son esos viejos de oreja de coso (imita con la mano en la oreja) y sí... le sacan la radio ¿sabés las veces que le he hecho devolver las cosas? Vos no sabés. Esos códigos antes, no se hacían, no existían [...] calculá, hoy se perdió todo, hoy no existe nada. Por eso se hace muy difícil también controlar. Hoy por hoy, no son los pibes que eran hace veinte años atrás.

Carlos marca un quiebre abrupto entre los “códigos de antes” y las prácticas de “hoy”. Los jóvenes de la barra se perciben como “incontrolables”. El contexto se tiñe de una violencia creciente que no se regula por los antiguos preceptos normativos (la prohibición moral de robar en la tribuna y a los propios hinchas de Belgrano o a personas adultas mayores) y que se agrava por el consumo desmedido de alcohol y drogas. Carlos traza una frontera moral entre generaciones, a partir de la cual los “jóvenes de hoy” se definen como un grupo caótico, incomprensible, violento, vicioso, “perdido”, debido a su violencia desenfrenada y su falta de respeto por las jerarquías de la hinchada.

El discurso contencioso a partir del cual estos procesos de diferenciación se generan no sostiene linealidad ni consistencia lógica. Las prácticas que Carlos condena entre los jóvenes actuales en la barra no difieren demasiado de las propias experiencias de “descontrol” que narra sobre sí mismo en su juventud. En este sentido, lo que Carlos expresa no es tanto un juicio moral contra las prácticas de transgresión de los jóvenes, sino un proceso de descalificación simbólica a partir de sistemas clasificatorios de matriz moral. En otras palabras, lo que está en juego en su narrativa no es la valorización del orden social imperante en la tribuna, sino las disputas generacionales actuales en el interior de la hinchada.

Por otra parte, la ambivalencia que condensa todo el testimonio de Carlos sobre las prácticas violentas – ayer positivizadas, hoy condenadas – no puede ser reducida ni a una disputa generacional ni a una metamorfosis biográfica-personal. Estos “desajustes” responden, principalmente, a que a Carlos le tocó experimentar un momento *bisagra* en la construcción de los patrones valorativos que

estructuran la organización interna de la barra. Se trata de un momento de transición entre patrones de legitimación diferentes a la hora de estructurar las membrecías y jerarquías propias de la hinchada; una convergencia de dos procesos que parecen estar indisolublemente ligados.

La denostación discursiva de los más jóvenes como “agentes del caos” cristaliza el ocaso de un período en el que la capacidad de combate, el uso desproporcionado de la fuerza y el “aguante”, eran considerados como los principales recursos legitimantes para acceder a posiciones de liderazgo y jerarquía en la estructura organizativa de la barra.

Por otro lado, los relatos de Carlos muestran la identificación de un cambio en los patrones valorativos de liderazgo que tendieron a cierta racionalización civilizatoria de la organización. En los últimos años el uso de la “fuerza” como capital vital de los líderes de fracciones va dejando lugar al recurso de la “cabeza” de los referentes de la barra. El principio legitimador de la autoridad en la hinchada parece desplazarse de las competencias corporales para las prácticas violentas hacia las cualidades vinculadas a los “tratos interpersonales”, la capacidad de construir redes de reciprocidad, obtener recursos monetarios y la “inteligencia” para resolver conflictos sin necesidad de echar mano al recurso de la fuerza.

–Llegaron otros tiempos, porque cambiaron de dirigentes [el club], en donde no era el más fuerte el que iba a pelear, el que iba a llevar todo por delante. No. Si no [que] era más fuerte el que era más inteligente y en eso, le sacaba varias cabezas a un montón. Muchas veces por esto, por esto, porque te vas haciendo de mente... [Y] de contactos ni hablés ¿sabés lo que vale esta agenda? [...] Yo hablo con cualquiera de los jugadores actuales. Debo tener de diez jugadores contactos. Sé cuánto cobra cada uno, qué es lo que dejan, a quién se lo dejan, a dónde dejan la coima... eh... qué pasa internamente. Hay muchas cosas que el común de la gente, el hincha, no sabe.

MAURO: TERCERA GENERACIÓN

En el cuarto de Mauro no hay ni un rincón que descanse del color celeste. “Belgrano” decora cada centímetro de la habitación en la que vive desde que nació junto a sus padres y hermanos. En igual proporción que al club, la parafernalia decorativa refiere a la simbología de “Los Piratas celestes de Alberdi (en adelante

LPCA): la primera barra”.¹² Como él mismo lo expresa: “Soy más hincha de la barra que de Belgrano”.

Con 28 años de edad, Mauro es el “referente” máximo de la “música de la barra”: organiza el grupo de los bombos; junto con Turi coordinan los “vientos” y con Pato inventan las canciones y deciden su secuencia durante los partidos. Mauro también diseña y vende ropa de la barra. Él es joven en relación a la jerarquía que posee en la hinchada. Sus allegados lo describen como una persona inteligente, con firme voz de mando, compromiso total con la barra y con lazos familiares con personajes “históricos” de la organización: Mauro es la tercera generación de su familia que participa activamente en la barra. Su padre, miembro de Los Piratas durante décadas, hoy cercano a los 60 años de edad, fue quien les transmitió a él y a su hermano mayor la doble pasión por Belgrano y por la barra.

–Bueno, lo de Belgrano es familiar, está en la sangre, yo ya tengo el gen pirata desde que nací. Mi viejo era de Belgrano y de chiquito me lo inculcó, del hecho de comprarme todo celeste, o cuidar de no tener nada azul.¹³ Por ejemplo, no me compraba la ropa deportiva Adidas porque era azul y blanca [...] Y al principio mi viejo no me llevaba. Pasa que la cancha cambió mucho. Antes había mucho bardo, había cosas que no se podían ver y él estaba con la barra, entonces él no me llevaba todos los partidos. [...] Casi siempre fui a la popu, pero viste que antes no estaba lo de los carnet ni los socios, entonces a veces mi viejo sacaba platea o preferencial pero casi siempre en la popu. Mi viejo me llevaba y me quedaba en el para-avalancha principal del viejo, ahí quietito y no me dejaba moverme de ahí. Yo miraba más a los locos parados en los caños que al partido: yo quería estar ahí.

Mauro percibe un cambio abrupto en la dinámica de la hinchada en los últimos años. Un primer elemento de esta transformación es la reconfiguración interna del organigrama Pirata. Hasta el período 2010-2011, en la hinchada de Belgrano convergían cinco facciones: “LPCA” que es la facción más antigua y está encabezada por el Loco Beto;¹⁴ “La 19 de Marzo”, comandada por Carlos (visto aquí como la “segunda generación”) y su amigo Pablo; “La banda del Jetón Marcos”, con líder homónimo; “La Barra de Chocu y Javier”, en referencia a quienes habían sido

¹² “Los Piratas Celestes de Alberdi “(LPCA) es una facción de Los Piratas que reconoce una filiación directa con “Los Piratas del 68”, la primera generación de Los Piratas que aquí personificamos en el Polaco

¹³ Uno de los colores del principal equipo rival: Talleres.

¹⁴ El Loco Beto es un personaje de rango casi mítico en el universo moral de la hinchada. Comanda la facción LPCA hace más de veinticinco años y desde aproximadamente 2010 es el líder máximo de la hinchada por la posición hegemónica de su propio grupo.

sus antiguos jefes; y “La Fraternidad”, liderada por el Flaco Rubén. Todos los grupos anteriormente nombrados conformaban la hinchada de Belgrano, autodenominada Los Piratas.

Si bien entre las distintas facciones parecía haber una paz inestable interrumpida por esporádicos enfrentamientos internos, había un precario acuerdo acerca del lugar y el peso de cada grupo: LPCA ocupaban la posición de “establecidos”,¹⁵ mientras las otras cuatro facciones quedaban relegadas a posiciones marginales. A pesar de esta convivencia relativamente pacífica, todos nuestros interlocutores percibían a la tribuna popular como un territorio profundamente violento e “incivilizado”.¹⁶ En las entrevistas y registros etnográficos correspondientes a dicha etapa son recurrentes las referencias a robos, enfrentamientos violentos contra la policía o contra las hinchadas de los equipos adversarios, peleas esporádicas entre hinchas de Belgrano, prácticas agresivas contra las mujeres en la hinchada, consumo permanente y público de sustancias ilegales, desorganización para las puestas en escena desplegadas en la tribuna y una relativa vacancia de autoridades fuertes en la hinchada.

Entre los años 2011 y 2012, aquel orden social simbolizado como “anómico” fue fuertemente trastocado cuando LPCA comenzó una ofensiva de monopolización territorial basada en la expulsión violenta de las otras facciones de la tribuna popular. Este proceso implicó un incremento de los enfrentamientos violentos ocurridos en este espacio durante días de partidos¹⁷. Todas estas peleas tuvieron una dinámica similar: enfrentamientos cuerpo a cuerpo que disputaban la ocupación de la espacialidad de la facción derrotada y su expulsión de la tribuna. De esta manera LPCA “corrió” de la “cancha” una por una al resto de las facciones hasta hacerse del control total de la tribuna popular. Esto no significa que la violencia entre facciones haya desaparecido, sino que fue desplazada, *privatizándose*¹⁸ y

¹⁵ ELIAS; SCOTSON. Os estabelecidos e os *outsiders*.

¹⁶ ELIAS. *El proceso de civilización*.

¹⁷ Es muy importante recalcar que este aumento exponencial de los enfrentamientos internos entre facciones de Los Piratas se da en el marco de la prohibición del público “visitante” decretada por el Estado Nacional a partir del año 2006 para los torneos de ascenso y a partir del 2013 también para la primera división del fútbol argentino.

¹⁸ El concepto de “privatización de la violencia” es utilizado en el sentido empleado por Elias (1993) y Spierenburg (1998). Este no refiere a la transferencia del monopolio de la violencia física del Estado a sectores privados producto de una hipotética mercantilización, sino como el

desarrollándose “detrás de bastidores”,¹⁹ en momentos y espacios ajenos a los espectáculos deportivos estrictamente considerados.²⁰ Esto conllevó un correlativo aumento exponencial de las disputas entre facciones del mismo club en detrimento de los enfrentamientos contra policías o hinchadas de equipos rivales. También aumentó comparativamente la cantidad de víctimas fatales, en parte por el aumento de los enfrentamientos, en parte por el mayor uso de armas de fuego.

La nueva figuración de Los Piratas, bajo el dominio y monopolio de LPCA, se caracteriza por un orden de pacificación fundado en el monopolio de la violencia por parte de la facción triunfante y un consiguiente rechazo contra (otras) expresiones de violencia física en la tribuna. De esta manera, LPCA asume metonímicamente la representación como unidad totalizante de la hinchada de Belgrano, refundando los lazos de interdependencia entre “establecidos” y “outsiders”, ya no como “facciones” en disputa sino como “subgrupos” de LPCA.

En este período de violencia privatizada y tribuna monopolizada y pacificada, los cambios más sustanciales en torno a la hinchada se organizan en dos ejes: los umbrales de tolerancia a distintas expresiones de violencia y los patrones de legitimación que estructuran los principios de autoridad internos en la hinchada.

“LA VIOLENCIA YA NO VA”

Mauro nos muestra un recorte de diario del año 2001. En la foto se reconoce el Loco Beto, líder de LPCA, rodeado de varias personas. Mauro nombrar uno por uno a los de la foto y marcando con el dedo índice nos cuenta: “Ahí está mi hermano y ¿Ves ese gordito? Soy yo. Era una época muy distinta a la de hoy”.

Cambió el ambiente. Antes era más pesado, y eso cambió. No sé si también cambió la sociedad, que ahora estamos mejor. [...] Hoy cambió por ejemplo la inserción de la mujer: antes vos tenías tres o cuatro viejas en la cancha. Hoy va la familia, está lleno de minas, si antes pasaba una sola mina toda la tribuna le

aumento de los umbrales de intolerancia a la violencia en la vida pública cotidiana –tomando a los estadios durante los días de partido como el espacio público por excelencia del fútbol en general y la hinchada en particular. El concepto refiere al proceso en el que la violencia se traslada “detrás de bastidores” (Elias, 1993, p. 64).

¹⁹ ELIAS. *El proceso de civilización*.

²⁰ Después de la expulsión violenta de la tribuna por parte de una facción sobre las otras, algunas de ellas se siguieron enfrentando en espacios como bares, recitales, bailes de cuarteto, clubes barriales, domicilios privados, adyacencias de los estadios, entre otros.

cantaba “culeadora, culeadora”. [...] El otro día tuve que sacar un guaso de entre medio de los bombos porque estaba sacando fotos, fui y le dije “loco no puedes sacar fotos”. Se lo dije bien pero el tipo estaba ahí sacando fotos. Antes, imagínate, le choreaban la máquina. Lo del robo también fue un cambio grande. Antes la barra entraba a la cancha y la silbaban. Ahora muchos parecen más hinchas de la tribuna que del equipo.

Mauro narra una tribuna sin robos, sin acoso a las mujeres y sin los niveles escandalosos de consumo de sustancias que se observaban en períodos anteriores. En su relato se invisibilizan los enfrentamientos internos de la hinchada, mientras que esta última cobra aceptación y legitimidad entre la mayoría de los simpatizantes del club. Este proceso se erige simbólicamente bajo la idea de “la vuelta de la familia a la cancha”: una hinchada que es también lugar para los niños, las mujeres y los adultos mayores. Algo impensado en el período anterior, retratado en el relato de Carlos. En la misma línea, el discurso enfatiza la mayor relevancia del grupo de música en la hinchada, con su estética “carnavalesca” y “fiestera”, proporcional a la pérdida de valor de la capacidad de combate en los estadios.

La violencia ya no va, está muy condenada, ya no va más. Vos fijate las canciones. Hoy tienen frases que te llegan al alma, antes era “tomo pala, ando con fierro, no te parás”. ¿Cómo le explicás a una familia que cante eso? Si yo canto ese tema lo van a cantar dos o tres rochas y nada más. Cambia el público de la cancha y también cambian los temas. Ahora es cantar desde el sentimiento.

“DE LA FUERZA A LA CABEZA”

Mauro remarca y enfatiza algo que ya había esbozado Carlos para los finales de su período: que el “uso de la fuerza” continúa siendo un recurso válido, deseado y legítimo para construir autoridad y liderazgo dentro de la hinchada. De igual manera, la “trayectoria” en la barra y el “compromiso” demostrado aparecen como patrones de legitimidad complementarios.

En el relato de un “nuevo escenario”, con una tribuna más propensa a “la fiesta” que a la “violencia”, habilidades alternativas como la inteligencia, la logística organizativa y la capacidad para construir y movilizar contactos y redes de intercambios recíprocos parecen cotizar en alza.

–[Para ser referente] tenés que tener lucidez, liderazgo, sino tenés eso, chau. Y tenés que tener trayectoria, si no te cagaste de frío, si no viajaste, si no te cagaron a balazos de goma, si no te quebraron en Colón... tenés que tener historia. Yo por ejemplo, yo soy muy, muy... ¿Cómo se dice [se lleva la mano a la cabeza marcando el signo del pensamiento]? Muy de estar carburando siempre. Siempre pensando. Siempre trato de estar un paso adelante, en la cancha, en el trabajo. Si me agarras colgado es que estoy pensando. Aprendí a pensar antes de hablar. Eso es importante, eso lo aprendí de mi viejo.

ER: ¿Y a vos no te gustaría manejar la barra?

–Sería lindo, pero no, no tengo carácter. La maldad no la tengo. Ojo, no tengo nada contra el que lo hace, pero yo sí tengo cosas que perder. [...] Antes vos te parabas en la tribuna con veinte monos y la ganabas peleando. Ibas el martes al entrenamiento y decías “Ahora la manejo yo, quiero tanto por mes, tanto carnet, etc.”. Ahora tenés que conseguir los contactos, los teléfono de uno, el otro, la yuta,²¹ el comisario, el dirigente, y ellos te van a decir que sí o que no. Además te sacan fotos, te escrachan en el Facebook, los periodistas... no es tan fácil.

Las capacidades de combate no desaparecen como recursos valorados de liderazgo. Se necesita “carácter” y “maldad” para manejar una barra, de acuerdo con el relato de Mauro. La referencia a la “historia” o la “trayectoria” reafirma la lógica del “aguante”, de una corporalidad resistente a las penurias físicas y los golpes recibidos, cristalizada en el anecdotario de “viajes”.

El quiebre temporal, sin embargo, marca una discontinuidad fundamental con las prácticas generacionales previas. Antes la barra se ganaba “peleando en la tribuna”, ahora se la gana “tejiendo redes” dentro y fuera de los estadios. El desplazamiento de la violencia hacia afuera de los estadios está indisolublemente ligado a esta transformación en los criterios grupales de valorización. En un estadio violento el uso de la fuerza opera como el principal recurso legitimador. En cambio, en un estadio pacificado –e hipertecnologizado– la “cabeza” y los “contactos” emergen como los recursos más cotizados para los hinchas con pretensión de asumir posiciones de conducción y jerarquía.

REFLEXIONES FINALES

La historia del Polaco condensa sentidos sobre una hinchada fuertemente normativizada y autorregulada: una organización “democrática” y una violencia “limpia” y de “señores.” A diferencia de los períodos subsiguientes la violencia física no aparece positivizada axiológicamente como recurso legítimo para la

²¹ Categoría nativa que nombra a la policía.

resolución de conflictos y la acumulación de prestigio. La descripción del presidente de la barra opera como evidencia sintomática.

Esto no significa que las prácticas violentas no existan en el relato de la generación del Polaco. La violencia tiene un doble sentido identitario. Por un lado afirma una identidad de género: enfrentamientos entre “hombres”, entre “caballeros”. Aquí la caballerosidad se define por mecanismos civilizatorios de regulación²² a partir de un universo moral asociado al “honor” en el combate y a la “cultura deportiva” tributaria de los valores del amateurismo: el “juego limpio”, la representación de la alteridad como adversario antes que como enemigo, la tajante división de ámbitos (“es solamente fútbol”), el rechazo del lucro y la trampa, entre otros.

Por otro lado, los sentidos caballerescos de la violencia operan allí como diacrítico generacional. En los tiempos que suceden a aquella generación fundante toman importancia las motivaciones “económicas” y el incremento de los enfrentamientos caracterizados por el uso de armas blancas y de fuego. Tanto la economización de los lazos como la letalidad de la violencia emergen moralmente a contrapelo de los códigos normativos que caracterizaban a Los Piratas del 68. Mientras que el ingreso de intereses “espurios” rompe con los valores de la cultura deportiva amateur, las armas quiebran los códigos de honor de los antiguos “señores” que peleaban “limpiamente” con la sencillez de sus puños.

Las narraciones de Carlos describen, entre la década de 1980 y principios de la década de 2000, un mundo anómico y caótico en la hinchada de Belgrano. Ante esta lógica interna fuertemente desregulada en relación al orden anterior, la violencia física comienza a ganar terreno como principio estructurador del nuevo universo interno de la hinchada y la noción de “aguante” emerge como comodín explicativo para este contexto. La “cultura del aguante” entendida como una cultura de la violencia funciona como matriz organizadora de todo el repertorio de prácticas y representaciones propias de la hinchada.

Si bien la violencia continúa significando un recurso identitario de género fundamental, los modelos de masculinidad en los que anclan las periodizaciones generacionales difieren entre sí: los procesos de diferenciación entre la generación

²² ELIAS. *El proceso de civilización*.

del Polaco y la de Carlos se sintetizan en el mentado paso de “una ética de caballeros a una ética de hombres y machos”.²³

Al mismo tiempo, la violencia –la capacidad de “aguante”– funcionan como principal recurso legitimante que estructura las jerarquías organizacionales de la hinchada en los relatos de la segunda generación: en la barra, el prestigio y el respeto se dirimen por el “aguante”, acumulado sólo a partir de la participación sucesiva en enfrentamientos violentos y “viajes” donde se ponen a prueba las competencias corporales de idoneidad para la pelea, la resistencia física para las adversidades y capacidad de consumo de sustancias (alcohol y droga). En un orden social nativamente definido como “descontrolado”, los “barderos” logran revertir el estigma y traducirlo en signo de prestigio y marca identitaria de liderazgo en la organización de la barra.

La ambivalencia en las apreciaciones de Carlos sobre la legitimidad del uso de la violencia física y su doble estándar moral para juzgar a sus coetáneos y a la generación más joven se manifiesta como síntoma de un momento bisagra o de crisis en el que muda la interdependencia constitutiva entre la estructura organizativa de la hinchada, los sentidos de la violencia y los patrones de legitimidad que organizan el simbolismo interno de la barra. La ambigüedad discursiva de Carlos se vuelve certeza en los relatos de Mauro. Las significaciones de la tercera generación ponen en evidencia la manera en la que los umbrales de tolerancia a la violencia se trastocan al ritmo de una reconfiguración organizativa interna.

LPCA se erige como garante de un orden con altos umbrales de intolerancia a las transgresiones que ocurrían en los años precedentes. El contexto de una tribuna relativamente pacificada se corresponde con un organigrama interno que no sufre disputas ni cuestionamientos importantes de su representatividad ni de la legitimidad de su líder.

En un contexto pacificado, con reinserción de la familia, las tradiciones y la festividad en el estadio, la estigmatización del robo en la hinchada y la ausencia de las hinchadas de los equipos rivales visitantes, la violencia se desplaza espacial y simbólicamente, sin desaparecer: “la barra ya no se gana peleando”. Retoman valor

²³ ALABARCES. Diagnóstico y propuestas para la construcción de una seguridad deportiva en Argentina.

las capacidades organizativas, las redes de “contactos”, las competencias intelectuales y logísticas, y se revitalizan patrones de legitimación como la asiduidad y el compromiso personal en las tareas de la barra. Se vive una suerte de retorno las notas discursivas de la generación del Polaco, la de Los Piratas del 68. Sin embargo, el recurso a la violencia persiste en el razonamiento de Mauro acerca de la necesaria “maldad” para “manejar” la barra. La reputación continúa dependiendo de la ostentación de “balazos de goma”, “quebradas” y “peleas”. Tener “historia” en la barra continua implicando “tener aguante”.

Los patrones de legitimación en la hinchada no desaparecen, sino que sedimentan y se resignifican a la luz de cada contexto histórico y sus respectivas periodizaciones nativas. “El pasado” se repite, se actualiza, se resignifica, se silencia, pero siempre opera, siempre resuena de alguna manera. Los recursos no se eliminan ni se inventan de la nada, sino que sus pesos relativos se acomodan y la estructuración del universo moral muta otorgando la materia prima a partir de la cual las fronteras generacionales y la memoria histórica de la hinchada se producen.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo *et al.* Diagnóstico y propuestas para la construcción de una seguridad deportiva en Argentina. **Ímpetus**: Revista de la Universidad de los Llanos, Barcelona, vol. 7, n. 8, 2013, p. 59-65.

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

ARCHETTI, Eduardo. **Fútbol y ethos**. Buenos Aires: FLACSO, [s.d.]. (Monografías e Informes de Investigación, 7).

CONDE, Mariana. La invención del hincha en la prensa periódica. In: ALABARCES, Pablo *et al.* **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 21-39.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **El proceso de civilización**: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas**: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

GIL, Gastón. **Hinchas en tránsito**: violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior. Mar del Plata: Eudem, 2007.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

MOREIRA, Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, Pablo *et al.* **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 75-90.

ROMERO, Amílcar. **Muerte en la cancha, 1985-1985**. Buenos Aires: Nueva América, 1986.

SPIERENBURG, Pieter. Violencia, castigo, el cuerpo y el honor, una revaluación. In: WEILER, Vera (Ed.). **Figuraciones en proceso**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1998. p. 116-151.

* * *

Recebido para publicação em 20 out. 2016
Aprovado em 20 nov. 2016

Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil

Marta news: (in)visibility of women's football in Brazil

Soraya Barreto Januário

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife / Brasil
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa
sorayabarretopp@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa analisar a cobertura realizada pelos portais de notícias pernambucanos sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015 e, especialmente, sobre a jogadora Marta. Utilizamos como aporte teórico os estudos sobre futebol à luz das teorias de Gastaldo (2005) e Helal (2003) e dos estudos de gênero como Beauvoir (1980) e Goellner (2005). A metodologia proposta foi o estudo de caso descritivo e interpretativo, por meio da análise qualitativa dos discursos e espaços ocupados pelo campeonato mediante o monitoramento da mídia. Como resultados, emergiram padrões de representação e discursos dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Copa do Mundo; Mulheres; Economia Política da Comunicação; Gênero.

ABSTRACT: This article aims to analyze the coverage held by the news portals of Brazil about the FIFA Women's World Cup 2015, and specially, about the soccer player Marta. To carry out the research, we used as theoretical support the Football Studies in the light of the theories of Gastaldo (2005), Helal (2003) and Gender Studies with Beauvoir (1980) and Goellner (2005). The proposed methodology was a study of descriptive and interpretive case, through the qualitative analysis of the discourses and spaces occupied by championship through media monitoring. As a result, emerging patterns of representation and dominant discourses.

KEYWORDS: Football; World Cup; Women; Political Economy of Communication; Gender.

INTRODUÇÃO

O sociólogo Marcel Mauss (2003), ao debater o simbolismo e as relações sociais, advogou que a lógica mercantil moderna não substituiu as formas antigas de constituição de vínculos entre os atores sociais e relatou que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas. Mauss defendeu a existência de um fato social total que se revela a partir de duas compreensões de totalidade: a primeira baseada em um fenômeno complexo pelo qual estruturas sociais, tais como a família, a política, a educação, a religião, dentre outros, se manifestam e, portanto, mobilizam a sociedade e as suas instituições sociais em prol de um mesmo objetivo; a segunda, também no sentido de totalidade, de que a natureza desses bens produzidos pelas comunidades não é apenas material, mas também e, sobretudo, de natureza simbólica.

O esporte – e, particularmente, o futebol – parece ilustrar bem o conceito cunhado por Mauss, por meio das amarras sociais que o perpassam e o suportam, pelo seu caráter coletivo, social e popular. Nesse sentido, esse esporte pode ser percebido hoje como um dos grandes fenômenos socioculturais do século XXI, pois é capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade – do cultural ao econômico – se pensarmos em sua imensa capacidade de fomentar consumo. Com efeito, abarca uma gama de elementos subjetivos nas pessoas, tais como: paixão, emoção, medo, frustração etc. Tais características subjetivas impõem ao tema futebol uma difícil tarefa de análise e mensuração fiel.

O futebol foi naturalizado em estruturas associadas à construção da masculinidade e da virilidade (Januário, 2015). A própria designação de futebol feminino se torna excludente ao determinar a necessidade de especificar apenas quando o desporto é praticado por mulheres, o que confere um significado universal, mais uma vez, ao masculino em detrimento do feminino.

As masculinidades e as feminilidades são construídas simultaneamente em dois campos relativos às relações de poder: nas relações de homem com mulheres (desigualdade de gênero) e também nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade). E, por esses fatores, as características impostas ao feminino estiveram tão distantes de arenas esportivas

como a do futebol. Delimitar certos ambientes como impróprios para as mulheres é um claro mecanismo de disciplina, coerção e poder.

Diante do exposto, pretende-se, nesse artigo, analisar a cobertura midiática realizada pelos portais de notícia pernambucanos sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015, que decorreu no Canadá, entre 06 de junho a 05 de julho do referente ano, e foi transmitida pela TV Brasil (Canal Aberto). A sétima edição do evento teve alteração no número de países participantes, com a expansão de 16 para 24 seleções, aumentando o número de jogos de 32 para 52 no total. Apesar do aumento do número de países participantes, o torneio não ganhou a visibilidade que merece. Além disso, foi palco de algumas polêmicas, como o uso de grama artificial, o que dificulta o jogo e machuca as jogadoras. Vale ressaltar que todos os jogos dos campeonatos masculinos são realizados em grama natural. Sobre essa polêmica, reportagem do *site* Lancenet publicou:

Grama artificial dos estádios do Canadá foi aceito pela Fifa, mesmo sob protesto de atletas. Jogadoras correm maior risco de lesão, e futebol tem qualidade prejudicada. Enquanto na Copa do Mundo masculina de futebol é regra todos os gramados serem naturais, o Mundial feminino não ganha tal atenção por parte da Fifa. Sob protesto de jogadoras, a grama artificial dos estádios canadenses foi aprovada pela entidade suíça. Lá se foi a primeira fase do torneio, e as críticas por parte das atletas não diminuíram.¹

Apesar dos inúmeros apelos realizados por Marta, Cristiane e Formiga – jogadoras de destaque da seleção nacional –, a FIFA aprovou a realização do campeonato em grama sintética que, para além de prejudicar a performance da bola, o atrito em quedas pode causar ferimentos e queimaduras nas atletas.

No tocante ao corpus analisado para o presente artigo, foram selecionadas as notícias veiculadas pelos portais do Globo Esporte, torcedores.com, SportTV, ESPN e Esportes Uol, com o intuito de saber qual a visibilidade alcançada pelo certame e o comportamento da cobertura realizada por esses canais. É pertinente ressaltar que tal pesquisa decorreu no âmbito dos estudos realizados pelo OBMÍDIA – Observatório de Mídia da UFPE, que monitora e analisa o comportamento da mídia.

¹ LANCENET, 19/06/15.

FUTEBOL, ESPORTE PARA MENINAS?

Desde sua implementação nos gramados, o futebol tem sido um jogo praticado majoritariamente por homens e, portanto, vem sendo agregado na cultura como um interesse masculino “obrigatório” (Louro, 1995). No entanto, inicialmente o futebol foi entendido como um esporte de elites, que homens brancos e abastados praticavam. Apenas quando o futebol começou a fazer parte do cotidiano da população negra e classes populares, a presença feminina foi descartada com a justificativa de que “filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol”.²

Nessa perspectiva, a mulher foi sendo excluída dos espaços esportivos e de suas práticas. Cabe ainda ressaltar que a inserção da mulher em certos esportes, compreendidos como “de contato” possui um longínquo histórico de restrições e proibições. Desde os primórdios da história do esporte e do movimento olímpico, as mulheres eram proibidas de participar e, portanto, cabia-lhes apenas a entrega dos prêmios aos vencedores. Esse ato de entrega das premiações se estende até hoje com belos corpos objetificados como parte do prêmio (Januário, 2013). Esse pensamento iniciou seu processo de mudança no Brasil nas décadas de 80 e 90, havendo maior incentivo para esportes com maior contato físico, como judô, basquete e, claro, o futebol (Goellner, 2005).

O futebol foi naturalizado em estruturas associadas à construção da masculinidade e da virilidade (Januário, 2015). A própria designação de futebol feminino se torna excludente ao determinar a necessidade de especificar apenas quando o desporto é praticado por mulheres, o que confere um significado universal, mais uma vez, ao masculino, em detrimento do feminino.

Para Edison Gastaldo “a Copa do Mundo é um fato social de enorme importância na cultura brasileira contemporânea, e cujo acesso está estreitamente vinculado a seu caráter mediatizado”.³ Entretanto, é importante apontar que o campeonato comentado pelo antropólogo se refere à prática masculina, visto a notória invisibilidade da competição feminina. Dessa forma, é pertinente compreender como

² WITTER. *O que é futebol*, p. 58.

³ GASTALDO. Uma arquibancada eletrônica, p. 362.

se constroem esses distanciamentos e as relações de poder em diversas esferas sociais, dentre elas, o futebol enquanto fenômeno social.

Desde as célebres palavras de Beauvoir (1980) “não se nasce mulher, torna-se”, entendeu-se que o gênero seria um processo ambíguo de autoconstrução, onde a distinção entre sexo e gênero converte-se no “variado modo de aculturação corpórea, para além de um destino crivado na anatomia”.⁴ Para Butler, na assertiva de Beauvoir reconhece-se que, para se assumir as características de gênero, há que se submeter a uma condição cultural, que incita a participação no ato de criação dessa mesma condição. Nessa perspectiva, a afirmação de Beauvoir considera o compromisso e o envolvimento nos moldes existenciais, que se assegura por um movimento dialético, isto é, como algo que sofre influência da cultura, mas que também a impõe suas determinações.

No Brasil, até a chamada Belle-Époque, período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, os homens e mulheres da aristocracia tinham seus papéis e espaços estritamente delimitados entre o privado e o público, distinções essas que ganham destaque nas discussões do feminismo liberal.

Com alguma frequência, os termos público e privado são utilizados sem preocupação com sua prévia definição e clareza de contexto, como se todos compreendessem o seu significado independentemente do contexto em que os empregam. Entretanto, os estudos feministas têm colocado tais preocupações na centralidade de seus debates e questionado suas aplicações quando trazem à tona duas utilizações principais. Segundo Okin (2008), a primeira refere-se à distinção entre Estado e sociedade – tal como propriedade pública versus privada; enquanto isso, a segunda diz respeito à distinção entre vida não doméstica e vida doméstica. A diferença entre estes dois usos, aponta Okin,⁵ consiste no fato de a sociedade civil (Hegel *apud* Engels), na primeira dicotomia, ser entendida como pertencente ao privado e, na segunda, como integrante do mundo público.

Wendy Weinstein (*apud* Okin, 2008) desenvolveu uma analogia entre o conceito de público/privado e as camadas de uma cebola: segundo ele, esses estão um para o outro tal como em uma cebola – uma camada se sobrepõe a outra, que,

⁴ BUTLER. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault, p. 35.

⁵ OKIN. Gênero, o público e o privado, p. 307.

por sua vez, estará dentro de outra camada e assim sucessivamente. E explica o fato de algo, tido como público em relação a uma determinada esfera poder ser considerado privado em relação a uma outra. Existem, assim, múltiplos significados e não o dualismo associado ao conceito. Nesse sentido, dá-se lugar às dicotomias de Estado/sociedade e não-doméstico/doméstico.⁶ Nessa perspectiva, Okin optou por utilizar a segunda separação, público-doméstico, já que acreditava que é a permanência desta dicotomia que torna possível aos teóricos ignorarem a natureza política da família e a relevância da justiça na vida pessoal e, por conseguinte, grande parte das desigualdades de gênero.

Para as feministas liberais, a distinção existente entre público e doméstico é ideológica no sentido em que apresenta a sociedade a partir de uma perspectiva masculina e patriarcal, baseada em pressupostos sobre diferentes naturezas e papéis sociais de homens e mulheres. As investigadoras feministas têm argumentado que a divisão doméstica do trabalho e, especialmente, a prevalência da mulher na criação dos filhos, são socialmente construídas, e, portanto, são questões de relevância política.

É pertinente destacar que os domínios da vida doméstica e não-doméstica, econômica e política não podem ser interpretados isolados um do outro. Nesse âmbito, torna-se pertinente discutir as relações de tais conceitos com a economia política e como eles perpassam a comunicação na tentativa de compreender como se dá a (in)visibilidade das mulheres no campo dos esportes, do futebol e da mídia.

A COBERTURA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO: O QUE DIZEM OS PORTAIS DE NOTÍCIAS?

O recorte metodológico utilizado foi o estudo de caso descritivo e interpretativo, de ordem qualitativa. A realização de um estudo de caso descritivo e interpretativo nos levou a desvelar como se deu a cobertura do Campeonato Mundial de Futebol Feminino em 2015 quando da interpretação dos dados coletados. Ao compreendermos que o estudo de caso possibilita a compreensão de fenômenos

⁶ OKIN. Gênero, o público e o privado, p. 307.

individuais, sociais e políticos, “estudo de caso permite uma investigação para preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real”.⁷

Segundo Robert Stake (2000), a investigação precisa considerar alguns aspectos, tais como: a natureza e histórico do caso; o contexto (físico, econômico, político, estético etc.); outros casos pelos quais é reconhecido; os informantes pelos quais pode ser conhecido. Todas essas características têm forte relação com a natureza da observação empreendida nesse artigo, diante da alta quantidade de material analisado – corpus composto por cinco portais de notícias com monitoramento diário durante 30 dias.

O quadro teórico-metodológico dos Estudos de Gênero é um importante recurso quando da análise acerca da cobertura sobre o evento nos portais de notícias dos principais grupos de mídia esportivos brasileiros, entre 06 de junho e 05 de julho de 2015, por revelar tendências investigativas em torno da presença das mulheres nas notícias.

PORTAL ESTUDADO	GRUPO A QUE PERTENCE
Globoesporte.com	É um site de esportes do Grupo Globo e realiza a convergência entre os programas esportivos da Rede Globo: Globo Esporte, Auto Esporte e Esporte Espetacular. Lançado em 2005 como Esporte na Globo, em 2006 passou a ter o nome atual. Em 2007, assumiu a liderança na audiência do mercado de esportes na internet brasileira. Por ser um site de cobertura nacional, as notícias sobre esportes produzidas no âmbito local e as que abordam questões relacionadas a Pernambuco são veiculadas nele. O portal também insere conteúdo do canal de esportes da Globosat, o SporTV.
SportTV	É um site de esportes do Grupo Globo e insere conteúdo do canal de esportes da Globosat, um dos canais fechado do grupo.
Esporte Uol	Canal do portal UOL que trata das notícias esportivas do Brasil e do Mundo.
Torcedores.com	Canal de esportes de conteúdo colaborativo e não pertence a um grande grupo midiático. Com mais de 500 colaboradores do Brasil inteiro.
ESPN	É uma rede de TV por assinatura dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos 24 horas por dia. A versão brasileira está associada ao portal Uol.

Tabela 1. Caracterização dos portais de notícias analisados nesse estudo.

⁷ YIN. *Estudo de caso*, p. 21.

A pesquisa se deu através de palavras-chave mais específicas – como “mundial de futebol feminino” e “Marta” (nosso objeto de pesquisa) – até palavras mais genéricas e que abrangeram a possibilidade de encontrarmos novas matérias em portais que dão menos visibilidade ao tema – como “futebol feminino” e “Copa do Mundo”. A partir do colhimento e análise das matérias encontradas nos principais portais, foram determinadas categorias para a representação dessas matérias.

É pertinente ressaltar que a internet figura entre os diversos meios de comunicação de massa que dialogam com o fenômeno esportivo. O seu crescimento exponencial decorre da democratização e, conseqüentemente, do aumento no acesso à tecnologia, que permitem a conexão com o mundo virtual de qualquer lugar e a qualquer hora.

A última Copa do Mundo de futebol feminino de 2015 ocorreu no Canadá, no período de 06 de junho a 05 de julho. E, mais uma vez, a seleção brasileira estava representada por uma equipe que, apesar de poucos recursos, mantém um bom reconhecimento no meio esportivo feminino devido a atletas como Cristiane, Formiga e Marta; além de conquistas importantes, como medalha de prata duas vezes nas Olimpíadas. Mas o cenário da seleção feminina dentro do próprio país é diferente, não há um reconhecimento expressivo da mídia, da sociedade e muito menos da CBF, o que influencia diretamente na falta de investimentos e apoio ao futebol feminino. Certamente, a cultura do machismo e o histórico de proibições e assertivas sociais que argumenta que “futebol não é coisa de mulher”, relacionando apenas a práticas masculinas, nos faz perceber que, mesmo uma sendo atleta de alta performance, isso não é o suficiente para uma mulher provar a sua capacidade e obter reconhecimento. Um exemplo disso é o caso da atacante Marta, camisa 10 da seleção brasileira, cinco vezes eleita a melhor do mundo pela FIFA, artilheira do Mundial Feminino com 15 gols, maior artilheira da seleção brasileira (masculina e feminina) com 100 gols e ídola no meio futebolístico. Apesar de todo o foco relacionado ao futebol feminino ser em torno dela, a jogadora não chega nem perto de ter o reconhecimento e apoio de um jogador em ascensão no futebol masculino. Essa se configura em uma das principais motivações para a confecção do presente artigo. Abordar a exposição de Marta diante da mídia e de que forma ela foi citada nas matérias durante a Copa do Mundo de 2015 são os objetivos desse trabalho.

A partir do colhimento e análise das matérias encontradas nos portais de notícias esportivas no âmbito nacional selecionados e, portanto, foram determinadas categorias para a representação dessas matérias.

As categorias foram escolhidas de acordo com a frequência, o grau de importância e tipos de referência à jogadora Marta. São elas:

1. Notícia Padrão: Breve comentário sobre a partida, seus principais lances e resultados;
2. “Brasil de Marta”: Matérias que frequentemente usam o nome de Marta para fazer referência à seleção brasileira;
3. Destaque Marta: Matérias que dão destaque a algum comportamento da jogadora, seja do seu dia a dia ou dos recordes que atinge;
4. Crítica: Matérias que destacam o não apoio ao futebol feminino e o pouco destaque concentrado em uma única jogadora;
5. Outras: Matérias que citam jogos ou acontecimentos que não são relacionados diretamente com a jogadora.

NOTÍCIA PADRÃO

Segundo Wolf (2003) “[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos”.⁸ Nessa categoria, prevalecem os comentários mais técnicos sobre os lances de uma partida, apostas para os próximos jogos e situação da tabela/colocação na tabela de jogos. Desse modo, pudemos observar o nome de Marta sendo citado ao lado dos nomes de outras veteranas da equipe, como Formiga e Cristiane, e/ou seu nome sendo citado apenas para registrar algum lance que a jogadora realizou/participou, algum gol feito, assistência etc. Não há, de forma geral, um destaque à jogadora ou a qualquer outra. É seguida uma linha padrão de apresentação das informações sobre o campeonato como em qualquer outro.

⁸ WOLF. *The beauty myth*, p. 190.

“BRASIL DE MARTA”

Nesse caso, a matéria muda de direção. É possível perceber que, apesar de muitas das notícias continuarem falando sobre os jogos, algum lance específico, curiosidades sobre a Copa do Mundo; elas usam o nome de Marta para identificar a Seleção Brasileira. Termos como “Brasil de Marta”, “Marta e Cia.”, “Seleção de Marta” etc. são usados constantemente como sinônimo de Brasil, conforme essa manchete do Brasil Post: “Marta e as meninas da Seleção vão precisar da sua torcida para bater a Austrália” (21 de Junho de 2015). Até em casos de reportagens que abordam o jogo ou a situação de outra seleção, quando é necessário citar o Brasil como referência ou exemplo de algo, os termos usados serão os que usam Marta como representante. Esse processo é resultante do desempenho da jogadora em campo e sua visibilidade devido aos prêmios que conquistou. O processo de escolha da notícia, usando Marta como destaque, transforma os acontecimentos, que são a matéria prima da informação, num produto – e Marta tem sido o principal “produto” que representa o futebol feminino brasileiro.

Portanto, se faz necessário compreender que a dependência da jogadora Marta na seleção brasileira e a cobrança pelo seu bom desempenho tem grande influência no tratamento que a mídia faz da sua imagem.

DESTAQUE MARTA

Diferentemente da categoria anterior, que usa a imagem de Marta, mas versa sobre a seleção de futebol feminino como foco, as matérias que se encaixam na categoria “Destaque Marta” ficam responsáveis por retratar de forma positiva a jogadora em si. São assuntos relacionados aos seus recordes, a tietagem dos fãs e ao seu dia a dia de treinos intensos. Em nenhum momento, Marta é vista como *super* celebridade, diferentemente dos jogadores do futebol masculino, é apenas uma atleta de alta performance admirada. Isto é, Marta não deve ser percebida como uma “jogadora-celebridade” (Taylor, 2001). Em meio aos critérios para a consagração do que se entende por celebridade, Kellner (2004) advoga que “para se tornar uma celebridade é preciso ser reconhecida como uma estrela no campo

do espetáculo, seja no esporte, no entretenimento, ou na política”.⁹ Nesse sentido, alie-se os altos índices de audiência e uma identificação/inspiração com os espectadores, Marta pode ser percebida como uma personalidade desse universo imaginário dos espectadores da crescente indústria do entretenimento e do esporte. Contudo, o protagonismo de Marta, diferente de supercelebridades como Neymar, é tímido e pontual pelo uso seletivo de sua imagem nos meios de comunicação apenas em períodos óbvios de visibilidade – como Copa do Mundo, Olimpíadas etc. – e também pelo diminuto interesse de patrocinadores. A imagem da jogadora se mantém no segmento esportivo, mais uma vez, diferentemente, dos atletas do futebol masculino. É pertinente pontuar que é constante a elocução de uma narrativa midiática que apresenta certos personagens do esporte como capazes de ofertar elementos e sentidos desencadeadores de constructos comportamentais, ideológicos e imagéticos como elementos de aspiração e inspiração para a juventude. E, por isso mesmo, notamos a constante invisibilidade desse caráter aspiracional e simbólico da figura da Marta quando muitas das matérias “precisam” citar nomes de jogadores do futebol masculino para critério de comparação. Numa reportagem do Globo Esporte, cita-se Klose e Ronaldo: “Quinze gols em Copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta” (12 de Junho de 2015). Quando são ligadas à expectativa do jogo, as notícias trazem depoimentos de Marta e falam dos seus treinos físicos para se preparar para os jogos. A atleta acaba por ser tratada apenas de forma profissional, já que não há grande referência à sua vida fora do futebol. Isso pode ser explicado com motivos como: a própria atleta não se expõe enquanto celebridade, polêmicas, festas e relacionamentos famosos; mas, por outro lado, nos parece sugerir que não há um interesse midiático devido à invisibilidade da própria modalidade esportiva com atletas mulheres; e, ainda, Marta não é considerada pela mídia e sociedade um ícone de beleza (Wolf, 2009), como acontece com a tenista Sharapova, por exemplo.

⁹ KELLNER. *Cultura da mídia*, p. 6.

CRÍTICA

Nessa categoria, encontramos matérias que parecem aproveitar a visibilidade da Copa do Mundo para opinar e denunciar a realidade do futebol feminino no Brasil, utilizando a imagem de Marta como exemplo e, muitas vezes, como porta-voz dessas críticas. É sabido que a camisa 10 da seleção sempre se posiciona na mídia em relação às más condições da prática do futebol feminino no país, o não apoio da própria CBF e também da FIFA são corriqueiramente citados pela atleta. No Brasil, aparentemente o descaso da mídia e a falta de patrocínios. “O preconceito é definitivamente uma das razões que fazem o futebol feminino avançar lentamente no Brasil” (09 de Junho de 2015), disse Marta em entrevista para a *FourFourTwo*, citada na matéria do *Torcedores.com*. Além da crítica em torno do preconceito com prática do futebol pela mulher, a situação ainda se agrava quando a única representante do país que a mídia reconhece é Marta e, para finalizar, quando as atletas estão ganhando muito menos do que os homens (“Melhor jogadora do mundo, Marta não chegou aos milhões do futebol” *Infomoney* – 09 de Junho de 2015). As emissoras de televisão e mídia de massa são recorrentemente alvo de críticas devido ao silenciamento e invisibilidade dada à modalidade feminina. Prova disso é a transmissão do campeonato que foi realizada pela TV Brasil de cunho federal e pública. Emissoras abertas e fechadas, privadas (apesar da concessão pública), não transmitiram a primeira fase da Copa (“Band Termina Primeira Fase Da Copa Do Mundo Feminina Sem Mostrar O Brasil” *Torcedores.com* – 18 de Junho de 2015), como também preferiram colocar na programação jogos do futebol masculino russo.

OUTRAS

Diferentes notícias durante a Copa do Mundo citaram a jogadora Marta. Sua opinião – mesmo em jogos que não participaria – como figura de influência e porta voz da seleção nacional. Não há representatividade de outras jogadoras, apenas o discurso do técnico Vadão. Como nas manchetes do *Globo Esporte*: “Fora do Pan, Marta pede continuidade e atenção à nova geração da Seleção” (23 de Junho de

2016) e “Vadão inocenta goleira e indica que vai manter base da Seleção para o Pan” (23 de Junho 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia e o jornalismo, enquanto instância social e processo pedagógico cultural (Louro, 1995) que pode tanto valorizar e legitimar conteúdos, grupos e sujeitos sociais quanto silenciá-los, deve perceber a importância de seu papel na configuração de valores sociais mais plurais em detrimento de um ideal hegemônico.

A presente pesquisa e análise das notícias que circularam pelos portais durante a Copa do Mundo de 2015 nos permitiram sugerir alguns discursos dominantes sobre a representação do futebol feminino no Brasil e da própria Marta são vistas. O processo de construção dos discursos midiáticos são mediados no social onde se repercute, interesses, lógicas e relações de poder. A construção de sentidos sobre esses discursos e as relações de gênero na sociedade contemporânea, por parte das instituições e fenômenos sociais, como é exemplo o futebol, terminam por atender ao senso comum e contribuindo para a permanência de estereótipos e silenciamentos.

Compreendemos que a mídia é uma das responsáveis pela (re)produção e concepção de subjetividades. Quando estudamos e categorizamos as notícias, em primeira instância, constatamos a nítida negligência da mídia para com o Mundial Feminino de Futebol. A pouca visibilidade dada a Marta e as demais jogadoras em detrimento ao amplo espaço dado aos atletas de mesma modalidade do gênero masculino. Bourdieu (2003) advogou que o campo jornalístico pertence ao campo político e, portanto, ambos sofrem influência do mercado. Se o mercado silencia e exclui determinados sujeitos, temas e modalidades, a mídia acompanha esse movimento. Basta relacionar e comparar a quantidade de matérias que são veiculadas durante a Copa do Mundo de Futebol Masculino com a as que são ligadas ao Mundial Feminino. Dessa forma, a produção e o consumo da informação caracterizam em muitos aspectos a distribuição do poder na sociedade (Sousa, 2006).

O futebol feminino, de forma geral, sofre cotidianamente pela falta de incentivo e investimentos das instituições no esporte. Essa deficiência, que acaba

por influenciar diretamente no desempenho das atletas em campo, está relacionada a uma cultura sexista, principalmente no Brasil, que não dá o devido valor ao trabalho realizado pelas mulheres, seja em qualquer área, e esse fato só é reforçado num espaço masculinizado (Januário, 2015) como ainda é percebido o futebol. É notória a falta de apoio da mídia em disseminar o esporte, há poucos portais realizando a cobertura dos campeonatos de futebol feminino e os que falam não dão importância a dar voz a outras jogadoras, se não Marta. O preconceito parece iniciar dentro das próprias instituições que regulamentam o futebol. Não há respeito com os torneios oficiais, o presidente não aparece nas cerimônias, não há esforço para divulgação, deixam as meninas jogarem em gramado sintético, etc. Isso reflete no conteúdo que a mídia passa e conseqüentemente na falta de patrocínio. E ainda, apesar da visibilidade conferida à jogadora, parece existir uma necessidade de subterfúgios de comparação ao universo masculino acabam por diminuir a importância do seu trabalho, como se o esporte feminino fosse uma reprodução do masculino.

Marta é uma exceção, devido o desempenho pessoal e conquistas. Entretanto é notório que as poucas oportunidades de voz na mídia brasileira não conseguem, de forma isolada, mudar de forma efetiva a representação e a participação da mulher no esporte. Se faz necessário cobrar por mulheres na gestão esportiva, no campo tático e técnico. E ainda, por mais visibilidade de todo um quadro de atletas de alta performance no futebol nacional. De acordo com Cashmore (2000), as jogadoras de futebol nunca serão realmente levadas a sério enquanto o futebol for controlado exclusivamente por homens. Marta é um ícone indiscutível, que realmente merece toda a atenção midiática como atleta e jogadora, bem como a própria modalidade esportiva desempenhada por mulheres. É preciso uma mudança cultural para que de fato as mulheres recebam o incentivo necessário na profissão. Urge a necessidade de uma maior visibilidade da prática do esporte por mulheres na cobertura da mídia. A disseminação de um discurso mais equânime acerca da participação de homens e mulheres em um esporte que se configura como fenômeno social e popular, como o futebol, é também promover uma mudança na cultura e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Dursilla (orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Tradução de Nathanael da Costa Ceixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1986, p. 139-154.
- CASHMORE, Elias. **Making Sense of Sports**. 3rd ed., London and New York: Routledge; 2000
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.
- FADUL, Anamaria; REBOUÇAS, Edgar. Por uma perspectiva metodológica para os estudos dos sistemas e grupos de mídia: o caso do Nordeste brasileiro como referência. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro; São Paulo: INTERCOM, 2005. CD-ROM.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GASTALDO, Edison. Uma arquibancada eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. **Revista Antropologia Social**. Paraná, vol. 6, 2005, p. 113-123.
- GEERTZ, Clifford. **As interpretações das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOELLNER, Silvana. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HELAL, Ronaldo. Mídia e esporte – A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Minas Gerais; São Paulo, 2003, vol. 4, p. 19-36.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/GV4vKW>. Acesso em: 10 set. 2015.
- KELLNER, D. A. **Cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LANCENET. Grama sintética na Copa do Mundo feminina segue como alvo de críticas. Disponível em: <https://goo.gl/K61PYq>. Acesso em: 29 set. 2015.

LOURO, Guacira L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, 1995, p. 99-108.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. In: **Revista Estudos Feministas**, 2008, vol. 16, n. 2, p. 305-332.

SOUSA, Helena (org). **Comunicação, economia e poder**. Portugal: Porto Editora, 2006, p. 29-53.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000, p. 435-454.

WINSHIP, Janice. **Inside women's magazines**. Londres: Pandora, 1987.

WITTER, João Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WOLF, Naomi. **The beauty myth**. Nova York: Harper Collins, 2009.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

* * *

Recebido para publicação em 19 ago. 2016
Aprovado em 02 nov. 2016

Revista *América: a voz dos americanos* (1947-1950)?

Magazine *América: a voz dos americanos* (1947-1950)?

Marcus Vinícius Costa Lage

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Brasil
Doutorando em História, UFMG
mvclage@gmail.com

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar as representações do futebol profissional e, mais precisamente, do América Futebol Clube de Belo Horizonte veiculadas pela revista *América: a voz dos americanos* editada na capital mineira entre novembro de 1947 e janeiro de 1950. Por meio da investigação da coletividade que viabilizou a publicação, a revista *América* se apresentou como um produto de jornalistas esportivos profissionais da cidade e de grupos políticos do clube. Essa dupla vinculação impactou o discurso da revista que, assim, enquadrou os assuntos políticos do clube, em um momento ou outro, na cobertura popular do futebol, contemplando tanto a perspectiva do lucro e do mercado editorial, como a preocupação dos dirigentes esportivos com a legitimação de suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Futebol; Identidade; Cultura popular; Representação.

ABSTRACT: The current article analyses the representation of the professional football and, more precisely, of the América Futebol Clube from Belo Horizonte published by the magazine *América: a voz dos americanos* edited in the capital of Minas Gerais between November 1947 and January 1950. Through collective research which made viable the publication, the magazine *América* presented itself as a product of the city's professional sports journalists and political groups of the club. This double link impacted the discourse of the magazine which, in this way, framed the clubs political issues, from time to time, in coverage of popular football, contemplating both the editorial market and profit perspective, and the sports directors' worries regarding the legitimation of their action.

KEYWORDS: Press; Football; Identity; Popular culture; Representation.

Nos anos de 1940, o futebol belo-horizontino se constituía em um espaço consolidado de produção e circulação de emoções catalisadas pelo “pertencimento clubístico”, identidade cultural relacionada aos clubes da cidade, o que permitia sua formatação em um espetáculo esportivo de massas. A rivalidade entre Atlético e Cruzeiro aparece, a partir de então, como um importante ingrediente da paixão do belo-horizontino pelo futebol e, mais ainda, para a própria existência do espetáculo futebolístico na cidade. Enquanto no campo de jogo os dois clubes disputavam a hegemonia do futebol local, no plano simbólico, tais agremiações se representavam a partir de memórias, símbolos e valores que dialogavam, de forma distinta, com o atributo “popular”,¹ congregando comunidades afetivas de massa.

Nesse processo de depuração do imaginário futebolístico belo-horizontino, o América, ao contrário do Atlético, seu primeiro e principal rival, foi, paulatinamente, reforçando representações relacionadas à sua origem elitista e de participação social restrita, como atestam, ainda hoje, várias peças publicitárias do clube. Não é uma coincidência o fato de que sua maior referência memorialística seja o festejado deca-campeonato de futebol da cidade entre 1916 e 1925, quando a prática esportiva ainda era oficialmente amadora e considerada um traço de distinção social. Após o indiscutível feito americano dos anos de 1910 e 1920, o clube amargou um jejum de 23 anos, só voltando a vencer um campeonato de futebol em 1948, sua primeira conquista após a regulamentação do profissionalismo em 1933.

Ainda nos anos de 1940, mais precisamente entre 1946 e 1950, Belo Horizonte viu circular, ao menos, cinco periódicos de existências invariavelmente efêmeras e instáveis, cujos títulos e/ou subtítulos faziam menção explícita ao “pertencimento clubístico” relacionado a esses três clubes de futebol, quais sejam: *A Raposa: a palavra da torcida cruzeirense* (1946) e *Olímpica: o Cruzeiro em foco* (1946-1949), sobre o Cruzeiro; *Vida Esportiva: sob os auspícios do Clube Atlético Mineiro* (1946-1950) e *O Campeão: o Atlético em Revista* (1949), sobre o Atlético; e *América: a voz dos americanos* (1947-1950), sobre o clube homônimo. A revista *América* foi a publicação do gênero com maior produtividade, editando 12

¹ Conf. SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 121.

números entre novembro de 1947 e janeiro de 1950. Apesar de ser anunciada como mensal, seu período de maior regularidade temporal ocorreu entre julho de 1948 e março de 1949, quando publicou oito números em nove meses, coincidindo, justamente, com a campanha do título mineiro de 1948 do América.

A seguir, procurei compreender a revista *América* a partir de duas categorias principais que se ocupam, respectivamente: a) das suas condições de produção humana,² identificando a coletividade que a viabilizou; e b) dos procedimentos retóricos e discursivos que revelam as representações construídas ou reverberadas por essa publicação, relacionadas ao futebol da cidade e, mais precisamente, ao América Futebol Clube. Antes, contudo, situei a revista *América* no desenvolvimento da imprensa belo-horizontina dos anos de 1940 e, em especial, do noticiário esportivo, compreendendo as características e o papel desse jornalismo no processo de popularização do futebol e, sobretudo, de representação dos clubes da cidade.

A IMPRENSA ESPORTIVA EM BELO HORIZONTE NOS ANOS DE 1940

Em linhas gerais, a história da imprensa belo-horizontina durante a primeira metade do século XX pode ser dividida em duas fases.³ A primeira delas, iniciada em 1895, antes mesmo da fundação da nova capital mineira, estendendo até meados dos anos de 1920, compreenderia um conjunto de periódicos invariavelmente efêmeros, não sobrevivendo, em sua maioria, ao terceiro número, cuja função teria sido de “mensageiros de relações” e produtor de identidades culturais. A segunda fase, que mais me interessa para o presente trabalho, teria início com a fundação de um conjunto de periódicos, como o *Correio Mineiro* (1926-1936), *O Diário da Manhã* (1927), *O Estado de Minas* (1928-), posteriormente renomeado sem o artigo “O”, e o *Diário da Tarde* (1931-2006), que teriam introduzido a prática jornalística conhecida como “grande imprensa” na capital mineira, expressão que, apesar de ser

² LIE. *Casa em cifras*, p. 25.

³ CASTRO. *Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte*, p. 13-41.

vaga e imprecisa, [com] sentidos e significados peculiares em função do momento histórico em que é empregada [serve para designar] o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.⁴

Também chamados de periódicos diários profissionalizados, esses jornais se orientavam pela busca da produtividade e do lucro, com estrutura e distribuição interna que privilegiavam matérias “noticiosas sobre o cotidiano da cidade”,⁵ além de diversificarem os assuntos abordados com seções especializadas, dedicadas aos esportes, à vida social e cultural, à crítica literária, com “linguagem, rubricas técnicas e projeto gráfico” mais acessíveis, como forma de ampliar seu público consumidor.

O advento dessa “grande imprensa” tornou-se possível em virtude do processo de modernização latino-americano, caracterizado, dentre outros aspectos, pela intensificação do desenvolvimento urbano-industrial, incluindo o do mercado cultural, e pela ampliação do sistema de ensino, o que impactou a estrutura desses dois universos sociais.⁶ Especificamente para o caso do futebol, esse processo de modernização possibilitou o desenvolvimento dos clubes de fábrica e/ou suburbanos, bem como as práticas comunitária e improvisada dessa modalidade esportiva (conhecidas, respectivamente, como “várzea” e “pelada”), permitindo a formação de futebolistas entre diversos setores da sociedade, incluindo os pobres e demais segmentos sociais alijados dos espaços restritivos de prática esportiva. Ao mesmo tempo, verificou-se a expansão social do clubismo para além dos segmentos mais abastados da sociedade, conformando o “pertencimento clubístico” que, como vimos, é essencial para a formatação de um espetáculo esportivo de massas.⁷

Frente a esse cenário, a “grande imprensa” introduziu novos elementos discursivos que decodificaram e ordenaram as novas formas de jogar e fruir o

⁴ LUCA. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX, p. 1.

⁵ CASTRO. Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte, p. 37.

⁶ Para comentários sobre a ampliação e diversificação das funções e das profissões consideradas como intelectuais a partir do processo de modernização latino-americana, ver, dentre outros autores, Carlos Altamirano que, em linhas gerais, acredita que esse cenário de modernização abriu campo para a discussão da cultura popular e de massas, inclusive por pensadores de “[...] origem mais plebeia [representando] o abandono d[o] critério da superioridade social fundada na disparidade cultural”. Cf. ALTAMIRANO. Introducción general, p. 19 – tradução de minha autoria.

⁷ DAMO. A diversidade futebolística e a dinâmica das emoções na versão espetacularizada, p. 33-67.

futebol para uma narrativa midiática voltada para o grande público, evidenciando, como visto anteriormente, o interesse das empresas jornalísticas pela ampliação do público leitor e do lucro. A ponto do colecionador de periódicos belo-horizontinos, Joaquim Nabuco Linhares, dizer, ao descrever um periódico esportivo dos anos de 1940, que: “[...] na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolgou e tudo avassalou. E aí do jornal que não consagrar a este gênero de esporte desenvolvida seção. Se isso não fizer, verá irremediavelmente suas edições encalhadas nas agências e bancas”.⁸

Em artigo intitulado “Entre o jornalismo e as artes”, Marcelino da Silva⁹ demonstra que é justamente nos anos de 1940 que o jornalismo esportivo da capital mineira vivenciou as transformações mais interessantes, com destaque para as seguintes inovações: o uso da linguagem informal ou “popular”, do humor e da leitura parcial no relato dos jogos, origem da crônica esportiva contemporânea; a fragmentação da página por meio do uso de manchetes; a publicação recorrente de entrevistas pluralizando as vozes; e o uso frequente do fotojornalismo, das charges e de montagens fotográficas. Tudo isso pautado nas representações de jogadores, torcidas e clubes que favoreciam a construção de identidades coletivas de massa entorno dessa modalidade esportiva e que estavam afinadas aos “projetos políticos e culturais de modernização e construção da nacionalidade”¹⁰ preocupados com a “incorporação das classes populares à vida econômica, institucional e cultural da nação”,¹¹ como o caso do movimento modernista brasileiro.¹² Exemplo de trânsito entre esse noticiário esportivo popular e artistas vanguardistas seria as charges esportivas, iconografias humorísticas lançadas pelo *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro, que representavam a modernização da

⁸ LINHARES. Catálogo de periódicos (1895-1954), p. 415.

⁹ SILVA. Entre o jornalismo e as artes, p. 140.

¹⁰ SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 20-21.

¹¹ SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 22.

¹² Assim como os demais movimentos vanguardistas latino-americanos, a produção cultural modernista brasileira dos anos de 1920 e 1930 conjugou, nem sempre sem tensões, as inovações artísticas de seu tempo, sobretudo do continente europeu, como o futurismo e o surrealismo, com a busca pelas tradições culturais populares nacionais, dividindo-se, segundo Jorge Schwartz, em três vertentes ideológicas, quais sejam: aquela que enfatizava a inovação estética, presente nos trabalhos de Mário de Andrade, como a *Revista Klaxon*; a nacionalista fascista, do “verde-amarelista” Plínio Salgado; e a nacionalista e socialista, do antropófago Oswald de Andrade. Cf. SCHWARTZ. De lo estético a lo ideológico.

sociedade e do jornalismo brasileiros, dialogando com as tradições e imagens futebolísticas consagradas no imaginário coletivo.

Inspirados no referido periódico carioca dirigido por Mário Filho, o veículo da “grande imprensa” belo-horizontino *Folha de Minas* (1934-1964) encomendou, em 1945, suas charges esportivas do escritor e artista plástico Fernando Pieruccetti, de pseudônimo Mangabeira.¹³ Em linhas gerais, as mascotes desenhadas por Mangabeira registraram e, ao mesmo tempo, reforçaram elementos, significados e tendências responsáveis por caracterizar e hierarquizar as comunidades afetivas existentes entorno dos clubes de futebol profissional de Minas Gerais, principalmente de Atlético e Cruzeiro, cujas charges do Galo e da Raposa que, respectivamente, os simbolizavam, reuniam dois conjuntos de representações que, como já destacado, dialogavam com o atributo “popular”: o primeiro, simbolicamente associado ao populismo, pautado na mitologia da raça e da paixão, personificando a pretensa heterogeneidade de seus adeptos; enquanto o segundo seria calcado na perspectiva capitalista do trabalho, da perseverança, astúcia e sucesso.¹⁴

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E OS PROCEDIMENTOS RETÓRICOS E DISCURSIVO DE *AMÉRICA: A VOZ DOS AMERICANOS*

Cerca de um ano após o lançamento das mascotes de Mangabeira nas páginas esportivas de *Folha de Minas*, o colecionador Joaquim Nabuco Linhares (1995)¹⁵ catalogou os cinco periódicos que explicitavam a noção de “pertencimento clubístico” na capital mineira. Como produtos desse contexto, tais periódicos eram viabilizados por jornalistas da “grande imprensa” belo-horizontina, em especial, de suas seções esportivas, e também por dirigentes esportivos ligados aos três principais clubes de futebol da cidade. Seus esforços, noticiados por essa imprensa

¹³ Mangabeira atuou como “ilustrador do suplemento literário e da página infantil” (SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 41) da *Folha de Minas* em 1945, no *Diário da Tarde* em 1946 e, pouco depois, no *Estado de Minas*, publicando suas charges esportivas nesses periódicos até o início dos anos de 1970.

¹⁴ SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 159-165.

¹⁵ A Coleção Linhares constitui-se em um dos principais acervos relacionado à imprensa belo-horizontina entre os anos de 1895 a 1954 e que encontra-se sob guarda da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.

clubista, são um registro dos diversos interesses e representações que permeavam o espetáculo do futebol na cidade naquele contexto.

Especificamente para o caso da revista *América*, o discurso de seus sete primeiros números, publicados entre novembro de 1947 e janeiro de 1949, tinha o claro propósito de prestigiar alguns atores políticos vinculados ao América, em especial aqueles articulados entorno do empresário, engenheiro e, na ocasião, presidente do clube, Alair Couto, atribuindo-lhes a responsabilidade pelas transformações administrativas que, pretensamente, levaram o time de futebol a um satisfatório desempenho no ano de 1948. Após ter sua foto estampada na capa inaugural da revista, número este dedicado, em grande medida, às obras de reforma do Estádio Otacílio Negrão de Lima, de propriedade do clube, Alair Couto foi representado como “[o] herói do América”¹⁶, “um presidente empreendedor e dinâmico”.¹⁷ Sua gestão e a de seus correligionários foi considerada por Cipião Martins Pereira,¹⁸ como símbolo da “[...] nova mentalidade [dos] “dirigentes americanos”, que “perderam o medo de abrir a bolsa”, “[e]ntr[ando] de cheio no grande mercado carioca” para formar “grandes quadros” compostos por “grandes jogadores”, “certos que estão de que nesse entra-e-sai dá ‘gaita’ é que se ganha título, é que se consegue campeonato.” Para Pereira,¹⁹ a “[e]xperiência revolucionária” inaugurada por Couto no América se opunha à prática dos antigos gestores, que teriam provocado um “colapso temporário” no clube por não se adaptarem ao “profissionalismo”, levando os *americanos* a serem considerados pelo público esportivo da cidade como “uma torcida de pijamas”, “que preferem os comentários, nem sempre justos e nem sempre verdadeiros, do microfone”.

Elogios que se justificavam após a revista identificar, a partir de seu décimo número, seu fundador como sendo o “dr. Alair Gonçalves Couto”. Além disso, a maior parte dos colaboradores da revista, que oscilou de 15 a 18 membros, era de dirigentes esportivos, jogadores e técnicos ligados à gestão de Couto, como o caso do próprio Cipião Martins Pereira que, além de colunista do jornal *Estado de Minas*

¹⁶ PEREIRA. O herói do América, p. 6.

¹⁷ SANTOS. 48, o ano do América, p. 19.

¹⁸ PEREIRA. Experiência revolucionária, p. 4-5.

¹⁹ PEREIRA. Experiência revolucionária, p. 4-5.

e de periódicos cariocas, como o *Jornal do Brasil*, *Manchete* e *O Cruzeiro*, era também conselheiro do América.

Paralelamente, a revista *América* apresentou Otacílio Negrão de Lima como outra referência política importante que deveria inspirar seus dirigentes.²⁰ Assim como Alair Couto, Negrão de Lima chegou a ser representado na capa do segundo número de *América* por meio de uma ilustração que sobrepunha seu rosto ao novo estádio americano que, oficialmente, recebia seu nome. Na legenda, a publicação identificou-o como “[...] figura dinâmica [...], patrono do América e figura ímpar dos desportos mineiros, dos quais é o maior benemérito”.²¹ Em outros momentos, Negrão de Lima foi ainda representado como “[...] o maior de todos os prefeitos de Belo Horizonte”,²² político que cumpria as “[...] promessas feitas por ocasião da campanha eleitoral [...]”,²³ “[m]ecenas das artes, da cultura e dos esportes”,²⁴ repercutindo suas iniciativas a favor dos esportes na cidade.

Esses discursos sobre a gestão do clube e a política de esportes em Belo Horizonte eram emoldurados em *América* pelos procedimentos retóricos praticados pela imprensa esportiva belo-horizontina dos anos de 1940, especialmente a partir do lançamento de seu segundo número em julho de 1948, quando, em nota, apresentou seu “reaparecimento” após sete meses de interrupção da publicação como “início de uma nova e promissora fase”.²⁵ Um dos principais aspectos que justificam essa transformação discursiva de *América* parece ter sido sua integração em uma espécie de rede de jornalistas esportivos vinculados à “grande imprensa” da capital mineira representada, principalmente, por Januário Carneiro que, inicialmente, foi apresentado como “Secretário” e, do terceiro ao décimo segundo e último número, como “Diretor” da revista.

²⁰ Otacílio Negrão de Lima (1867-1960) foi um futebolista e dirigente amador nas décadas de 1910 a 1930 pelo América. Cf. PAIVA. 1ª parte – história, p. 35-76. Entre 1935 e 1938, já engenheiro, foi escolhido interventor municipal de Belo Horizonte. No ano de 1946, foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio (1946), cargo que abdicou quando tornou-se o primeiro prefeito eleito da capital mineira para o quinquênio de 1947 e 1951. Cf. CPDOC; FGV. Lima, Otacílio Negrão de [Verbetes].

²¹ NOSSA capa, p. 3.

²² O PREFEITO Otacílio Negrão de Lima auxiliará o Turfe na Capital, p. 6.

²³ TAMBÉM o sete terá seu estádio, graças ao auxílio do Prefeito Negrão de Lima, p. 15.

²⁴ MECENAS das artes, da cultura e dos esportes, p. 7.

²⁵ SEGUNDO número, p. 3.

Como demonstrei em outra ocasião,²⁶ a atuação de Carneiro é mais reconhecida a partir de 1952 quando então adquiriu e dirigiu a Rádio Itatiaia,²⁷ mas sua presença no noticiário esportivo da cidade parece ter sido marcante entre 1946 e 1950. Ainda em relação à mídia radiofônica, Carneiro dirigiu alguns programas de rádio, como o Boletim Mineiro, da carioca Emissora Continental.²⁸ Na imprensa escrita, foi também diretor das revistas *Olímpica* e *O Campeão*, além de *Minas Clube* (1950), “[r]evista social esportiva”²⁹ e das sucursais do *Jornal dos Sports* e *O Globo Sportivo*,³⁰ ambos dirigidos por Mário Filho a partir do Rio de Janeiro, jornalista pioneiro da abordagem popular do noticiário esportivo brasileiro.³¹

O vínculo de Carneiro especificamente com a “grande imprensa” belo-horizontina se iniciou com sua direção das páginas esportivas do jornal *O Diário*, periódico que, inclusive, foi identificado como gráfica de impressão dos números dois ao seis da revista *América*, e cuja propaganda aparece em todas as suas edições a partir do terceiro número. A relevância de *O Diário* em relação ao noticiário esportivo da capital mineira nos anos de 1940 se evidencia, por exemplo, quando observamos a sua iniciativa com o semanário especializado em esportes intitulado *O Diário Esportivo* que, apesar de ter circulado por pouco mais de 16 meses, entre 1945 e 1946, foi o periódico do gênero de maior produtividade na cidade até 1954, com 68 números publicados.³² Os procedimentos retóricos de *O Diário Esportivo* muito se aproximavam do jornalismo esportivo popular, como atesta, por exemplo, o lançamento, em suas páginas, das mascotes dos clubes que disputavam o campeonato mineiro de futebol profissional de 1945 desenhadas por Aroeira,³³ no mesmo ano que Mangabeira lançava suas mascotes na *Folha de Minas*.

A partir da vinculação da revista *América* com Januário Carneiro e *O Diário*, as partidas de futebol em que o time do América se envolveu, independente do resultado, passaram a ser descritas passionadamente: os jogos de reinauguração do estádio americano, nomeados como Torneio Quadrangular, por exemplo, foram

²⁶ LAGE. As condições de produção dos periódicos dos clubes de futebol de Belo Horizonte.

²⁷ PRATA. A história do rádio em Minas Gerais.

²⁸ EMISSORA Continental [publicidade], p. 8.

²⁹ LINHARES. Catálogo de periódicos (1895-1954), p. 437-498.

³⁰ SERVIÇO especial do *Jornal dos Sports* e do *O Globo Esportivo* [publicidade], p. 7.

³¹ SILVA. *Quem desloca tem preferência*, p. 191-203.

³² LINHARES. Catálogo de periódicos (1895-1954), p. 414.

³³ A PARADA de 1945. *O Diário Esportivo*, p. 12.

representados como “[d]uas vitórias inesquecíveis”³⁴ enquanto, em outra ocasião, o revés contra o Santos foi apresentado como “[u]ma derrota injusta”.³⁵ Além disso, a publicação passou a dar maior visibilidade aos jogadores, seja estampando-os nas capas a partir do quarto número, ou repercutindo suas opiniões, com a seção “Escreve o craque”. Biografias de atletas com trajetória de vida marcada pela ascensão social por meio do futebol, com uso recorrente de entrevistas, também passaram a ser publicadas, como nos casos de: Petrônio, retratado como “menino pobre”, “craque modesto” que “começou o futebol no saudoso tempo das calças curtas, em ‘rachas’ de arrancar unhas e tócos com bolas de meia furtadas das manas e das mães”;³⁶ e de Negrinhão, que se dizia fã de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, e de seu gol de bicicleta na Copa do Mundo de 1938.³⁷ O humor também esteve presente em suas páginas, como, por exemplo, nos textos que explicavam o apelido de jogadores como “Didi, o caminhão”³⁸ e “Helio Biriba”;³⁹ ou ao relatar anedotas do futebol, como, por exemplo, na crônica sem autoria intitulada “Macumba no futebol”.⁴⁰

Se a estabilidade da revista *América* entre julho de 1948 e janeiro de 1949 se beneficiou da *performance* da equipe de futebol em 1948, o declínio da revista teve início com o seu décimo número, de março/abril/maio/junho de 1949, justamente acompanhando a instabilidade política do clube e a queda de rendimento de seu time de futebol. Três conturbadas trocas de presidência, duas delas em princípios de 1949, e a outra em janeiro de 1950, registradas, respectivamente, nos números, sete, dez, onze e doze, refletiram na própria redação de *América*, que, aparentemente, se viu dividida entre as correntes que disputavam a gestão do clube.⁴¹

Indícios desse impacto político do clube na publicação da revista são encontrados, por exemplo, em sua controversa opinião sobre a eleição de Osvaldo

³⁴ DUAS vitórias inesquecíveis, p. 13.

³⁵ O DECA mostrou em Santos sua classe, p. 6.

³⁶ PETRONIO espera viver no América os seus maiores dias, p. 14-15.

³⁷ SANTOS. Conversando com Negrinhão, p. 4.

³⁸ UM APELIDO: Didi, o caminhão, p. 25.

³⁹ APELIDO do craque – Helio Biriba, p. 15.

⁴⁰ MACUMBA no futebol, p. 23.

⁴¹ A ausência dos número 8 e 9 de *América* na Coleção Linhares prejudicam a reconstituição e análise desse processo.

Nobre, colaborador da revista e seu diretor no segundo número, que substituiu Ruy Gervásio Avelar, presidente do clube por apenas quarenta e cinco dias em princípios de 1949. Em sua posse, Nobre foi elogiado pela revista como “um presidente dinâmico”⁴² para, no número seguinte, ser acusado de ter “toma[do a presidência] á força” por “ vaidade”, levando a “falhas, erros e defeitos d[e] administração” e à “queda inexplicável de produção” do time de futebol.⁴³

A crítica formulada ao presidente Nobre foi publicada pela revista *América* em seu editorial de número 11, na página três e concluída na página dezesseis. Curiosamente, abaixo do texto na página 16 havia uma publicidade com os seguintes dizeres: “Materiais para Industrias, Ferrovias e leétricos (?) [sic] em geral. Ruy Gervásio Avelar. Importador ”.⁴⁴ É certo que, ainda na décima edição de *América* essa mesma propaganda já tinha sido publicada. Mas, também não seria um exagero supor que a avaliação que a revista fazia da conjuntura política do clube estivesse contaminada pelo olhar de seus colaboradores mais incisivos, incluindo os seus próprios anunciantes.

Do ponto de vista material, os últimos três números de *América* registraram textos e montagens fotográficas repetidos, demonstrando as dificuldades de suas condições de produção. Algumas tentativas de salvar a revista ainda foram ensaiadas, principalmente por meio da intensificação dos procedimentos retóricos populares do noticiário esportivo belo-horizontino dos anos de 1940. A décima primeira e penúltima capa de *América*, por exemplo, trazia charges de jogadores de autoria do desenhista Moura e três manchetes relacionadas à biografias de atletas do clube.

Fora do princípio básico de vinculação clubista da revista, os dois últimos números chegaram a ensaiar uma ampliação da sua zona de difusão, publicando matérias extensas sobre clubes de futebol do interior do estado de Minas Gerais patrocinadas por estabelecimentos comerciais dessas cidades, como o caso do Metalusina, de Barão de Cocais⁴⁵ e o Meridional, de Conselheiro Lafaiete.⁴⁶ Tais iniciativas, contudo, não surgiram o resultado esperado, principalmente em função

⁴² OSVALDO Nobre, um presidente dinâmico, p. 10-11.

⁴³ VIVENDO de ilusões, p. 3.

⁴⁴ RUY Gervásio Avelar Importador [publicidade], p. 16.

⁴⁵ PAIVA. Metalusina, expressão gloriosa do esporte em Minas Gerais, p. 10-12.

⁴⁶ SOLON. Meridional, campeão invicto de Lafaiete, p. 14-15.

da desarmonia administrativa do clube, de onde saíam seus principais colaboradores. Assim, em janeiro de 1950, a *América* publicava seu último número, não sem antes chamar a atenção, em seu editorial, para a situação política do clube ao qual se vinculava, marcada “por acontecimentos absolutamente estranhos e desagradáveis.”⁴⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interpretações que aqui procurei fazer me permitem dizer que a “voz” que *América* ecoou representou vários interesses, nem sempre convergentes, relacionados ao espetáculo futebolístico belo-horizontino e, sobretudo, ao América Futebol Clube entre os anos de 1947 e 1950. Durante a maior parte de sua existência, *América* promoveu as imagens de Alair Couto, Otacílio Negrão de Lima e seus correligionários, vinculando-as ao poder político e econômico capaz de promover o espetáculo esportivo de massas, representado pelas novas instalações esportivas do clube e pela *performance* do seu time de futebol profissional. Imprensa por um veículo da “grande imprensa” (*O Diário*) e dirigida por um jornalista “providencial”⁴⁸ (Januário Carneiro) *América* também se configurou em mais um meio de comunicação para jornalistas profissionais exercitarem o modelo de noticiário esportivo que vinha sendo desenvolvido na cidade, ao menos desde meados de 1940, preocupado com a perspectiva do lucro e do mercado editorial.

A vitoriosa campanha do time de futebol do América no Torneio Quadrangular e, principalmente, no campeonato de futebol de 1948, encerrando um jejum de 23 anos sem conquistas futebolísticas, contribuiu para que essas duas “vozes” fossem vinculadas na revista. Assim, os assuntos políticos do clube foram emoldurados pela cobertura popular do futebol. Não é coincidência, portanto, que os números 2 a 7 da revista, que cobriram a competição estadual de futebol, constituíram no período de maior estabilidade temporal da publicação.

Embora os procedimentos retóricos e discursivos da revista *América* tenham se mantido próximos àqueles praticados pelo noticiário esportivo belo-

⁴⁷ PRIMEIRA página. Henrique Diniz, p. 3.

⁴⁸ ROCCA. Por qué, para qué una revista, p. 14.

horizontino dos anos de 1940, as disputas internas do clube cindiram a “voz” política que a publicação vinha reverberando. Seria esse o motivo para o ocaso de *América*, ou sua existência apenas acompanhou a efemeridade e instabilidade das demais publicações esportivas da cidade na primeira metade do século XX? Seria esse também o motivo para a queda de rendimento da equipe de futebol americana que, novamente, amargaria mais nove anos de insucessos?

* * *

A primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho final do curso “Revistas e intelectuais na América Latina: problemáticas teóricas, metodológicas e estudos de caso”, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Adriane Aparecida Vidal Costa, a quem agradeço pela leitura, comentários e sugestões.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina: la ciudad letrada, de la conquista al modernismo**. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 9-27.
- A PARADA de 1945. **O Diário Esportivo**, Belo Horizonte, v. 1, n. 6, 30 ago. 1945, p. 12.
- APELIDO do craque – Helio Biriba. **América: a voz dos americanos**, Belo Horizonte, ano 2, n. 5, nov. 1948, p. 15.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta S.. Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerários da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Belo Horizonte, MG: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 13-41. (Coleção Centenário).
- CPDOC; FGV. Lima, Otacílio Negrão de [Verbete]. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. Disponível em goo.gl/V1VCBf. Acesso 30 jun. 2016.
- DAMO, Arlei Sander. A diversidade futebolística e a dinâmica das emoções na versão espetacularizada. In: _____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. SP: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007, p. 33-67.
- DUAS vitórias inesquecíveis. **América: a voz dos americanos**, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, jun. 1948, p. 13.

EMISSORA Continental [publicidade]. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 11, jul.-ago.-set. 1949, p. 8.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. As condições de produção dos periódicos dos clubes de futebol de Belo Horizonte (1946-1950). In: **Anais do V Encontro de Pesquisa em História** (EPHIS V), Belo Horizonte, 2016 (no prelo).

LIE, Nadia. Casa en cifras. In: **Transición y transacción**. La revista cubana *Casa de las Américas* (1960-1976). Bélgica: Ediciones Hispamérica. Leuven University Press, 1996, p. 25.

LINHARES, Joaquim Nabuco. Catálogo de periódicos (1895-1954). In: **Itinerários da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Belo Horizonte, MG: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 42-612. (Coleção Centenário).

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: **Anais da 9ª Conferência Internacional da Brazilian Studies Association** (Brasa), Tulane University, 2008.

MACUMBA no futebol. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 3, jul.-ago. 1948, p. 23.

MECENAS das artes, da cultura e dos esportes. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 3, jul.-ago. 1948, p. 7.

NOSSA capa. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, jun. 1948, p. 3.

O DECA mostrou em Santos sua classe. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 5, nov. 1948, p. 6.

O PREFEITO Otacílio Negrão de Lima auxiliará o Turfe na Capital. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 5, nov. 1948, p. 6.

OSVALDO Nobre, um presidente dinâmico. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 10, mar.-abr.-maio-jun. 1949, p. 10-11.

PAIVA, Carlos. 1ª parte – história. In: **Enciclopédia do América**: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 33-190.

PAIVA, João Cirino. Metalusina, expressão gloriosa do esporte em Minas Gerais. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 11, jul.-ago.-set. 1949, p. 10-12.

PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 1, n. 1, nov. 1947, p. 4-5.

PEREIRA, Socrates Alves. O herói do América. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, jun. 1948, p. 6.

PETRONIO espera viver no America os seus maiores dias. **América**: a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 3, jul.-ago. 1948, p. 14-15.

PRATA, Nair. A história do rádio em Minas Gerais. In: **Anais do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, 2003, Belo Horizonte. Belo

Horizonte: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003, 19 f. Captado em goo.gl/oPKCp7. Acesso 27 jun. 2016.

PRIMEIRA pagina. Henrique Diniz. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 12, jan. 1950, p. 3.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). **Hispanamerica**, año XXXIII, n. 99, dic. 2004, p. 3-20.

RUY Gervásio Avelar Importador [publicidade]. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 11, jul.-ago.-set. 1949, p. 16.

SANTOS, Roberto P. dos. 48, o ano do América. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, jun. 1948, p. 19.

SANTOS, Roberto P. dos. Conversando com Negrinhão. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 6, dez. 1948, p. 4.

SCHWARTZ, Jorge. De lo estético a lo ideológico: *Klaxon e Revista de Antropofagia*. In: SOSNOWSKI, SAÚL (Org.). **La cultura de un siglo**. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 51-64.

SEGUNDO número. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, jun. 1948, p. 3.

SERVIÇO especial do *Jornal dos Sports* e do *O Globo Esportivo* [publicidade]. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 12, jan. 1950, p. 7.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Entre o jornalismo e as artes. Paralelamente à popularização do futebol, a crônica esportiva surgiu e se consolidou como gênero jornalístico. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, História e arquivística, Belo Horizonte, ano L, n. 1, jan.-jul. 2014a, p. 132-147.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Quem desloca tem preferência:** ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014b.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol.** O Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOLON, Lucio. Meridional, campeão invicto de Lafaiete. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 12, jan. 1950, p. 14-15.

TAMBÉM o sete terá seu estádio, graças ao auxílio do Prefeito Negrão de Lima. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 4, set.-out. 1948, p. 15.

UM APELIDO: Didi, o caminhão. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 3, jul.-ago. 1948, p. 25.

VIVENDO de ilusões. **América:** a voz dos americanos, Belo Horizonte, ano 2, n. 11, jul.-ago.-set. 1949, p. 3 e 16.

* * *

Recebido para publicação em 20 out. 2016
Aprovado em 20 nov. 2016

Se vencer o Palestra, vence a “bella” e legendária pátria italiana: um estudo comparado dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933)

If win the Palestra, wins the “beautiful” and legendary Italian homeland: a comparative study of Palestras Itália São Paulo and Belo Horizonte (1914-1933)

Rodrigo Caldeira Bagni Moura

Universidade Salgado de Oliveira, Belo Horizonte / Brasil
Doutor em História Comparada, UFRJ
rodrigo.caldeira@ig.com.br

RESUMO: No presente trabalho analisaremos em perspectiva comparada o Palestra Itália fundado em São Paulo em 1914, que após 1942 passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras, com o Palestra Itália de Belo Horizonte, que iniciou suas atividades em 1921 e após 1942 se transformou em Cruzeiro Esporte Clube. Nosso objetivo central será analisar comparativamente o processo de afirmação dos dois times, buscando compreender qual a importância do futebol, no processo de inserção e pertencimento dos italianos nas duas capitais mencionadas, e qual a contribuição dos Palestras para sedimentar a noção de identidade italiana, entre os membros da colônia, no período de 1914 a 1933. Durante a pesquisa pudemos perceber que vencer, para os Palestras Itália de São Paulo e de Minas Gerais, passou a ser uma forma de conseguir reunir e agrupar mais pessoas, que vieram da região onde se constituiu o território italiano após a unificação, em torno de um sentimento de pertencimento, reforçando desse modo a italianidade.

PALAVRAS-CHAVE: Palestra Itália; Futebol; Imigração; Italianos; Técnica.

ABSTRACT: In this paper we are going to analyze in comparative perspective, the Palestra Italia, founded in São Paulo in 1914, which after 1942 became known Sociedade Esportiva Palmeiras, with the Palestra Italia in Belo Horizonte, which began its activities in 1921 and after 1942 became Cruzeiro Esporte Clube. Our main objective is to comparatively analyze the process of affirmation of the two teams, trying to understand how important football is in the process of inclusion and belonging of the Italians in the two aforementioned capitals, and the contribution of both Palestra teams to settle the notion of Italian identity, and members of the colony, in the period 1914 to 1933. During the research we realized that winning, to SP and MG's Palestra Italia team, turned into a way of getting together and grouping more people, who came from the region where they formed an Italian territory after unification, around a sense of belonging, thereby strengthening the Italian identity.

KEYWORDS: Palestra Itália; Football; Immigration; Italians; Technical.

O FUTEBOL E A FUNDAÇÃO DO PALESTRA ITÁLIA EM SÃO PAULO E EM BELO HORIZONTE

O encontro entre os dois Palestras foi ansiosamente aguardado pelos torcedores mineiros que sonhavam em ver o “clube de Ministrinho... o clube de Heitor... o clube de Serafini... o clube de Amilcar... Enfim, o Palestra de São Paulo, o clube de todos eles”.¹ Desde que os Palestras foram fundados seria a primeira vez que os mesmos se enfrentariam. A multidão "boquiaberta" parecia estar em êxtase nos momentos que antecediam a partida principal. O jogo do Guarany contra o Calafate, a preliminar do encontro, "serviria talvez para ilustrar a história do futebol, no capítulo da sua origem",² pois o jogo estava muito acirrado, com chutes que "transbordavam" o campo e pela "violência desgovernada das rebatidas".

Os mineiros aplaudiram os paulistas com muito entusiasmo nos instantes que antecederam a partida. As duas equipes estavam assim escaladas, pelo lado do Palestra de São Paulo: Russo; Nigro e Loschiavo; Ciglio, Gogliardo e Serafini; Ministrinho, Carrone, Heitor, Lara e Osses; pelo time do Palestra Mineiro, jogaram: Catalano; Rizzo e Nereu; Bento, Pires e Nino II, Piorra, Ninão, Carazzo, Bengala e Armandinho. Esse *match* foi a confirmação de um sonho de uma parcela dos italianos residentes em São Paulo e em Belo Horizonte, que lutou e se organizou para fundar dois times de futebol que reunissem e agrupassem os italianos, e também para disputarem, em condições dignas com os demais times da cidade, os principais campeonatos.

Antes da partida e para dar um "aspecto cívico à festa esportiva"³ houve hasteamento da bandeira e muitas cerimônias que o cronista classificou como "anti-esportivas",⁴ discursos no meio do campo, para a embaixada e para os jogadores, que retardaram o início do jogo. Durante a partida,

o Palestra de São Paulo deslumbrou os mineiros, explorando inteligentemente as circunstâncias. Assim, o maior colaborador da vitória dos paulistas foi exatamente Ministrinho, que Heitor afastou de quase todos os ataques, por ser o jogador mais visado pela defesa dos mineiros. Nisto e em tudo o mais, Heitor se revelou um mestre. Marcado por Nininho, o melhor *half* do nosso Estado, Ministrinho teria poucas ocasiões. Heitor desviou sempre o jogo pela ala

¹ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

² MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

³ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

⁴ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

esquerda, reservando o extraordinário extrema direita para instantes especiais. Exatamente por isso, as poucas intervenções de Ministrinho foram fatais e ocasionaram os quatro gols dos paulistas.⁵

No fim do jogo, o placar não deixou dúvidas: o "Palestra de São Paulo venceu o Palestra de Belo Horizonte por quatro a dois".⁶ Essa partida foi muito comemorada em Belo Horizonte pelos dois times, e realmente os dois clubes tinham muito a festejar, pois, em pouco tempo de fundação das duas agremiações, conseguiram êxito na seara esportiva como poucas equipes haviam conseguido até aquele momento.⁷

Neste trabalho compara-se o Palestra Itália fundado em São Paulo em 1914, que após 1942 passou a se chamar "Sociedade Esportiva Palmeiras", com o Palestra Itália de Belo Horizonte, que iniciou suas atividades em 1921 e após 1942 transformou-se em Cruzeiro Esporte Clube. O objetivo central é analisar, em perspectiva comparada, o Palestra Itália fundado em São Paulo com o Palestra Itália fundado em Belo Horizonte, buscando compreender qual a importância do futebol no processo de inserção e pertencimento dos italianos nas duas capitais mencionadas e qual a contribuição dos Palestras para sedimentar a noção de identidade italiana, entre alguns membros da colônia, no período de 1914 à 1933.

Especificamente, buscou-se compreender as semelhanças e diferenças, no tocante à construção da ideia de pertencimento à Itália como nação de origem e ao Palestra como representante de uma parcela dos imigrantes que se agruparam em torno desse time de futebol, nas capitais dos Estados de São Paulo e de Minas Gerais, e na sua articulação com os demais clubes e com essa modalidade.

Em Minas Gerais, a impressão que as pessoas tinham do futebol paulista é de que ele era o melhor do Brasil. O jogo dos paulistas era superior até mesmo ao dos cariocas; era o melhor tecnicamente. E os cronistas ainda afirmavam: "São Paulo será ainda, por muito tempo, a terra do *football*".⁸ A disputa para confirmar qual

⁵ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

⁶ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

⁷ É impressionante observar como em pouco tempo de fundação os Palestras Itália conquistaram tantos títulos. O Palestra Itália de São Paulo foi campeão paulista em 1920, 1926, 1927, 1932, 1933 e 1934. O Palestra Itália de Belo Horizonte foi campeão mineiro em 1926, 1928, 1929 e 1930. As duas equipes foram vice-campeãs por diversas vezes no período que abrange esta pesquisa.

⁸ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

região possuía o melhor futebol, nesse momento, concentrava-se entre esses dois Estados. O fato de o jogo dos mineiros ter melhorado muito e se desenvolvido tecnicamente durante a década de 1920, no entanto, foi uma observação, recorrente na imprensa, a tal ponto de os espectadores reconhecerem o lugar que Minas Gerais passara a ocupar na vida esportiva do país, a partir da década de 1930: "Nenhum clube desembarca aqui para debochar dos mineiros".⁹

É importante salientar que, ao ser difundido o "mito da italianidade" – e os Palestras contribuíram para reforçá-lo à medida que seus dirigentes e, posteriormente, os seus torcedores cultuavam os símbolos da pátria distante –, as hostilidades contra os italianos cresceram. Com a fundação e a ascensão do time de futebol que representava essa colônia, foram levadas para a esfera esportiva algumas discussões e sentimentos que se concentravam no âmbito da aceitação e da recusa da convivência social dos vários povos que viviam no Brasil nesse momento, que, de certa forma, disputavam espaço no mercado de trabalho e, de modo mais geral, no cotidiano das cidades.

Em razão da grande importância que o futebol assumiu, contudo, essa prática condensou e canalizou percepções, afirmações e representações dos italianos de forma crescente. Esse jogo, com o passar dos anos e numa velocidade impressionante, até para os maiores entusiastas, possibilitou o surgimento de grandes palcos onde as mais diferentes sensações foram experimentadas, sedimentando condutas, difundindo valores e abrangendo aspectos positivos e negativos da nossa cultura. Acrescenta-se a tudo isso o fato de o espetáculo esportivo ter-se transformado em algo rentável, capaz de despertar os mais diversos interesses.

Tanto o Palestra de São Paulo quanto o de Minas Gerais, apesar de enfrentarem em vários episódios muitas hostilidades e violências, conseguiram se afirmar nos seus respectivos Estados. O que motivou tantas atitudes depreciativas e em alguns casos até sentimentos de ódio, pelos indícios encontrados, foi a xenofobia contra o italiano. Nesse sentido, trabalhou-se com a hipótese de que o futebol foi uma manifestação cultural que contribuiu, em certa medida, para que alguns

⁹ MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 2, 19-20 maio 1930.

italianos conseguissem superar adversidades e sobressaíssem com um time composto, em sua maioria, por pessoas dessa origem étnica. Outra questão que se tentou compreender foi como os jogadores do Palestra conseguiram o aprimoramento técnico e físico necessário para sobrepujar os adversários. Nesse caso, a hipótese levantada é de que, por causa do ambiente hostil a que foram submetidos os italianos do Palestra, eles passaram a se desdobrar nos treinamentos e nos jogos para vencer e conquistar títulos.

METODOLOGIA E FONTES

O método da história comparada¹⁰ tem o intuito de extrapolar os estudos locais e regionais como proposto pelo historiador francês Marc Bloch, que utilizou intensamente a comparação e considerava o método comparado um instrumento de uso corrente e com resultados positivos (1963):

O método comparativo tinha o mérito de possibilitar ao observador afastar-se do seu próprio ponto de observação e, ao ultrapassar o caráter individual e único de cada sociedade observada, permitir a passagem da descrição para a explicação de processos históricos, sistematizando assim conhecimentos. Entretanto, a História Comparada na perspectiva de Bloch, atinha-se a espacialidades próximas e a uma mesma temporalidade. A maioria das tentativas feitas no sentido da História Comparada se fundamentava em 'comparar o comparável', em que o conceito de comparação estava necessariamente atrelado a estas fronteiras e/ou períodos tradicionais, confrontando-se preferencialmente sociedades vizinhas, de mesma natureza e coetâneas.¹¹

Para Bloch, “duas condições são necessárias para que haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os fatos observados é evidente – e uma certa diferença entre os meios que aconteceram”. Nesse mesmo sentido, Barros afirma:

A busca de analogias e diferenças, neste caso, será obviamente imprescindível para que não se tenha um mero quebra cabeças civilizacional. A História Comparada, enfim, não se pode reduzir à mera coletânea de histórias nacionais ou de histórias de civilizações. Ela faz-se de interações, de iluminações recíprocas, e não de meras superposições.¹²

¹⁰ Para maiores informações sobre as origens da História Comparada como modalidade historiográfica específica, v. Barros (2007a).

¹¹ THEML; BUSTAMANTE. História comparada: olhares plurais, p. 10.

¹² BARROS. História comparada: um novo modo de ver e fazer a História, p. 24.

A partir daí e motivado pelo desejo de ampliação dos olhares e de compreensão da realidade de São Paulo e de Belo Horizonte, no que concerne ao esporte e ao papel dos imigrantes no desenvolvimento do futebol nas capitais mencionadas, estabeleceu-se o recorte temporal que abrange o ano de 1914, ano de fundação do Palestra Itália de São Paulo, até 1933, ano em que ocorreu a profissionalização do futebol em alguns Estados brasileiros. O profissionalismo transformou de maneira bem expressiva as relações dos jogadores com os clubes, embora antes de tal regime passar a vigorar já acontecessem relações semiprofissionais nos principais clubes do país, como evidenciado por Rodrigues Filho (2003), Pereira (2000), dentre outros pesquisadores.

A Società Sportiva Palestra Itália de São Paulo foi fundada originalmente em 1914, no extinto salão Alhambra, à época situado próximo à Praça da Sé. Participaram desse encontro, aproximadamente, 46 pessoas, a maioria de origem italiana, e, como consta na primeira carteira social do clube, a entidade almejava ser além de sociedade esportiva, também recreativa e dramática.¹³ De acordo com Strepco (2010), em 27 de agosto de 1914 o jornal *Fanfulla* informou a composição da primeira diretoria do Palestra Itália fundado na capital paulista.

Já a Società Sportiva Palestra Itália de Belo Horizonte foi fundada oficialmente no dia 2 de janeiro de 1921, na Casa de Itália, na Rua Tamoios, no centro de Belo Horizonte, e reuniu 95 esportistas de origem italiana. Um dos pontos mais importantes dos dois estatutos era o que determinava que os *players* das duas entidades só poderiam ser italianos ou filhos de italianos.¹⁴ Tal exigência foi abolida em 1925, no entanto, o time continuou sendo identificado com os italianos.

A palavra "palestra", de origem grega, significa "academia ou escola onde se pratica atividades físicas".¹⁵ Entretanto, os dois clubes representaram muito mais do que isso. Em comum tinham o desejo de reunir os membros da colônia nas duas capitais e de ser um projeto elaborado e concretizado para despertar e cultivar o sentimento de italianidade entre os imigrantes ou descendentes. Segundo Duarte,

¹³ Cf.: CERVO. Início da vida palestrina, 2012.

¹⁴ DIÁRIO DE MINAS, Belo Horizonte, p. 2, quarta-feira, 27 abr. 1921.

¹⁵ PALMEIRAS: linha do tempo: 2014-21.

quem sugerira o nome Palestra Italia fora Luigi Cervo. Palestra é palavra de origem grega e, na acepção de que estamos tratando, significa 'local para exercícios; praça em que se praticam esportes, mas que serve também para promover festas e outros eventos'. Para um clube de gente tão ativa e comunicativa, não podia haver melhor denominação. O estatuto definira também as cores da agremiação: o verde, branco e vermelho da bandeira italiana.¹⁶

O Palestra de São Paulo entrou para a APEA em 1916, portanto, dois anos após sua fundação; enquanto o Palestra de Belo Horizonte entrou para a Liga Mineira de Desportes Terrestres (LMDT) em 1921, portanto, no mesmo ano em que foi criado. As duas entidades foram aceitas muito rapidamente nas principais competições dos seus respectivos Estados, o que demonstra a força e a importância que a colônia italiana tinha nas duas capitais. Assim como no caso do Palestra Itália de São Paulo, o uniforme do Palestra mineiro levou as cores da bandeira italiana.

O primeiro título conquistado pelo Palestra de São Paulo ocorreu em 1920, enquanto o Palestra de Belo Horizonte foi campeão em 1926. Contudo, transcorreram-se seis anos para o Palestra de São Paulo ser campeão e cinco anos para o Palestra de Belo Horizonte alcançar o mesmo feito no seu Estado de origem. Eles foram vice-campeões das competições em 1917 e 1922 respectivamente. Podemos perceber que, com todas as dificuldades apresentadas, ainda mais no caso do Palestra Itália de São Paulo, pelas contingências e pelo clima tumultuado ocasionado pela Primeira Guerra Mundial, tudo aconteceu com grande velocidade, tal como os ímpetus da modernidade almejada nas duas capitais que promoveram mudanças importantes na arquitetura, nas novas formas de diversão e de convívio social. O estatuto do "Palestra Italia de S. Paulo", fundado em 26 agosto de 1914, apresenta indícios significativos do desejo dos italianos na constituição do time.

TREINAR PELO PALESTRA... JOGAR E VENCER PELA ITÁLIA

Quem começou a treinar primeiro em São Paulo foi a equipe do Paulistano, em 1918, e serviu de inspiração para outros clubes. A diretoria dessa entidade, além de se preocupar com o "aperfeiçoamento coletivo dos jogadores",¹⁷ baseou-se inicialmente e "essencialmente nas condições individuais de cada um conforme a

¹⁶ DUARTE. *Palmeiras*, p. 29.

¹⁷ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 10 nov. 1919.

doutrina que entre nós estava tendo foros de cidade".¹⁸ Esse sistema de treinamento adotado pelo Paulistano teve tanto sucesso que o referido clube ganhou o título de "Campeão de 1918", campeonato muito disputado e que em alguns momentos ameaçou-lhe escapar.

Com a conquista do campeonato, essa equipe deu continuidade às suas sessões de treinamento, buscando novamente a "aquisição dessa glória"¹⁹. No entanto, com a vitória do Paulistano, outros clubes também estabeleceram formas de treinamento semelhantes, partindo de maiores exigências e especificidades do futebol, fazendo uma análise mais criteriosa do esporte, dos seus fundamentos e das capacidades físicas envolvidas. Ressaltavam-se, sobretudo, os aspectos individuais, muito referenciados por um método intuitivo e aleatório, embasado em tentativa e erro. As equipes de futebol, já no final da segunda década do século XX, em São Paulo, conseguiram aperfeiçoar a preparação dos jogadores e melhorar a *performance dos footballers*, que naquele momento começavam a ter uma rotina de atletas, já com alguma semelhança com os métodos instituídos posteriormente, com embasamento científico, cujo objetivo passou a ser dar estímulos específicos, nas sessões de treino, para tirar o atleta do estado de equilíbrio. Isso acarretava adaptações no corpo do jogador, tornando-o mais preparado para exercer o futebol, segundo a intensidade e o volume que as partidas passaram a demandar.²⁰

As equipes de futebol em São Paulo aperfeiçoaram a preparação dos jogadores porque perceberam que o futebol a cada ano despertava mais interesses. O Corinthians foi um dos clubes que buscaram copiar o modelo que havia dado certo no Paulistano no ano anterior. Em 1919, em matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, na vitória do Corinthians contra o Palestra, foram ressaltados os méritos da equipe corinthiana, como o "resultado de um trabalho de preparo feito desde muito tempo com admirável regularidade e progresso".²¹ De fato, o treinamento rigoroso no Corinthians foi instituído no começo de 1919, conforme noticiado em *O Estado de São Paulo*:

¹⁸ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 10 nov. 1919.

¹⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 10 nov. 1919.

²⁰ Cf.: WEINECK. Treinamento ideal, 2003.

²¹ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 10 nov. 1919.

A vitória que conquistou o Corinthians contra o Palestra é tanto mais meritosa quanto representa o resultado de um trabalho de preparo feito desde muito tempo com admirável regularidade e progresso.

Esse preparo não visou somente, como geralmente se pratica em São Paulo, o aperfeiçoamento coletivo dos jogadores e sim se baseou essencialmente na melhoria das condições individuais de cada um conforme a doutrina que entre nós está tendo foros de cidade desde que a adoção desse sistema permitiu, ao Paulistano, no ano passado, conquistar o título de campeão de 1918 que ameaçava escapar-lhe e este ano, provavelmente, muito contribuirá para a sua provável nova aquisição dessa glória.

A diretoria do Corinthians dedicou especial atenção e cuidado ao treino individual dos seus *footballers*, com o intuito, principalmente, de lhes aumentar a resistência de jogo. E foi precisamente por possuírem maior resistência que os seus adversários que os corinthianos no segundo tempo do jogo de ontem fizeram aquela reação, por muitos inesperada, que lhes permitiu alcançar a vitória. Cada vez mais, fica evidenciada a necessidade de todos os *footballers* praticarem exercícios individuais que os habilitem a usar até o limite máximo todos os conhecimentos técnicos de que possuem. Porque, então, não adotam todos os clubes da primeira divisão esse ótimo método de obrigar seus jogadores a treinarem individualmente todos os dias e coletivamente uma ou duas vezes por semana? Isso nem é impossível nem difícil, pois que algumas das nossas melhores sociedades esportivas desde algum tempo seguem esse sistema do qual tem tirado sempre os melhores resultados.²²

Nem todas as equipes, entretanto, acreditavam nos métodos de treinamento que passaram a vigorar em algumas associações. Ladislau, em tese apresentada sobre o treinamento esportivo no Brasil, afirma que "as qualidades físicas eram enunciadas de forma muito articulada com suas demandas". O autor procurou mapear quais termos foram utilizados para descrever as capacidades físicas importantes a desenvolver nos atletas para o aperfeiçoamento da prática esportiva.²³

Em Belo Horizonte, os termos empregados no que se refere a preparação dos atletas foram mais vagos, apesar deles também ressaltarem a importância do treinamento, como na notícia veiculada no Diário de Minas do dia 18 de Dezembro de 1921, em que o autor do texto começava a conjecturar o que seria o campeonato de 1922 da seguinte forma: "Vários clubes horizontinos, poderão entrar em campo em 1922 com as mais francas probabilidades de vitória. Esta resultará por certo com maior esforço, da maior constância, do melhor e mais inteligente treinamento."²⁴

Em 1922, uma matéria no *Diário de Minas* confirmou as projeções feitas anteriormente, pois America e Palestra foram apontados como "os dois fortes contendores que se defrontarão, batendo-se pelo título de campeão deste ano, tem

²² UMA observação aproveitável. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 17 nov. 1919.

²³ LADISLAU. *Auroras da vitória*, p. 97.

²⁴ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2-3, 18 dez. 1921.

os seus principais conjuntos em ótimas condições de treino".²⁵ A falta de informações sobre a preparação das equipes fez questionar a todo o momento como era o treinamento dos jogadores em Belo Horizonte. Entretanto, ao se analisar o contexto das publicações referentes à preparação física no Brasil, observou-se que a falta de maiores detalhes sobre as sessões de treino – ou mesmo os poucos termos técnicos empregados nas fontes consultadas – era um reflexo daquele momento em que não se tinha conhecimento sobre este tema.

Os textos publicados nos jornais paulistanos não trazem referências bibliográficas ou teóricas que deem pistas de onde os clubes e os treinadores tenham se embasado para alterar os métodos de preparação das equipes. Tudo leva a crer que um conjunto de fatores pode ter contribuído para sedimentar ampla troca de informações entre os responsáveis pela conduta dos técnicos e a adesão da maioria dos jogadores aos programas de treino. Dentre esses fatores, vale a pena mencionar o acirramento das competições esportivas, a circulação das informações, principalmente dos procedimentos no treinamento dos clubes que se destacavam nos principais campeonatos e a vinda de estrangeiros para o Brasil.

Para Ladislau (2010, p. 89), somente na década de 1930, mais especificamente em 1932, com a publicação do primeiro número da *Revista Educação Physica* é que o debate sobre a importância do treinamento esportivo ganhou visibilidade: "Logo no primeiro número da *Revista Educação Physica*, vários artigos expõem a importância do treinamento para o alcance dos objetivos esportivos". É compreensível que com uma publicação especializada, que reunia informações sobre a preparação para a prática esportiva, em muitos lugares do país onde essas revistas circularam, uma gama de conhecimentos e possibilidades de difusão dos métodos de treino foi acessada por pessoas diversas e, sobretudo, profissionais interessados nas várias modalidades e práticas corporais. Até que ponto elas impactaram mudanças no comportamento e na intervenção daqueles que eram responsáveis pela preparação dos atletas é muito difícil especular.

Além da importância atribuída ao preparo físico racional e a ênfase dada às observações das qualidades físicas envolvidas no esporte, como foi enunciado pelos

²⁵ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 5 mar. 1922.

jornais de São Paulo a partir de 1919, a novidade que o texto apresenta, considerada de suma importância, é a contratação de um instrutor de Educação Física para atuar na preparação física dos jogadores do Bangu.

Ressalte-se que em Belo Horizonte há muitas informações de que os times existentes na cidade treinavam em dias e horários determinados. A convocação para os treinos eram publicadas nos jornais. Contudo, não foram encontradas maiores informações sobre as rotinas de treino das equipes que disputavam as competições promovidas pela LMDT. Não foram encontrados indícios de que os *footballers* treinavam individualmente, tampouco de que se exercitavam todos os dias, como algumas equipes paulistanas. Pelas notícias presentes nos jornais, os treinos eram constituídos por jogos coletivos, entre o primeiro e o segundo time das entidades, e de amistosos promovidos contra outras equipes da cidade, contudo não atingiram o grau de exigência e desenvolvimento técnico que os novos rumos do esporte começava a alcançar em São Paulo.

Mesmo para o Palestra Itália de Belo Horizonte "club novíssimo, mas que vem surgindo com todos os requisitos para conquistar os melhores louros", conforme assinala O Diário de Minas de abril de 1921,²⁶ o treinamento dos seus jogadores era condição indispensável para representar bem a colônia italiana da cidade, e também para "trilhar em Minas a mesma rota do valoroso campeão da paulicéa".²⁷ O cronista ainda assinalou que os jogadores do Palestra mostraram-se treinados e resistentes, entretanto faltou-lhes um pouco de técnica. Os *players* palestrinos que se destacaram positivamente foram Attilio, que o cronista elegeu como o melhor jogador, e Nani, que se distinguiu dos demais por ter demonstrado raro esforço e habilidade.

É importante salientar a preocupação do time do Palestra de Minas Gerais em representar bem e honrar o nome recebido, tal como fazia o clube homônimo do Estado de São Paulo, e, por sua vez, também encher de satisfação os integrantes da colônia instalada nos dois estados.

No *Diário de Minas* de setembro de 1921, num importante jogo entre o Athletico e o Palestra, que terminou em 1 a 1, o autor da matéria assim resumiu a partida:

²⁶ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 17 abr. 1921.

²⁷ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 17 abr. 1921.

O jogo mais importante do campeonato da Liga Mineira antontem realizado foi entre o Athletico e o Palestra, durante o qual atuou como *referee*, com o maior critério, o dr. Hermeto junior. Foi um *match* movimentado e cheio de interesse em que o Palestra e o Athletico souberam por á prova os seus requisitos de técnica e treinamento.²⁸

Desde os primeiros jogos entre as equipes do Athletico e do Palestra, uma rivalidade acentuada começou a ser instituída, tornando-se, depois de poucos anos transcorridos, a principal rivalidade do futebol no Estado de Minas Gerais. Na citação acima vale destacar a importância atribuída à técnica e ao treinamento, tanto por parte da equipe do Athletico quanto da equipe do Palestra, porém a crônica não apresenta os princípios ou as rotinas de treinamento das equipes belo-horizontinas.

Somente alguns adjetivos podem ser encontrados nas matérias quando os autores se referem ao treinamento das equipes, tal como na narrativa sobre o confronto Palestra e Sete de Setembro, em que, segundo o cronista, "o Sete mostrou um treinamento sadio e vigoroso, que lhe valeu e vai valer".²⁹ Nesse jogo, o Palestra foi derrotado com grande superioridade pela equipe do Sete de Setembro, porém não foi possível extrair do texto maiores informações sobre as sessões de treinamento ou os princípios que norteavam a preparação dos jogadores das duas equipes, tal como foi possível identificar em São Paulo.

Da mesma forma, no anúncio da partida que seria disputada entre as equipes da Sociedade Esportiva Palestra Itália de Belo Horizonte e o Villa Nova, o clube de Nova Lima é apresentado da seguinte forma: "Diz-se que o clube de Vila Nova vem excelentemente treinado e disposto para uma luta magnífica. Trata-se, com efeito, de um clube já conhecido em nosso meio e geralmente apreciado nesta capital".³⁰ Pela falta de descrição dos métodos de treinamento dos times em Belo Horizonte, pode-se questionar o que significava ser uma equipe excelentemente treinada naquele momento.

Se em Belo Horizonte há poucos indícios de como aconteciam os treinamentos das equipes e como eram executados, em São Paulo as descrições dos treinos são ricas e consistentes a partir de 1919, pois, antes disso, as narrativas

²⁸ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 3, 13 set. 1921.

²⁹ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 3, 21 jun. 1921.

³⁰ DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 7 jan. 1921.

sobre o treinos encontradas nos jornais são bem parecidas com o contexto da capital mineira – por exemplo, na notícia publicada no *Correio Paulistano* em julho de 1915: "[...] também a equipe alvi negra, que tanto se tem distinguido no atual campeonato da APSA, pela ótima organização e apurado *training* do seu time, não desenvolveu, ontem, o seu costumado jogo",³¹ ou na referência à equipe do Palmeiras que ia disputar um *match* interestadual contra o Botafogo, em que a primeira foi apresentada como "uma *eleven* já muito conhecida, treinadíssima e bem organizada".³²

Também em São Paulo as equipes estabeleceram, com o passar dos anos, vários mecanismos para forçar com que os jogadores comparecessem aos treinos, e o principal deles era a exclusão do jogador faltoso dos principais eventos e competições esportivas, como descrito no *Correio Paulistano* de setembro de 1915:

Realiza-se hoje um *training* entre o segundo time e o Rachou *team*, desta sociedade. Os *captains* pedem o comparecimento dos jogadores e dos reservas, para a formação do time que deverá jogar domingo no Velódromo, contra o Palestra Itália. Os que não comparecerem serão excluídos do *match*.³³

Apesar de o anúncio do treino não apresentar os conteúdos e as atividades desenvolvidas em campo, pode-se afirmar que os treinamentos eram considerados importantes. Havia um entendimento, possivelmente apoiado por experiências anteriores, que a falta de obrigatoriedade pelo comparecimento dos atletas resultaria num esvaziamento dos treinos e na falta de comprometimento dos jogadores.

Outro aspecto importante de ser salientado é que, com a substancial e intensa circulação dos principais jogadores pelas equipes paulistas, as informações sobre as sessões de treinamento e sobre as atividades que os compunham fizeram com que houvesse uma valorização da preparação dos atletas que formavam as equipes e, concomitantemente, um avanço na prática executada no cotidiano dos "ensaios". No *Correio Paulistano* de outubro de 1915, na matéria sobre o jogo Santos *versus* Palestra Itália, o cronista apresentou a equipe santista ressaltando esse aspecto acima mencionado:

³¹ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 4, 12 jul. 1915.

³² CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 3, 20 ago. 1915.

³³ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 3, 30 set. 1915.

O Santos F. C. Campeão da vizinha cidade, tem-se batido com galhardia contra vários clubes concorrentes ao campeonato paulista e possui uma equipe perfeitamente treinada, além de excelentemente organizada. Alguns dos seus principais elementos são mesmo bastante conhecidos em S. Paulo, onde jogaram brilhantemente, em clubes desta capital.³⁴

Embora as equipes treinassem, nem sempre o espetáculo esportivo correspondia às expectativas do público, nem a dos cronistas, como ocorreu no jogo em que o Ypiranga enfrentou o Palestra. O jogo, apesar de disputado, não foi bom tecnicamente, nem "primou pelo apuro esportivo",³⁵ como era de se esperar de equipes treinadas e disciplinadas, filiadas à Associação Paulista.

Nas notas dos jornais, os jogos eram apresentados e, em muitos casos, a divulgação para o espetáculo esportivo era construída ressaltando as principais qualidades das equipes, sobressaindo o estado de treinamento em que se encontrava a equipe, pois esse era um importante aspecto a ser levado em consideração por quem buscava assistir a um bom jogo de futebol. "Será portanto um jogo interessantíssimo. O time do Palestra é pesado, forte e acha-se em excelentes condições de *training*; o time do S. Bento é o mesmo que anteontem derrotou o Ypiranga. Portanto, são desnecessários outros pormenores".³⁶

Entretanto percebeu-se uma grande mudança nos métodos de treino descritos pela imprensa a partir de 1919. Em crônica publicada no jornal *O Estado de São Paulo* de novembro de 1919 foram encontrados os princípios que deveriam reger o treinamento das equipes. A matéria, intitulada "As lições do dia", refere-se a um jogo em que o Paulistano derrotou a equipe do Palestra:

A vitória do Paulistano demonstrou primeiro que tudo que uma linha composta de elementos ágeis, ligeiros, de grande poder de movimentação, pode em qualquer caso, desde que esteja bem treinada, enfrentar com inteira vantagem o que entre nós se convencionou a chamar time forte, isto é, um quadro composto de elementos de grande resistência estática, de maior peso, de maior estatura e de maior força. A facilidade de deslocação dos alvi rubros fatigou por fim a defesa palestrina que teve de poder a contida e mobilíssima ofensiva do Paulistano que, era de... (ilegível)... mais de que resistência, requeria um extraordinário poder de atenção.³⁷

³⁴ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 4, 3 out. 1915.

³⁵ CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 29 1916.

³⁶ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 3, 20 set. 1916.

³⁷ AS LIÇÕES do dia. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 4, 17 nov. 1919.

Vale destacar que no trecho acima o cronista ressaltou que com o treinamento bem executado uma equipe com atletas mais fracos fisicamente poderia vencer uma equipe constituída por jogadores mais fortes. E foi o que ocorreu, daí o título da matéria, pois essa era realmente a "Lição do dia". Lição que saía do âmbito esportivo e que poderia ser compreendida como uma metáfora, fazendo alusão às situações da vida cotidiana, em que, com empenho, dedicação e trabalho, uma pessoa mais fraca poderia vencer uma pessoa mais forte. A crônica esportiva, ao especializar-se, torna-se pródiga em utilizar esses exemplos que ultrapassam o âmbito do esporte.

Na equipe do Palestra, nesse momento, havia muitos episódios em que os jogadores eram expulsos ou se envolviam em brigas e confusões por entrarem nos lances com força excessiva e com muita agressividade, o que não deixava de ser em razão da grande força física adquirida nos treinamentos, chegando mesmo a intimidar os adversários, que temiam pela sua integridade física.

Na narrativa construída da vitória do Paulistano sobre o Palestra, o autor da crônica destacou que o primeiro princípio responsável pelo êxito do clube era o grande "esforço que forneceram os atletas", e porque, em nenhum instante durante a partida fraquejaram. A boa atuação do Palestra "era em grande parte devido aos exercícios individuais de resistência e de velocidade que desde algum tempo [vinham] obrigatoriamente praticando, como ultimamente, a seu exemplo, está[va] fazendo o S. C. Corinthians".³⁸

A conclusão a que o autor chegou implicava encontrar um equilíbrio entre o jogo mais agressivo e pesado do Palestra Itália, incentivando, por sua vez, também, o jogo coletivo e as habilidades individuais, de tal forma que surgisse como uma das premissas básicas do jogo a articulação entre as três linhas de jogadores que estavam distribuídos em campo: a linha de defesa, a linha composta pelos jogadores de meio-de-campo e a linha de ataque, como demonstrado no trecho a seguir:

Da derrota do Palestra é fácil concluir que o sucesso de um jogo de futebol depende muito mais da coesão, da homogeneidade de um quadro do que da excelência de alguns elementos que o componham. Uma linha de ataque, média ou de defesa é como um todo articulado cujos elementos devem atuar

³⁸ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 17 nov. 1919.

harmonicamente entre si e também com os das outras linhas, em perfeita unidade de objetivo e de funcionamento.³⁹

Destaque-se, ainda, que o autor da crônica teceu vários elogios ao time do Palestra pela resistência que opunha aos seus adversários, o que demonstrava as ótimas referências dos atletas que compunham a equipe e as boas expectativas que ele vislumbrava para este clube.

Dessa forma, o time do Palestra não ficou atrás por muito tempo das equipes do Paulistano e do Corinthians. Com o recrudescimento do preconceito contra os italianos na cidade de São Paulo e com as inúmeras demonstrações de intolerância e de desrespeito contra eles, o Palestra também começou a treinar de forma rigorosa para enfrentar os outros adversários em condições de ganhar deles.

Uma das crônicas mais significativas desse momento e que registrou os métodos de treinamento adotados pela equipe do Palestra em 1920 foi publicada no jornal *O Combate* em 11 de dezembro, ano em que o Palestra se consagrou campeão da cidade, sobrepujando os demais times que disputavam o principal campeonato da APEA: “O Palestra Itália inegavelmente se destacou sobremaneira nesta campanha. Não se poupou. Adotou os exercícios individuais. Exigiu, dos seus campeões, maiores esforços. Impôs, relativamente, a disciplina entre os seus membros principais”.⁴⁰

O objetivo com a referida matéria era anunciar o confronto entre o Palestra Itália e a equipe do Paulistano, que se enfrentariam no dia seguinte, num embate para decidir quem seria o campeão de 1920. As equipes foram apresentadas com as devidas ressalvas, destacando-se a preparação delas. Os jogadores dormiram nas respectivas sedes, procedimento que já naquele momento começara a ser adotado e que décadas mais tarde se tornaria uma forma rotineira e polêmica de confinamento dos atletas, com o intuito de prepará-los para as partidas e competições decisivas, designado de concentração.⁴¹

³⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 17 nov. 1919.

⁴⁰ O COMBATE. São Paulo, p. 1, sábado, 11 dez. 1920.

⁴¹ A chamada "concentração", até os dias de hoje, divide opiniões, sendo rotina em muitos clubes na atualidade. Trata-se de um procedimento de reunir os atletas nos dias que antecedem as principais competições, ou as partidas decisivas, com o objetivo de preparar os atletas em tempo integral, deixando os mesmos longe de qualquer fator negativo que possa interferir no desempenho deles. Vale destacar que não foi encontrada outra "concentração" anterior à citada acima. É possível que esta tenha sido a precursora no futebol brasileiro.

No decorrer desta semana, os rapazes dos dois clubes se preparavam porfiadamente. Todos eles, segundo nos informaram, dormiram nas sedes, afim [sic] de submeterem-se de manhã cedo, a exercícios individuais, constantes, de ginástica sueca, corridas, pulos com corda. Apesar da canícula, estão aptos, os vinte e dois jogadores, a resistir por mais de duas horas.⁴²

Para o Palestra, equipe de imigrantes e descendentes de italianos que foram por inúmeras vezes hostilizados ao entrarem no campo de jogo, chamados de "carcamanos, italianos sujos e desertores",⁴³ e outras vezes, em tom pejorativo, de "italianada que pensa querer dominar o Brasil",⁴⁴ a vitória alcançada no futebol contribuiu para aumentar-lhes ainda mais a autoestima e, também, para reforçar os sentimentos de pertencimento.

Todavia, como verificado em outros momentos e em outros times, o treinamento instituído pelo Palestra Itália despertou resistências iniciais. Nem todos aceitavam se submeter às rotinas pesadas de treino. No Palestra de São Paulo, essa insubordinação teve por parte de um jogador, Alfredo Pedretti, seu principal representante, pois a rotina pesada e desgastante das sessões de preparação foi por ele considerada um "regime ditatorial".⁴⁵ O referido *player*, não concordando com o treinamento pesado que passara a vigorar no Palestra, resolveu se ausentar da cidade de São Paulo sem dar nenhuma explicação aos diretores da sua equipe.

Correm várias versões a respeito deste incidente da vida interna do provável campeão deste ano. Como se sabe o clube do Parque Antártica, posto esteja em invejável posição, e tenha dois pontos a mais que o seu mais perigoso antagonista, não se julgando suficientemente seguro, e temendo uma reviravolta da fortuna, tratou de submeter os seus jogadores a rigorosos treinos, de modo a prepará-los para a luta ou lutas com o clube Athletico Paulistano. Pedretti não se quiz [sic] submeter a esse regime ditatorial, sem o que não pode haver turmas fortes, e ausentou-se desta capital, sem dar satisfações aos diretores do seu grêmio. Foi esta a atitude que determinou a resolução extrema por parte da sociedade da rua Libero Badaró.⁴⁶

O jogador, ao abandonar a equipe num momento que antecedia a decisão do campeonato, talvez não esperasse que a reação dos dirigentes fosse tão imediata. A diretoria do Palestra não perdeu tempo em comunicar à imprensa que seu sócio

⁴² O COMBATE. São Paulo, p.1, 11 set. 1920.

⁴³ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 11 jul. 1918.

⁴⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 11 jul. 1918.

⁴⁵ O COMBATE. São Paulo, p. 1, quinta-feira, 9 dez. 1920.

⁴⁶ O COMBATE. São Paulo, p. 1, quinta-feira, 9 dez. 1920.

Alfredo Pedretti, pertencente ao primeiro quadro, havia sido, por indisciplina, eliminado do clube.⁴⁷ Essa decisão foi encarada pela imprensa como uma decisão acertada para se manter a disciplina no esporte, porém em nenhum momento é mencionado o fato de o treinamento desenvolvido pelo Palestra ser excessivo além das condições de os jogadores de suportarem as cargas impostas.

A diretoria do Palestra ainda enviou uma comunicação à Associação Paulista para impedir que Alfredo Pedretti atuasse por outras equipes em território brasileiro, ou que conseguisse regalias, que, segundo o autor da crônica, deveriam ser "conferidas aos que obedecem e sabem guardar a respectiva compostura".⁴⁸ O receio do Palestra talvez fosse que outros jogadores também pudessem ter a mesma atitude de Pedretti e abandonassem a equipe. Por esse motivo, justificava-se plenamente a punição ao atleta, para manter a ordem, o respeito e a noção de hierarquia, valores que o esporte prometia consolidar.

Como anunciado acima, o Palestra venceu o Paulistano e tornou-se campeão de 1920. Não poderia ser coincidência que mais uma equipe, depois de adotar o treinamento diário, incluindo treinamento individual e coletivo, trabalhando diversas capacidades físicas, com base em uma observação atenta das demandas do futebol, alcançasse o título de campeão, derrotando outras equipes, como o próprio Paulistano e o Corinthians.

Segundo Streapco, o Paulistano e o Palestra Itália eram sempre os primeiros colocados nos campeonatos promovidos pela APEA entre 1917 e 1922, ano em que o Corinthians tornou-se campeão pela primeira vez.⁴⁹ O que é importante enfatizar na trajetória do Palestra Itália, e que certamente estimulou os jogadores a treinar ainda com mais vontade de superar os adversários, eram os preconceitos que atingiam diretamente os jogadores pertencentes à colônia italiana de São Paulo, quando entravam em campo.

Para se ter uma referência de como os métodos de treinamento mudaram no Palestra Itália, *O Estado de São Paulo* trouxe, em junho de 1919, a seguinte notícia:

⁴⁷ O COMBATE. São Paulo, p. 1, quinta-feira, 9 dez. 1920.

⁴⁸ O COMBATE. São Paulo, p. 1, quinta-feira, 9 dez. 1920.

⁴⁹ STREAPCO. *Cego é aquele que só vê a bola*, p. 192.

Os palestrinos fizeram ontem um treino no campo do Corinthians, jogando contra o Mackenzie. Exercitaram-se em *driblings*, em passes, em *shoots*, e depois brincaram bastante. Como se fizessem a coisa mais natural deste mundo, fizeram cinco gols, e depois desleixaram no jogo. Resultado: o Mackenzie firmou-se um pouco, alijou as muletas, e fez também dois pontos.⁵⁰

Percebe-se na narrativa do treino acima que a ludicidade, a brincadeira e o jogo coletivo eram preponderantes na equipe italiana. Uma diferença substancial para aqueles métodos adotados pelo mesmo Palestra Itália em 1920 e que foram a causa principal para o abandono de Pedretti, que não suportou os métodos rigorosos de treinamento impostos aos jogadores.

Com a vitória do Palestra Itália em 1920, ficou evidente a importância do trabalho recém-implantado nos clubes da capital paulista, com rotinas de treinamento intensas e diárias, que visavam aperfeiçoar os atletas tanto física, quanto técnica e taticamente, para obterem melhor desempenho e para conquistarem os títulos das competições.

A equipe do Paulistano havia alcançado a supremacia do futebol paulista por ter adotado, primeiro, sessões de treino de acordo com as novas demandas do esporte, que exigiam mais individualmente dos jogadores a cada partida. No entanto, os mesmos procedimentos logo foram reproduzidos por outras equipes que pretendiam alcançar o mesmo desempenho apresentado em campo pelos integrantes do Paulistano, o que, certamente, elevou o nível técnico das partidas, possibilitando confrontos mais acirrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, percebeu-se que vencer, para o Palestra Itália, passou a ser uma forma de conseguir reunir e agrupar mais pessoas, que vieram da região onde se constituiu o território italiano após a unificação, em torno de um sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica, reforçando, desse modo, a italianidade. Para alcançar o objetivo de ser uma equipe que conquistava títulos nas principais competições da cidade, os jogadores italianos do Palestra não pouparam esforços:

⁵⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 30 jun. 1919.

dedicaram-se, treinaram exaustivamente, além de terem observado o que as equipes que tinham mais êxito no campeonato faziam e começaram a fazer o mesmo.

Nesse sentido, para o Palestra Itália, ganhar os jogos e os campeonatos era algo fundamental, para reforçar a identidade e atrair mais italianos. Dessa forma, mais pessoas dessa origem étnica passaram a identificar-se com o Palestra Itália, à medida que o time passou a ganhar das outras equipes.

Para uma considerável parcela dos imigrantes italianos que sofriam no cotidiano inúmeros percalços e preconceitos, eram insultados e hostilizados, viviam a experiência da não aceitação e ainda conviviam com inúmeras precariedades e restrições, não era interessante pertencer a uma equipe perdedora, pois isso só contribuiria negativamente para diminuir ainda mais o prestígio e aceitação dos italianos nas capitais dos Estados de São Paulo e de Belo Horizonte.

Além de mostrar aos próprios imigrantes italianos que eles poderiam superar os estereótipos e estigmas associados a eles por intermédio do futebol, essa modalidade esportiva passou a representar muito para os brasileiros e para um grande contingente de imigrantes de outras nacionalidades. A partir dessa constatação, percebe-se que o intuito dos dirigentes e dos jogadores italianos era ganhar das outras equipes, subjulgando os outros times às derrotas. Essa era uma forma de compensar, na seara esportiva, todas as humilhações, insultos, picuinhas, desmandos, arbitrariedades e constrangimentos que muitos italianos sofreram ao chegar ao Brasil, que era idealizado como uma terra de oportunidades. Nosso país não correspondeu às expectativas de um grande contingente de italianos, que voltaram para a Itália ao se frustrarem com as péssimas condições de vida oferecidas em território brasileiro.

REFERÊNCIAS:

BARROS, José D'Assunção. Origens da história comparada: as experiências com o comparativismo histórico entre o século XVIII e a primeira metade do século XIX. **Anos 90**, Porto Alegre, vol.14, n. 25, p.141-173, jul. 2007a.

BARROS, José D'Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a História. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 1-30, 2007b.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparé des sociétés européennes. In: _____. **Melanges historiques**. Paris: Sevpen (Bibliothèque Generale de L'École Pratique des Hautes Études), 1963.

CAPELATO, Maria Helena R. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto; Edusp, 1988.

CERVO, Luigi. Início da vida palestrina. In: GALUPPO, Fernando Razzo. **Morre líder, nasce campeão!** – 1942: arrancada heroica palmeirense. São Paulo: Ed. BB, 2012. p 14-23.

DUARTE, Orlando. **Palmeiras: o alviverde imponente**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

LADISLAU, Carlos Rogério. **Auroras da vitória: letras do treinamento esportivo no Brasil (1920-1968)**. 2010. 182 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Campinas, SP, 2010.

PALMEIRAS: linha do tempo: 2014-21. Disponível em: <www.palmeiras.com.br/linhadotempo/1914-21>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (Coleção Histórias do Brasil)

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

STREAPCO, João Paulo F. **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C.** 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

THEML, Neide; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História comparada: olhares plurais. **PHOENIX**: revista de história comparada, vol. 10, p. 9-30, 2004.

WEINECK, Jürgen. **Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. 9. ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

* * *

Recebido para publicação em 20 out. 2016
Aprovado em 20 nov. 2016

Significados das emoções no futebol brasileiro e argentino: um diálogo em contextos etnográficos distintos

Meanings of emotions on Brazilian and Argentinean football:
a dialog in distinct ethnographic contexts

Gustavo Andrada Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre / Brasil
Doutorando em Educação, UFRGS
gustavo.bandeira@ufrgs.br

Maria Nemesia Hijós

Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina
Doutoranda em Ciências Sociais, UBA

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos destacar como as emoções são narradas e representadas em dois contextos etnográficos distintos. No primeiro contexto etnográfico se procurou observar um currículo de masculinidade nos estádios de futebol em Porto Alegre, Brasil. Nosso segundo contexto é uma investigação acerca dos processos de ‘modernização’ da gestão esportiva em um clube de futebol, em Buenos Aires, na Argentina. Nos propomos a interpretar de que modo emoções e sentimentos são entendidos para a construção de masculinidades ou para as narrativas comerciais do ‘produto futebol’. Se, em alguma medida, o amor e as emoções permitiriam questionar os ditos hegemônicos da cultura ao tensionar as permissividades de performatividades de gênero ou de uma lógica cartesiana de causa e efeito ou da necessidade produtiva, elas também podem enquadrar os sujeitos repetindo disputas de gênero e de consumo. Essa experiência afetiva não é nem uma contestação absoluta às normas vigentes nem uma aceitação total das mesmas. Ela seria mais bem entendida como um campo de possibilidades de vivências, de pertencimento e construção de subjetividade. Talvez os afetos estejam em disputa e nos parece que lutar por essa causa seja bastante justo.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções; Masculinidade; Consumo; Futebol.

ABSTRACT: On this paper, it is intended to highlight how emotions are narrated and represented in two specific ethnographic contexts. In the first ethnographic context, a curriculum of masculinity in football stadiums in Porto Alegre, Brazil, was observed. Our second context is an investigation about the processes of ‘modernization’ of sportive management in one football club, in Buenos Aires, Argentina. We purpose to interpret how emotions and feelings are understood for the construction of masculinities or for the commercial narratives of the ‘football product’. If, in anyway, love and emotions would permit questioning the hegemonic sayings of the culture when the permissiveness of gender performativities were tensioned or when a Cartesian logic of cause and effect or when a productive necessity were tensioned as well, they also can produce a framework of the individuals repeating gender and consume disputes. This affective experience is neither an absolute contestation to the current norms nor a total acceptance of them. It could be better understood as a field of possibilities of experiences, as well as of a feeling of belonging and construction of subjectivity. Maybe the affections are in dispute and it seems to us that fighting for this cause is quite fair.

KEYWORDS: Emotions; Masculinity; Consume; Football.

Entendemos o futebol como um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, o futebol é entendido como produtor de marcas culturais e não um mero reproduzidor das mesmas. Nesse trabalho, pretendemos destacar como as emoções são narradas e representadas em dois contextos etnográficos distintos. Propomo-nos a interpretar de que modo emoções e sentimentos são entendidos para a construção de masculinidades ou para as narrativas comerciais do ‘produto futebol’.

O primeiro contexto etnográfico é o material empírico de uma dissertação de mestrado em educação em que se procurou observar um currículo de masculinidade nos estádios de futebol em Porto Alegre, Brasil.¹ Para o que nos propomos aqui, os cânticos ditos coletivamente no estádio ganharão maior relevo. Tentaremos descrever de que forma os torcedores cantaram seus pertencimentos e como as emoções produziram uma vinculação desses torcedores com seus clubes e que lugar ocuparam nesse currículo de masculinidade.

Nosso segundo contexto é uma investigação acerca dos processos de ‘modernização’ da gestão esportiva em um clube de futebol, em Buenos Aires, na Argentina, produzidos para um trabalho de conclusão do curso de graduação em ciências antropológicas.² Tentaremos problematizar como a gramática empresarial dialoga e/ou é resistida por conceitos utilizados por antigos sócios e dirigentes substituídos, especialmente a partir dos anos de 1990, por atores mais vinculados ao campo da administração profissional e do marketing.

Em diferentes esferas da cultura, as emoções são narradas como condição de humanidade. Quem não possui determinados sentimentos, considerados adequados frente a um determinado fenômeno, poderá ser adjetivado, em casos mais graves, de monstruoso. Ao mesmo tempo, o controle das emoções é recheado de valores positivos dentro de diferentes modalidades discursivas, desde o cristão que não se deixa cair em tentação até o centroavante que não teme o estádio cheio na hora da conclusão a gol.

¹ BANDEIRA. *“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”*.

² HIJÓS. *El deporte como mercancía*.

Não entendemos as emoções apenas como estados subjetivos e privados, mas como práticas discursivas envolvidas em relações de poder. O entendimento de que as emoções não são naturais ou inatas não visa diminuir o envolvimento dos indivíduos ou mesmo as sensações viscerais como os choros, enjoos ou as tonturas de uma partida de futebol, mas pretende colocá-las dentro do circuito da cultura verificando como diferentes discursos se articulam, se complementam ou se rechaçam neste contexto.

MODOS DE OBSERVAÇÃO NOS DIFERENTES CAMPOS EMPÍRICOS

Acreditamos que, por honestidade ao leitor, precisamos marcar desde o início o pertencimento dos pesquisadores. A interpretação dos fenômenos nunca é neutra e por esse motivo o lugar de onde os pesquisadores falam é muito importante para apontar em uma direção ou em outra. Antes de seguirmos com a explanação, entendemos ser necessário marcar nossa vinculação com as torcidas de futebol. Somos torcedores de futebol vinculados aos clubes em que realizamos as investigações. No caso do trabalho com as torcidas em Porto Alegre, o investigador é gremista, enquanto na investigação com os dirigentes do Boca Juniors, a pesquisadora é torcedora do azul y oro. Ao fazer essa explicitação reforçamos nosso envolvimento com o tema e acabamos deixando bastante evidentes alguns dos atravessamentos que nos possibilitam questionar nossas próprias interpretações.

Na perspectiva dos estudos culturais, a linguagem possui preponderância. Ela não apenas descreve os acontecimentos, ela os produz. Essa produção, no caso do futebol acontece em diferentes âmbitos. Ao realizar a expressão pública dos sentimentos, os torcedores colocam em jogo o que é desejado de ser sentido ou o que pode ser entendido como emocionante nos estádios de futebol, além de marcar qual o lugar que as emoções ocupam e que práticas elas legitimam ou não. Ao mesmo tempo em que definem a paixão dos torcedores como um produto a ser comercializado, os dirigentes constroem esse produto e dão a ele determinado valor de mercadoria que poderá ser convertido em valor pecuniário.

No trabalho realizado nos estádios, foi realizada uma etnografia pós-moderna, da forma como ela vem sendo utilizada em algumas pesquisas em educação, com observações participantes e a construção de diários de campo. Para a construção do

material empírico, foram frequentados os estádios José Pinheiro Borda, Beira-Rio, do Internacional,³ e Olímpico Monumental, Olímpico, do Grêmio. Foi assumida, para além das transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo.⁴

O contexto de observação produz boa parte da experiência que se tornará inteligível. As torcidas da dupla Gre-Nal⁵ foram observadas nos dias de jogos e dentro dos seus estádios. Christian Bromberger salienta que durante as partidas (ou outros eventos esportivos) aparecem “as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)”.⁶ Entendemos os estádios de futebol como instituições que possibilitam determinadas práticas e inibem outras. Procuramos visualizar nesse contexto as ações que produzem determinadas representações de masculinidades por esses sujeitos coletivos: ‘torcida do Grêmio’⁷ e ‘torcida do Internacional’.

Os jogos observados foram os da primeira fase do Campeonato Gaúcho. Como observa Arlei Damo, “é preciso estar atento, pois apenas alguns jogos são ‘absorventes’. Outros são ‘desinteressantes’ e há também os ‘meia-boca’, como dizem os torcedores”.⁸ A escolha pelos jogos “meia-boca” foi teórica e política. Entendemos que esses ‘jogos comuns’ permitiriam enxergar o que se poderia chamar de ‘cotidiano’ dos estádios de futebol. Mesmo que os eventos em estádios do *football association* sejam sempre eventos extraordinários na vida diária dos torcedores e mesmo das cidades, alguns eventos poderão ser mais ou menos comuns. Jogos com menor público ou que o resultado seja mais previsível ajudam a visualizar quais as narrativas são produzidas e qual o comportamento da torcida nessas partidas ‘menores’. Buscamos com essa escolha indagar o que acontece nos jogos comuns, nas vitórias, jogos narrados pelo viés de apenas um clube. Jogos em que o adversário, supostamente, importa menos. Procuramos pensar que emoções circulam e são narradas nos estádios em momentos de ‘menos emoção’.

³ Para dar fluidez ao texto optamos por utilizar os “nomes fantasia” dos clubes da forma como esses são referidos na imprensa esportiva e por grande parte de seus torcedores.

⁴ GEERTZ. *A interpretação das culturas*.

⁵ Gre-Nal é o termo utilizado para as partidas entre Grêmio e Internacional, além de ser utilizado, quando antecipado do termo dupla, para referir-se aos dois clubes.

⁶ BROMBERGER. *As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia*, p. 241.

⁷ Utilizamos aspas simples no texto quando procuramos fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparecem quando utilizamos citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

⁸ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 404.

Para não ficar apenas com as observações de campo sobre as manifestações dos torcedores, pareceu-nos produtivo, também, observar jornais da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os especialistas ‘prepararam’ o ambiente do estádio de futebol e depois como interpretaram os fenômenos que lá ocorreram. A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu representar diferentes vozes desse contexto. A ideia foi partir desses diferentes olhares para produzir outro olhar sobre as representações de emoções que ali aparecem.

Na Argentina, o Boca Juniors promoveu uma transformação em sua gestão de futebol, adjetivado de moderno, através da participação de líderes com um perfil mais voltado para os negócios. Essa transformação foi mais evidente durante a presidência de Mauricio Macri, entre os anos de 1995 e 2007. Seu estilo e forma de conduzir a instituição promoveram a ‘modernização’ do clube em vários aspectos, diferindo da organização tradicional, tentando fortalecer sua imagem como clubes de outros esportes.

O objetivo desta investigação foi verificar de que forma se desenvolveu esse processo de transformação que cruzou o clube, bem como outras organizações esportivas na Argentina, a partir da reforma estrutural da década de 1990, encorajado pela implementação de políticas neoliberais. Também foi interessante investigar como o modelo de modernização, que surgiu na Europa tentando transformar o futebol em uma plataforma de negócios e comunicação para o público acabou, por vezes, relegando, inclusive, a importância do evento esportivo em si. Buscamos avaliar os discursos e representações dos torcedores, a fim de observar como eles entenderam as técnicas e estratégias implementadas pela direção do clube a fim de modernizar a instituição.

O trabalho de campo envolveu uma integração gradual, com diferentes níveis de observação e participação em vários quadros de interação com diferentes atores. As entrevistas foram realizadas para conhecer os significados de práticas, discursos e representações de dirigentes, funcionários, parceiros e torcedores sobre as mudanças que foram estabelecidas no clube a partir dos anos de 1990. A unidade de análise foi representada por um conjunto de práticas e representações de torcedores e parceiros atuais, além de líderes de gestões anteriores, gerentes e ex-gerentes de vários departamentos, consultores de marketing e empregados do clube, em contextos diferentes e em diversas situações sociais. O estádio e as suas instalações formaram a

unidade de estudo e de trabalho de campo levando em consideração a rede de conexões e espaços que os atores estavam criando.

Durante a primeira fase do trabalho de campo, a expectativa era de que seria impossível encontrar um torcedor do Boca Juniors que poderia enunciar quaisquer comentários negativos sobre a gestão de Mauricio Macri, uma vez que, ele conseguiu colocar reconhecimento esportivo e exibição internacional através de vários títulos e jogadores importantes. Era, portanto, necessário ficar longe dos líderes que tinham acompanhado Macri durante os anos de 1990 e frequentar outros espaços e ouvir outras pessoas para além dos trabalhadores.

Entre esses novos espaços, visitamos um clube localizado a poucos quarteirões do estádio La Bombonera para ouvir os torcedores. Esse pequeno clube era frequentado por um grupo que variava entre seis ou sete torcedores entre 27 e 35 anos, de diferentes bairros e cidades da Província de Buenos Aires. Todos eles eram sócios e fiéis seguidores do Boca Juniors. Eles frequentavam a arquibancada popular em que se localiza a torcida organizada *La 12*. Este grupo reunia-se religiosamente antes de cada partida neste clube para compartilhar o almoço, lanche ou jantar (não importando o tempo, eles comiam churrasquinhos, *choripans* ou empanadas fritas, acompanhadas por cervejas litro). Em encontros casuais com esses torcedores, eles expressavam a pouca inclusão desenvolvida na gestão macrista, observando que a maioria das reformas e revisões feitas pelos parceiros, considerava um único setor da torcida e dos sócios: a “nobreza”. Em suas conversas surgiram comentários políticos díspares, mas todos concordavam que as medidas de ‘modernização’ beneficiariam poucos torcedores e que, “se o Boca são as pessoas, não podem elitizar La Bombonera”.⁹ Vários deles faziam reivindicações perante a dificuldade de conseguir ingressos para não-sócios: “não queremos um estádio-shopping com todos os assentos, queremos ir para La Bombonera”, conforme diziam.

EM NOSSO MEIO DE CAMPO AS REPRESENTAÇÕES DAS EMOÇÕES

Dentro da análise culturalista, a representação possui uma esfera preponderante, ela é produtora de sentidos. A representação das emoções não é uma descrição sobre o que as emoções são ou deveriam ser. A representação opera, ela dá sentido. O que se diz sobre

⁹ Optamos por utilizar o itálico para destacar esse material produzido no campo.

as emoções é a forma de significação desses sentimentos. Interessa menos ou não interessa verificar a veracidade dessas construções, mas descrever de que forma aparecem em diferentes instâncias culturais, ditos sobre: o amor, a paixão ou o pertencimento.

Dessa maneira, a expressão oral de sentimentos nas diferentes culturas não pode ser pensada como fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas são inseridas dentro de um contexto simbólico que em alguns casos não deixará muitas alternativas para quem quiser associar-se a determinado grupo identitário que não seja sentir uma grande angústia ou uma grande felicidade diante de situações específicas. Geralmente, nas manifestações coletivas, é possível visualizar as ideias e sensações de uma determinada coletividade.¹⁰

Na perspectiva da “antropologia das emoções”, as emoções estão associadas a uma interpretação e avaliação de um determinado estímulo que possui seu sentido construído historicamente, permeado por relações de poder. Como qualquer outro fenômeno cultural, as emoções são construções sociais, “não faz sentido [...] falar de emoções inatas e universais, idênticas através das culturas e através do tempo”.¹¹ Assim como as diferentes sociedades produzem entendimentos coletivos que organizam e orientam as vidas individuais dos sujeitos, “[...] ela também produz sentimentos coletivos, necessários para a manutenção do consenso social”.¹²

Nessa perspectiva existe uma aprendizagem de esquemas ou padrões que acontecem em interação com o ambiente social e cultural. Aprende-se como, quando e por quem se pode manifestar determinados sentimentos. É necessário, também, a aquisição de um “conjunto de técnicas corporais que incluem expressões faciais, gestos e posturas”.¹³ Marcel Mauss pensando na obrigatoriedade da manifestação de sentimentos justifica que as ações mais viscerais como lágrimas, gritos e lamentações não se resumem a sentimentos individuais, mas são pautados por uma gramática comum. Não sendo resumidas as ações espontâneas, as emoções são perpassadas por relações de poder e moralidades que demarcam fronteiras entre grupos sociais.¹⁴

A cultura contemporânea realiza importantes esforços na manutenção de certo padrão ‘aceitável’ de comportamento e de demonstração das emoções. Na vida cotidiana

¹⁰ MAUSS. A expressão obrigatória dos sentimentos.

¹¹ PUSSETI. *Emoções migrantes*, p. 3.

¹² REZENDE. *Mágoas de amizade*, p. 71.

¹³ REZENDE; COELHO. *Antropologia das emoções*, p. 30.

¹⁴ REZENDE; COELHO. *Antropologia das emoções*, p. 30.

somos incentivados a mantermos a calma e a controlar diferentes impulsos. Diferentes atividades de lazer têm recebido a responsabilidade de produzir momentos em que essas regras fiquem em suspensão. Desde os chamados esportes radicais passando por uma série de consumos excessivos, diferentes espaços – dentre eles os estádios de futebol – foram criados para atividades ‘mais livres’ (melhor entendidas como demarcadas por outros tipos de constrangimentos) em relação ao comportamento que serviriam, de alguma maneira, para ajustar a excitação reprimida em outros momentos cotidianos. As atividades recreativas poderiam permitir que os sujeitos tivessem uma maior excitação em que imitariam a ‘vida real’, mas sem os riscos envolvidos nessa mesma ‘vida real’. As práticas torcedoras, em diferentes contextos, estão sempre investidas de uma grande carga de emoções. “Nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol”.¹⁵

Norbert Elias ressalta que a capacidade de controlar os impulsos não é inata aos seres humanos.¹⁶ Ele sugere, porém, que o autocontrole poderia ser entendido como um universal do humano, na medida em que todas as culturas constroem conteúdos de autocontrole a serem aprendidos por quem quiser o estatuto de humano em um contexto específico. Judith Butler afirma que os sentimentos estão em parte condicionados por nossas interpretações de mundo. Essa interpretação não é fixa e pode ser modificada fazendo como que se modifique também a forma como sentimos. “Nuestro afecto nunca es solamente nuestro: desde el principio, el afecto nos viene comunicado desde otra parte”.¹⁷ Os sentimentos são sempre tributários do contexto cultural e de relações sociais em que aparecem.¹⁸

O AMOR MASCULINO DOS TORCEDORES DE FUTEBOL NO ESTÁDIO

Na representação das emoções dos torcedores de futebol nos estádios em Porto Alegre, o amor romântico ocupa um espaço preponderante. O encontro com o clube pode representar um ‘encontro de almas’ e pode ser entendido como a construção de um sujeito completo. Como qualquer marcador identitário essencializador, torcer por um

¹⁵ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*.

¹⁶ ELIAS. Introdução.

¹⁷ BUTLER. *Marcos de guerra*, p. 79.

¹⁸ REZENDE; COELHO. *Antropologia das emoções*.

clube de futebol faz o inconstante sujeito múltiplo virar, no caso desses estádios, colorado ou gremista. Uma faixa no estádio Olímpico era bastante ilustrativa da ideia de completude que essa associação provoca “sou gremista e me basta”. O amor ao clube também realiza uma das principais plenitudes do amor, ele é da ordem do para sempre. Ele seria o espaço da realização da loucura do amor contemporâneo que seria “desejar um amor permanente, com toda a intensidade, sem nuvens ou tempestades”.¹⁹

As relações dos torcedores com seu clube também obedecem a uma ‘lógica’ e a uma ‘racionalidade’ parecida com a dos amantes. Esse amor, como todo ‘amor verdadeiro’, precisa ser intenso. Os torcedores “sofrem emoções como quem sofre golpes. Passam por mil martírios”.²⁰ O excesso de emoções também pode desqualificar o sujeito torcedor para explicar de forma adequada os fenômenos que acontecem durante as partidas, “afora os fanáticos (aqueles que enxergam tudo distorcidamente pela paixão), todos os demais colorados sabem que o time foi um desastre contra o Juventude e não cabe reclamar da arbitragem”.²¹ Esse excesso e sofrimento não diminuem em nada essa relação ou a virtude do amor. No período do Romantismo “muitos começam a se convencer de que ‘amar é sofrer’ e quem não quiser sofrer deve desistir de amar”,²² interpretação contemporaneamente recorrente. Por mais temerário, irracional ou doentio que seja o ‘excesso amoroso’, “quem participa do jogo amoroso aprendeu que o excesso emocional é imprescindível à ideia de felicidade ou de vida bem-sucedida”.²³

Naquilo que poderíamos chamar de ‘nossa cultura’, masculinidade e emoções não possuem grande proximidade. Em alguns casos seria justamente a frieza ou a falta de sentimentos ou de emoções que qualificaria, ao menos no senso comum, um homem ‘verdadeiramente homem’. Existe um bom número de limitações para os sujeitos masculinos demonstrarem afetos publicamente. A amizade masculina, muito significativa em diferentes momentos históricos, perdeu seu *status* desde o período vitoriano. “Os sentimentos de camaradagem masculina foram em grande parte relegados a atividades marginais, como o esporte ou outras atividades de lazer, ou ainda a participação na guerra”.²⁴

¹⁹ PRIORE. *História do amor no Brasil*, p. 321.

²⁰ PRIORE. *História do amor no Brasil*, p. 12.

²¹ DENARDIN. *Sem choradeira*, p. 14.

²² COSTA. *Sem fraude nem favor*, p. 11-12.

²³ COSTA. *Sem fraude nem favor*, p. 195.

²⁴ GIDDENS. *A transformação da intimidade*, p. 55.

Algumas narrativas sobre a participação dos torcedores nos estádios de futebol argumentam que nesses contextos barreiras sociais são reduzidas, diferenças suprimidas e as permissividades ampliadas; seria possível entender que a “efervescência coletiva corresponde [a] uma mudança de personalidade”.²⁵ Algumas descrições mais românticas falam em quebras de barreiras sociais e liberdade total de expressão. Na realidade, como em qualquer contexto de produção de identidades coletivas, as ordens sociais são reorganizadas.

A expressão de sentimentos possui um espaço privilegiado nos estádios de futebol. Os torcedores são inseridos em uma comunidade de sentimento que é aflorada pelas falas, odores e cores que produzem a reorganização das identidades e alteridades por aquilo que Arlei Damo define como clubismo, “um sistema de representação estruturado, de forma que o indivíduo, ao tornar-se torcedor, é capturado por códigos que orientam seu comportamento e moldam a sensibilidade”.²⁶ É possível inferir que a percepção ética, estética e moral é atravessada por essa comunidade de sentimento. Nos noventa minutos de uma partida de futebol é possível sentir as emoções de toda uma vida: felicidade, sofrimento, ódio, angústia, admiração e sentimento de injustiça, porém, “para sentir plenamente estas *emociones*, *hace* falta ser partidario, ser *hinja*, *pasar del ‘ellos’ al ‘nosotros’*”.²⁷ O pertencimento clubístico também “articula um sistema que movimenta as emoções a partir da relação pendular entre identidades (nós) e alteridades (eles/outros)”.²⁸

Nessa inserção clubística os sujeitos aprendem que emoções podem, devem ser demonstradas, narradas e cantadas. A favor de quem ou contra quem, expressões de amor ou de repúdio podem, devem acontecer. Nessa transição não apagamos nossos demais atravessamentos identitários. Esses atravessamentos, porém, ficam englobados pela lógica do clubismo. Ser torcedor de um clube, time x, y ou z, é a representação mais significativa quando os sujeitos atuam nas arquibancadas e cadeiras dos estádios de futebol. Com forte intensidade emocional, estar em um estádio de futebol é estar identificado com uma determinada torcida.

²⁵ SEGALÉN. *Ritos e rituais contemporâneos*, p. 87.

²⁶ DAMO. O espetáculo das identidades e das alteridades, p. 39.

²⁷ BROMBERGER. *Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol*, p. 21.

²⁸ DAMO. Futebol, engajamento e emoção, p. 1.

Nos cânticos esse pertencimento aparece muito ligado a sentimentos: “Sou, eu sou do Inter/ Um sentimento/ Que não pode acabar”.²⁹ Esse pertencimento não provoca uma homogeneização do torcer. Poderão ser todos colorados ou gremistas, mas as formas de participação no estádio de futebol são bastante diversificadas. Esses cânticos, quase sempre acompanhados por instrumentos de percussão, são originados, em sua ampla maioria, nas torcidas Popular do Internacional e Geral do Grêmio que se localizavam atrás de um dos gols, do Beira-Rio e do Olímpico. Esses torcedores acompanhavam as partidas em pé, pulando e cantando ininterruptamente durante boa parte do confronto diminuindo sua intensidade apenas no intervalo dos mesmos. Esse tipo de comportamento não era acompanhado por outros torcedores, como, por exemplo, os das cadeiras, que nos dois estádios acompanhavam a maior parte das partidas sentados e fazendo intervenções pontuais de xingamentos ao árbitro, ao adversário e também aos jogadores e treinadores de suas equipes.

A participação dos torcedores da Geral ou da Popular assemelha-se a forma de comportamento das *hinchadas* argentinas, onde

[...] la fidelidad al equipo sin importar la situación por la que este atraviese, el fervor probado a través de cantos y saltos, son los instrumentos identificatórios de los simpatizantes con la *hinchada*. Aquellos sujetos que quieran ser reconocidos como parte de la *hinchada* deben llevar a cabo estas formas de actuar que son comunes a todos los integrantes.³⁰

“Eu sou do Grêmio, senhor (graças a Deus)/ Cantamos todos com alegria/ Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina”.

Nos estádios de futebol, contexto de intensa homofobia e violência potencial,³¹ aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos e de afetos masculinos. Formas de afeto ambíguas são, nesse contexto, permitidas. Dentro do ritual das torcidas, nessa masculinidade torcedora exercida dentro dos estádios aparece uma série de ações não comuns no âmbito de uma masculinidade viril e guerreira tradicional e também muito presente nas representações dos torcedores de futebol. Poetas e outros homens mais ‘preocupados’ com o amor possuiriam uma masculinidade sob suspeita dentro

²⁹ A forma gráfica como escrevemos as letras dos cânticos é igual à dos sites das torcidas Popular do Internacional (<http://www.guardapopularcolorada.com/>) e Geral do Grêmio (<http://www.ducker.com.br>).

³⁰ GARRIGA ZUCAL. “Soy macho porque me la aguanto”, p. 41-42.

³¹ BANDEIRA. “*Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração*”.

desse entendimento de masculinidade tradicional. Os torcedores do Grêmio cantam e dançam a música “Pingos de amor”, que diz assim:

A vida passa eu telefono e você já não me atende mais (Grêmio! Grêmio!)/ Será que já não temos tempo nem coragem de dialogar... (Grêmio! Grêmio!)/ Ainda ontem pela praia alguma coisa me lembrou você! (Grêmio! Grêmio!)/ E veio a noite namorados se beijando e eu estava só... (Grêmio! Grêmio!)/ Vamos ser, outra vez nós dois.../ Vai chover, pingos de amor!

Além disso, nos estádios de futebol, demonstrações de afetos entre homens parecem não causar o mesmo impacto que em outras esferas da cultura. Arlei Damo entende que isso ocorre pela transição dos torcedores, essa alteração de estado que ocorre durante as partidas, especialmente nos estádios,

[...] em nossa cultura, são raros os espaços públicos nos quais os homens se permitem demonstrações de afeto, sobretudo entre iguais. Sem a transição que ocorre a caminho do estádio, uma espécie de percurso liminar que determina a transição de indivíduo à pessoa, do cidadão com nome e endereço para o anônimo (ou parcialmente anônimo) colorado [ou gremista], a espetacularidade não se instaura.³²

Nos estádios, apesar de que apenas os jogadores joguem o jogo dentro das quatro linhas em dois tempos de quarenta e cinco minutos cada, os torcedores atuam em sua própria disputa. Das arquibancadas e cadeiras podemos ouvir os valores constantemente disputados. Em disputa podem aparecer jogos de classe dos torcedores ‘empregadores’ contra os atletas ‘funcionários’, jogos de gênero para saber que torcida é mais masculina que a outra e também jogos de afetividade. Mesmo que a afetividade e as narrativas amorosas ocupem um lugar de menor destaque nas construções de masculinidades nos estádios de futebol, quando a ‘nossa torcida’ ama deve amar mais e melhor que a torcida adversária.

Nessa produção de representações da relação entre os torcedores e seus clubes, o amor aparece como um elemento agregador, positivo. A ampla maioria das representações amorosas acrescenta adjetivos distintivos aos amores. O amor hierarquicamente superior é o que se poderia entender como o ‘amor verdadeiro’. Nos estádios também conseguimos visualizar o ‘bom amor’. Somente a nossa torcida conhece o ‘verdadeiro amor’. O adversário não sabe amar. O amor de um gremista ou de um colorado, supostamente, jamais será entendido ou ‘sentido’ do mesmo modo por outro torcedor, uma vez que a discursividade amorosa faz com que os sujeitos acreditem que

³² DAMO. *Do dom à profissão*, p. 402.

ninguém será capaz de amar como eles, como por exemplo, no cântico da torcida do Grêmio: “Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão”.

No futebol o homem jura amor eterno ao seu clube. “Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual”. Esse amor obedece a algumas regras do amor romântico e não pode ter fim. Algumas canções das torcidas fazem “a vinculação do amor-paixão-sacrifício [...] associado a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba”.³³ Cantam assim: “Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor”; “Colorado é coração. / Trago, amor e paixão. / Pra sempre Inter!”

A participação do torcedor nos estádios acontece pela junção de diferentes sujeitos em uma identidade, que nesse contexto é intensificada. Mesmo quando um torcedor evoca individualmente algum cântico ou mesmo um grito, essa manifestação será avaliada pelos demais torcedores. Para que o cântico se espalhe ou para que o torcedor não sofra nenhuma reprimenda pelo seu grito, este deverá enquadrar-se na lógica do que é permitido ou não de ser dito naquele contexto.

UMA MUDANÇA DE GESTÃO E A MERCANTILIZAÇÃO DAS EMOÇÕES

Um grande número de clubes argentinos, incluindo os que se tornaram grandes clubes de futebol ao longo do século XX nasceram como clubes de bairro. Esses clubes de bairro surgiram para cobrir os insuficientes investimentos estatais na construção de espaços de sociabilidade, culturais e esportivos tentando defender os direitos e assegurar o bem-estar dos indivíduos, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal e oferecendo serviços que acompanhavam sua identidade.³⁴ Essa tradição de práticas e essa mentalidade associativa já eram fomentadas desde a origem das sociedades civis e começou a cristalizar-se na década de 1930 seguindo o modelo de funcionamento das sociedades de fomentos dos bairros, bibliotecas populares, sindicatos e corporações empresariais. Nesses lugares se exerciam atividades cívicas, treinamentos da vida social e democrática.

³³ FELIPE. Do amor (ou de como galmourizar a vida), p. 33.

³⁴ FRYDENBERG. La crisis de la tradición y el modelo asociacionista en los clubes de fútbol argentinos.

No início do século XX, quando a prática do futebol começou a se estender para jovens dos setores populares, o movimento de fundação de equipes – que eram, ao mesmo tempo, clubes esportivos – começou a se abrir cada vez mais à comunidade, dependendo da quantidade de sócios inscritos para seu crescimento. Assim como sustenta Julio Frydeberg, a partir desse laço cada vez mais forte com a comunidade, estes jovens deixariam de estar associados ao modelo original inglês para começar a marcar um estilo próprio de jogo mais relacionado com seu próprio contexto social, envolvendo outros valores como a beleza, a virilidade, a coragem e, fundamentalmente, a honra, dando forma a um estilo de cultura geracional. Os clubes que se formaram com um marcador identitário local acabaram permitindo a contestação de um modelo britânico mais tradicional. Essa formação no bairro acabava produzindo um tipo de vínculo e pertencimento que dava a ideia de que o clube era do bairro, do local ou, mais precisamente, de seus sócios.

Não ignorando as relações mercadológicas que sempre existiram no futebol, ao menos desde o início de sua era profissional, o novo marco político-econômico argentino e global dos anos de 1990 sentou as bases que permitiram um processo acelerado de ‘modernização’ no esporte. Nesta década, existiu uma dinâmica que legitimou a aplicação de recursos vigentes, atuais e inovadores na comercialização do futebol. Este uso de técnicas e estratégias no âmbito futebolístico poderia ser chamado de mercantilização, no sentido da implementação ordenada, acelerada e sistemática de medidas próprias do mercado contemporâneo. Este processo marca um antes e um depois, determinado por uma crescente ânsia em ganhar dinheiro, sob o paradigma de novas e distintas regras que vão reger o esporte, acompanhada de medidas para deixar os clubes mais ‘ágeis’. Nesta mesma linha, a noção de ‘moderno’ se refere aqueles clubes esportivos que se organizam institucionalmente conforme os padrões europeus, desenvolvendo uma gestão empresarial e mercantil em torno dos produtos que transferem os valores da instituição aos atributos de uma marca.³⁵

Na década de 1990, os clubes esportivos, antes dirigidos por seus sócios sem o necessário preparo profissional, substituem os seus comandos. Neste momento aparece a figura do *manager*, sujeito que deveria, partindo dos conceitos do mercado, angariar a

³⁵ Cf.: CRUZ. *A nova economia do futebol*; GIL, Monopolio televisivo y “gerenciamiento”; GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*; TOLEDO. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos; PRONI; ZAIA, Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado.

maior quantidade de recursos aos seus clubes. No Boca Juniors, esse processo teve início durante a gestão do atual presidente da república Argentina, Mauricio Macri.³⁶ Após conseguir o financiamento necessário, os *managers* começaram a colocar esse dinheiro em tudo o que fosse vinculado a sustentar a visão e a missão do clube, desde o ponto de vista esportivo-empresarial. No caso da Argentina, para dar suporte a esses investimentos, foram introduzidas reformas nos estatutos de clubes. Neste contexto, os novos líderes aparecem como uma classe diferencial profissionalizada. Segundo Frederic nesse período é apresentada uma relação direta entre moral e política.³⁷ Enquanto em anos anteriores, nos clubes esportivos, os valores comuns apareciam em relacionamentos horizontais formando uma comunidade moral que incluía valores como reciprocidade e lealdade locais, a partir dos anos de 1990 (com o avanço do modelo neoliberal), a atmosfera começou a ser animada por uma lógica legalista e que valorizava a hierarquia dos sistemas políticos, entendido como um ambiente de pouca moralidade. Esse descrédito se dá pela leitura de que as relações políticas são consideradas como indecentes e desonestas, suas práticas são corruptas ou clientelistas. No caso de Mauricio Macri, e dos novos atores que rodeavam o Boca Juniors (profissionais e especialistas), seu reconhecimento no mundo dos negócios, honra e reputação social permite supor que poderia significar um caso de assimetria e distância em relação aos outros clubes. No livro *Pasión y gestión*, Mauricio Macri argumenta que a visão que uniria toda a instituição seria “fazer felizes os torcedores do Boca”, ao mesmo tempo em que a missão seria “recuperar a glória perdida”.³⁸ Ou seja, a visão do clube estaria voltada as emoções de seus torcedores.

³⁶ Mauricio Macri ao assumir a presidência do Boca Juniors formalizou o início de uma nova etapa na instituição. Mauricio Macri é filho de Alicia Blanco Villegas e Franco Macri, dono de um dos grupos econômicos mais importantes da Argentina. O grupo tem desenvolvido atividades relacionadas à construção imobiliária, indústria automobilística, coleta de lixo, indústria alimentar, mineração, correios, transportes, comunicações e concessões estaduais. Ele possui empresas na Argentina, Brasil e Uruguai, e está intimamente relacionado com o Grupo Socma (Sociedad Macri). Antes de entrar para este negócio, Macri estudou no prestigiado Newman College. Formou-se engenheiro civil pela Universidade Católica Argentina e fez vários cursos de pós-graduação na Argentina e nos Estados Unidos. Sua experiência de trabalho começou em uma das empresas familiares. Em 1984 se juntou Socma, e a partir de 1985 atuou como seu gerente geral. Em 1992 ocupou a vice-presidência em Sevel, empresa do ramo automobilístico do grupo econômico da família, assumindo a presidência em 1994. Um recurso que foi usado por ele para legitimar e construir a confiança como um líder de esportes foi, precisamente, seu capital, econômico e social. Macri foi presidente do Boca Juniors durante o período compreendido entre 1995 e 2007.

³⁷ FREDERIC. *Buenos vecinos, malos políticos*.

³⁸ MACRI; BALLVÉ; IBARRA. *Pasión y gestión*, p. 35-36.

A situação econômica dos anos 1990 era favorável para Macri por pertencer ao mundo empresarial, devido à paridade existente entre o peso argentino e o dólar americano, o que lhe assegurava uma faixa de lucro maior que em outros períodos. Para ele, a intervenção do *management* desembocaria inerentemente no melhoramento das capacidades competitivas da equipe e permitiria gerar uma nova ordem na instituição esportiva. Estas intenções foram expressas nos discursos de sua campanha presidencial, em que se insistia na busca do equilíbrio correto entre a paixão (associada aos sentimentos) e a gestão (ligada à razão e à inteligência). O uso racional dos recursos disponíveis – estimulados pela necessária paixão – conduziria ao êxito de uma empresa esportiva.

A PAIXÃO E/OU O CONSUMO DOS TORCEDORES

No contexto de uma mercantilização esportiva, os dirigentes dos clubes de futebol têm procurado transformar os torcedores fanáticos em consumidores fiéis.³⁹ Quando os êxitos e as vitórias esportivas acompanham um determinado clube, não seria muito difícil de implementar essa lógica consumidora, uma vez que os torcedores seguiriam pagando e querendo consumir tudo o que exiba a marca do clube e seu vínculo a ela. Entretanto, um inconveniente poderia se apresentar quando essas vitórias esportivas não chegassem e a multidão de torcedores não estivesse de acordo com o rendimento do plantel. Esta seria a simplificação de uma perspectiva mais ‘marqueteira’. É possível que uma equipe tenha um mau rendimento futebolístico e existam mais sócios e mais vendas, já que desde a gestão do clube se tenta reforçar os laços identitários para gerar apoio diante de situações esportivas adversas. Esses laços de pertença desvinculados dos resultados de campo também aparecem nos cânticos das torcidas. As emoções são convocadas para a manutenção do vínculo do torcedor com seu clube. Ao mesmo tempo esse vínculo é alvo de um sem número de oferta de produtos a serem consumidos.

Os torcedores ‘tradicionais’ (ou contrários ao processo de modernização) manteriam relações afetivas com os diferentes elementos de seu clube, os quais representam símbolos sagrados para eles: o estádio, a camiseta, os campeonatos, os troféus, mesmo que essa relação não estivesse pautada no consumo. Além disso esses torcedores, assumem um contrato cultural com a instituição, onde existe uma premência

³⁹ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*.

dos sentimentos e uma solidariedade local forte. Se bem que não possam ser considerados torcedores consumidores através da categoria utilizada por Giulianotti,⁴⁰ também consomem alguns bens e produtos que são oferecidos pelo clube e suas empresas aliadas.

Também se pode pensar esta situação desde o ponto de vista de Viviana Zelizer que oferece uma visão aguda e sensível sobre as dinâmicas que podem apresentar os ‘mundos hostis’ da economia e da intimidade em algumas oportunidades estreitamente unidos e em outras separados.⁴¹ Por um lado, tal como coloca a autora, os especialistas em leis e dinheiro têm produzido discursos (jurídicos e econômicos) sobre ‘os maus’ originados na mistura de afeto e racionalidade no funcionamento do mundo moderno. Apesar de que, no senso comum, seja possível entender os âmbitos do dinheiro e dos afetos como ‘mundos hostis’, a autora aponta que a intimidade e a economia são erroneamente considerados mundos autônomos e antagônicos, que deveriam manter-se separados para evitar sua corrupção mútua. Atualmente, os indivíduos vão negociando estes processos em que o dinheiro e as paixões podem andar de mãos dadas.

O componente econômico-financeiro carrega uma importante carga moral no contexto futebolístico.

En la cultura futbolística la aparición de componentes económicos es disruptiva. Se trata más que nada de una cultura basada en mitos románticos. Aquello del amor por la camiseta, por los colores, por el club, por el equipo, un amor solo igual al materno o al filial.⁴²

Pablo Alabarces ilustra as passagens semânticas (e toda a carga simbólica que isso carrega) dos sujeitos de povo a cidadãos e, neste momento, para consumidores. Boa parte das associações negativas que se realizam com os consumidores se valem de uma percepção de que este seria um sujeito facilmente manipulável ou, no mínimo, limitado na sua criatividade e ignorado enquanto agente social. Novas perspectivas da “antropologia do consumo” discordam desse viés.

[...] as relações que fundamentam o consumo são bem mais complexas, e geralmente nos chamam a pensar sobre questões mais amplas, abordadas através das subjetividades dos sujeitos, dos processos criativos definidores de um “estar no mundo”, do poder e agência que os sujeitos se autoatribuem ao estabelecerem relações de produção-circulação-consumo.⁴³

⁴⁰ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*.

⁴¹ ZELIZER. *La negociación de la intimidad*.

⁴² ALABARCES. *Crónicas del aguante*, p. 66.

⁴³ RIAL; SILVA; SOUZA. *Consumo e cultura material*, p. 14-15.

O consumidor também pode ser pensado como um sujeito que interage com um universo material sendo parte constitutiva e constituinte de seu processo de “reprodução social”. O consumo pode ser mais produtivamente pensado como “um processo em que os agentes se engajam na apropriação de bens, serviços, performances, informação ou ambiência”.⁴⁴ Discutindo diferentes legislações dos torcedores no contexto brasileiro, incluindo a lei 10.671, o Estatuto de Defesa do Torcedor, muito criticado por sua aproximação com o Estatuto de Defesa do Consumidor, Luiz Henrique de Toledo lembra que “os direitos do consumidor são uma marca política de nossos tempos, sem dúvida, e trazem as operações simbólicas de uma sociedade em constante transformação”.⁴⁵

Dentro da ‘mercantilização’ dos clubes de futebol o foco, então, está desviado para que as paixões e emoções se difundam para criar e manter consumidores de futebol mais regulares para seguir mantendo o espetáculo com uma lógica cada vez mais mercantilizada.

Os clubes esportivos argentinos foram desde suas origens associações jurídicas sem fins lucrativos, cuja finalidade era a de dispor um espaço de lazer para a prática de diferentes esportes, sendo um local de recreação e sociabilidade, entrelaçado pelo espírito competitivo. Este tipo de associação tinha uma característica importante: colocar o clube nas mãos dos sócios, tendo como principal ponto forte o fator social e emocional. Porém, com a profissionalização da prática futebolística argentina em 1931, a rentabilidade econômica deste esporte começou a perfilar-se como um dos objetivos principais. Hoje a intenção de gerar lucros através das entidades esportivas é um feito, já que todo o ambiente que rodeia o futebol potencializa a circulação de grandes somas de dinheiro e acesso ao poder institucionalizado.

O AMOR COMO A INTELIGIBILIDADE DO TORCEDOR

As emoções poderiam aparecer como uma possibilidade privilegiada de resistência contra masculinidades tradicionais nos estádios de futebol. Seria, porém, ingênuo acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Quando os torcedores se abraçam, não se abraçam sujeitos tão

⁴⁴ GOIDANICH; RIAL. Um lugar chamado supermercado, p. 178.

⁴⁵ TOLEDO. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos, p. 316.

desconhecidos assim e a qualquer momento. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. O abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios, além de estarem temporalmente restritos aos gols e as vitórias.

Ao mesmo tempo em que o amor e as emoções são um marcador a mais na construção de representações dos torcedores de futebol, elas também podem reforçar a competição masculina. O amor que resiste a algumas práticas machistas dos estádios de futebol também hierarquiza as masculinidades. Mesmo que o amor não seja o atravessamento mais significativo da masculinidade do torcedor de futebol, se for para amar a nossa torcida tem o dever de amar mais que a torcida adversária para ser melhor e mais masculina que ela, “Te amo Inter, não somos como os putos da série B”.

O amor dos torcedores de futebol, especialmente dos torcedores de estádio, é um amor específico, um amor em atuação, um amor, cantado, narrado e sentido de forma coletiva. Os torcedores amam juntos, os torcedores amam com seus familiares, amam entre homens. Amam o clube, o time, os jogadores e a própria torcida. Amar ao clube é pertencer a uma comunidade afetiva, é demonstrar a eternidade do amor, é ser melhor torcedor por amar mais o seu clube que o torcedor adversário. Dentro da própria torcida, quanto mais apaixonado, o indivíduo poderá requerer a condição de mais torcedor.

Esse amor ou essa paixão produz vínculos dos torcedores com seus clubes esses vínculos poderão ser convocados durante as partidas, mas também na aquisição de produtos. O torcedor ama, canta, se emociona e compra. Nesse diálogo entre torcedor fanático e consumidor fiel borrados em um mesmo indivíduo, consumir pode se aproximar do pertencimento, poderá ser mais uma ‘prova de amor’. Além da marca, pertencimento e, mesmo, felicidade podem ser convertidos em bens de consumo. O que parece gerar maior tensão é certo entendimento de que o consumo é a chave de inteligibilidade deste afeto. Neste caso, os torcedores ‘tradicionais’ colocam suas ressalvas tentando marcar seu espaço de vínculo afetivo com o clube.

A paixão e o fervor dos torcedores os afastam do que pode ser costumeiramente entendido como lógico e razoável. A paixão os descredencia a dar opiniões sobre as partidas assim como os fazem enfrentar preços abusivos na aquisição de bens de que não necessitam. Se, em alguma medida, o amor e as emoções permitiriam questionar os ditos hegemônicos da cultura ao tensionar as permissividades de performatividades de

gênero ou de uma lógica cartesiana de causa e efeito ou da necessidade produtiva, elas também podem enquadrar os sujeitos repetindo disputas de gênero e de consumo. Essa experiência afetiva não é nem uma contestação absoluta às normas vigentes nem uma aceitação total das mesmas. Ela seria mais bem entendida como um campo de possibilidades de vivências, de pertencimento e construção de subjetividade. Talvez os afetos estejam em disputa e nos parece que lutar por essa causa seja bastante justo.

* * *

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. **Horizontes antropológicos**: antropologia e esporte, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul.-dez. 2008.

BROMBERGER, Christian. **Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol**. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2001.

BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**: las vidas lloradas. Barcelona: Paidós, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-55.

DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Renato; AMARO, Fausto (org.). **Esporte e mídia**: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 1 -28.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DENARDIN, Pedro Ernesto. Sem choradeira. *Diário Gaúcho*, Porto Alegre, 15-16 mar. 2008, p. 14.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 39-99.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

FREDERIC, Sabina. **Buenos vecinos, malos políticos**: moralidad y política en el gran Buenos Aires. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004.

FRYDENBERG, Julio. La crisis de la tradición y el modelo asociacionista en los clubes de fútbol argentinos. Algunas reflexiones. **efdeportes.com**, Buenos Aires: SEUBE/FFyL/UBA, ano 6, n. 29, jan. 2001.

GARRIGA ZUCAL, José. “Soy macho porque me la aguanto”: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 39-58.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. O amor romântico e outras ligações. In: GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 47-58.

GIL, Gastón. Monopolio televisivo y “gerenciamiento”: el fútbol como mercancía. **efdeportes.com**, Buenos Aires: SEUBE/FFyL/UBA, ano 5, n. 26, out. 2000.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOIDANICH, Maria Elisabeth; RIAL, Carmen. Um lugar chamado supermercado. In: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (org.). **Consumo e cultura material**: perspectivas etnográficas. Florianópolis: Editora UFSC, 2012, p. 175-190.

HIJÓS, María Nemesia. **El deporte como mercancía**: un estudio sobre la dimensión económica y las múltiples lógicas en el Club Atlético Boca Juniors. 2013. Tesis (Licenciatura en Ciencias Antropológicas) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

MACRI, Mauricio; BALLVÉ, Alberto; IBARRA, Andrés. **Pasión y gestión**. Buenos Aires: Aguilar, 2009.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, 1979, p. 147-153.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PRONI, Marcelo W.; ZAIA, Felipe. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: RIBEIRO, Luiz Carlos (org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

PRONI, Marcelo W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp; Instituto de Economia, 2000.

PUSSETI, Chiara. Emoções migrantes: afinidades e diferenças como factos políticos. In: **Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia**, 3., Lisboa, 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, vol. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de. Consumo e cultura material: um campo de estudos em expansão (Prefácio). In: RIAL, Carmen;

SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria de (org.). **Consumo e cultura material**: perspectivas etnográficas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012, p. 9-21.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 307-319.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

ZELIZER, Viviana. **La negociación de la intimidad**. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Económica, 2009.

* * *

Recebido para publicação em 20 ago. 2016

Aprovado em 20 out. 2016

Translações no *Facebook*: a controvérsia “Galo Machista”!? nas páginas de torcidas organizadas

Translations in Facebook: male chauvinism and other issues
during a controversy in Brazilian football

Carlos d'Andréa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Brasil
Doutorado em Estudos Linguísticos, UFMG
carlosfbd@gmail.com

Leonardo Melgaço

Graduando em Comunicação Social pela UFMG

Roberta Firmino

Graduanda em Comunicação Social pela UFMG

RESUMO: O ponto de partida deste trabalho é a controvérsia em torno da exploração do corpo feminino e do machismo no futebol desencadeada pelo desfile de lançamento do novo uniforme do Clube Atlético Mineiro, em fevereiro de 2016. Nosso objetivo no artigo é mapear e discutir as translações entre torcedores e demais atores nas páginas do *Facebook* de cinco torcidas organizadas do time. Mais especificamente, nos interessa observar, através da extração e visualização de rastros digitais extraídos do *Facebook*, como a controvérsia “Galo Machista”!? desencadeou a formação de agrupamentos, oposições, alianças etc. entre usuários/torcedores envolvidos nas discussões on-line. Partindo da abordagem da Teoria Ator-Rede, nos apropriamos de conceitos como translação e controvérsia, que são discutidos a partir da ambiência sociotécnica do *Facebook* e das especificidades das torcidas organizadas. Após uma análise quantitativa das postagens, detalhamos as discussões desencadeadas por uma "nota de repúdio" ao desfile (torcida Galo Marx) e por uma peça de apoio à patrocinadora (Galo Metal).

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Controvérsia; Machismo; *Facebook*; Métodos digitais.

ABSTRACT: The starting point of this work is the controversy about the exploitation of the female body and sexism in football triggered by the launch of the brazilian team Clube Atlético Mineiro new uniform in February 2016. Our objective in this article is to discuss the translations between the actors on the Facebook pages of five Atletico's fans associations. Specifically, we are interested in observing, through the extraction and visualization of digital traces taken from Facebook, how the controversy triggered the formation of collectives, oppositions, alliances etc. between fans and others actors involved in online discussions. Based in the Actor-Network Theory approach, we discuss concepts such as translation and controversy, as well as the socio-technical ambience of Facebook and the specifics of the fan's associations in Brazil. After a quantitative analysis, we detail the discussions triggered by two posts: a "repudiation note" published by the "Galo Marx" association and by a institutional piece supporting the sponsor and the team published by "Galo Metal".

KEYWORDS: Football; Controversy; Male chauvinism; Facebook; Digital methods.

INTRODUÇÃO

Na noite de 15 de fevereiro de 2016, o Clube Atlético Mineiro (CAM) lançou seu novo uniforme para a temporada, e outros materiais esportivos, em um desfile em Belo Horizonte. A festa marcou o início da parceria com a fornecedora de material esportivo Dry World e contou com a presença do jogador Robinho, contratado no início de 2016. O evento, no entanto, ficou marcado por uma intensa discussão em torno da exploração do corpo feminino: várias modelos jovens desfilaram de biquíni, enquanto homens trajavam o novo uniforme completo.

A discussão na internet se aqueceu já na madrugada do dia 16, quando foram publicadas duas notas de repúdio (pela torcida Galo Marx e pelo blog *CAMikaze*, vinculado à ESPN). Nesta segunda nota, por exemplo, 21 torcedoras afirmaram: “Não podemos aceitar que a imagem feminina seja tratada como peça de enfeite de estádio, encomendadas para agradar o público masculino – que, há muito, deixou de ser único protagonista no universo do futebol”.¹ No dia seguinte ao desfile, outra polêmica veio à tona: as etiquetas de algumas camisas da empresa canadense Dry World traziam a frase “*Give it to your wife*” (“entregue a camisa à sua esposa”) nas instruções de lavagem.

O acontecimento ganhou ampla repercussão nas redes sociais on-line e na imprensa esportiva, alavancando discussões de temas como machismo e sexismo no futebol e fora dele. Torcedores e torcedoras que criticavam a postura do time se reuniram em torno de *hashtags* como *#galomachista* e *#MeuFutebolNãoTemPúblicoAlvo*. Preocupados com os impactos da controvérsia sobre a atuação do time, que faria sua estreia na Copa Libertadores da América dois dias após o desfile, parte da torcida saiu em defesa do clube e de seus parceiros comerciais. A lucrativa parceria do time com a Dry World, por exemplo, foi lembrada através da *hashtag* *#FechadoComADryWorld*. Este slogan de apoio foi usado, entre outros, por 12 torcidas organizadas do CAM, que em janeiro de 2016 haviam formado o movimento “Unidos pelo Galo”.

Consideramos que, de acordo com os preceitos teórico-metodológicos da Teoria Ator-Rede, as discussões desencadeadas pelo desfile podem ser tomadas como uma controvérsia, uma vez que o acontecimento fez emergir novas associações entre atores

¹ CAMPOS. Nota de repúdio: machismo em evento do Galo, s/ p.

ligados aos temas em questão (futebol, machismo, feminismo etc.), revelando a complexidade de “social” em formação. Assim, nosso objetivo neste artigo é mapear e discutir as translações entre torcedores e demais atores nas discussões sobre a controvérsia “Galo Machista”!? nas páginas do *Facebook* de cinco torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. Mais especificamente, nos interessa observar, a partir de rastros digitais extraídos das páginas, como a controvérsia desencadeou a formação de agrupamentos, oposições, alianças etc. entre usuários do *Facebook* envolvidos nas discussões.

Iniciamos o artigo discutindo, a partir de Latour (2012), as perspectivas da Teoria Ator-Rede (TAR) sobre a formação do social. Na abordagem proposta destacam-se os conceitos de translação (Callon, 1986) e controvérsia (Venturini; Latour, 2010). As especificidades do *Facebook* e das torcidas organizadas de futebol são também abordadas. Baseado na proposta dos “métodos digitais” de pesquisa (Rogers, 2015), extraímos através do software Netvizz rastros digitais (curtidas, comentários e compartilhamentos) deixados por usuários em cinco páginas de torcidas organizadas no *Facebook*: Galo Marx, Galo Metal, Galoucura, 105 Minutos e Galo *Queer*. Na análise, as visualizações de grafos e outros dados relativos às postagens sobre a controvérsia nos ofereceram indícios sobre as associações entre os atores/torcedores. Em seguida, apresentamos dados qualitativos sobre as discussões na “nota de repúdio” publicada pela Galo Marx e na peça de apoio à patrocinadora postada pela Galo Metal. Ao final, apontamos como a desestabilização promovida pela controvérsia “Galo Machista”!? resultou em novos agrupamentos nas páginas do *Facebook* e discutimos como os debates analisados nos ajudam a compreender o machismo e outras práticas excludentes no futebol.

SOCIAL EM FORMAÇÃO: TRANSLAÇÕES E CONTROVÉRSIAS

“Que vem a ser uma sociedade? Que significa a palavra ‘social’? Porque se diz que determinadas atividades apresentam uma “dimensão social”?”² É a partir de questões como essas que Bruno Latour revisou e sistematizou as propostas – e provocações – elaboradas nas três décadas anteriores pela chamada “sociologia das associações”. Também conhecida como Teoria Ator-Rede, o construto teórico-metodológico elaborado por Latour, Michel Callon e outros tantos autores deixou de ser uma referência apenas

² LATOUR. *Reagregando o social*, p. 19.

nos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (*STS*, em inglês) e hoje é um importante aporte para diferentes campos do conhecimento, em eles a Comunicação (Lemos, 2013).

Entre outros aspectos, a abordagem da Teoria Ator-Rede provoca o pesquisador a olhar para o “social” não como algo dado a priori, mas sim como resultado de associações contínuas entre atores humanos e não-humanos que compõem e recompõem redes a partir de suas ações. A agência de cada ator, ou actante, tem sempre uma dimensão coletiva, o que quer dizer que cada ator é a rede com a qual ele se associa, e que sua força está na capacidade de mediar, ou de fazer outros atores agirem junto com ele.

Latour (2012) aponta cinco fontes de incerteza para as pesquisas inspiradas pela Teoria Ator-Rede, ou “sociologia das associações” Interessa-nos especialmente na presente discussão a primeira dessas fontes de incerteza: “Não há grupos, apenas formação de grupos”. O autor critica a chamada “sociologia do social” (de tradição durkheimiana) por se concentrar em grupos e categorias tomados como pressupostos a partir de rótulos e fronteiras definidos sem ouvir e acompanhar a movimentação dos atores e dos (re)agrupamentos compostos por eles. Se, como aponta Latour, “relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis”,³ deve-se estar atento às movimentações e articulações dos atores, em especial nos momentos de incerteza e desestabilização das redes.

Em termos metodológicos, isso implica, por exemplo, em deixar que os próprios atores delimitem e nomeiem seus agrupamentos, o que ocorre em geral através da delegação a porta-vozes. Isso é possível na medida em que “grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele”,⁴ ou seja, evidenciar e problematizar os próprios agrupamentos são atividades fundamentais nos agenciamentos dos atores-rede a partir da controvérsia que os mobiliza. Esse processo se dá por alinhamento ou oposição, isto é, a separação entre aliados e oponentes acontece na medida em que os atores tentam se diferenciar ou se aproximar uns dos outros. Além disso, é diretamente vinculado à performance dos atores, pois é através da ação deles que os grupos são feitos, desfeitos ou mantidos, refeitos.

³ LATOUR. *Reagregando o social*, p. 50.

⁴ LATOUR. *Reagregando o social*, p. 55.

Agir e fazer com que os outros ajam é o que resulta na formação de redes e de agrupamentos, o que torna fundamental a noção de translação. Segundo Freire (2005),

traduzir (ou transladar) significa deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos imbricados. As cadeias de tradução referem-se ao trabalho pelo qual os atores modificam, deslocam e transladam os seus vários e contraditórios interesses.⁵

Callon (1986) chama a atenção para os movimentos de translação durante os processos associativos entre os atores. Visando conquistar aliados – e isolar os oponentes –, um ator-rede translada outros, por exemplo, ao identificar um problema e se tornar um ponto obrigatório de passagem, isto é, ao ser reconhecido como uma referência indispensável na rede em formação em torno da questão de interesse comum. Além disso, aponta Callon, o processo de translação passa pela atribuição de papéis para atores envolvidos e pela garantia da representatividade dos porta-vozes. Não censurar os atores quando eles falam sobre si mesmos ou sobre o ambiente social, respeitar a simetria entre aspectos técnicos e sociais (não mudando a forma de registrá-los) e observar a maneira como os atores definem e associam os diferentes elementos que utilizam para construir e explicar o mundo são os três princípios metodológicos apontados por Callon para estudos de cadeias de translações. Na perspectiva da Teoria Ator-Rede, o momento privilegiado para observação da formação do social – e, por consequência dos processos de translação que resultam em grupos emergentes – é o desenrolar de controvérsias. Conforme Venturini (2010), uma controvérsia é “onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e mais diversa seleção de atores está envolvida; onde as alianças e oposições se transformam sem muita prudência; onde nada é tão simples quanto parece; onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera”.⁶

Callon, Lascoumes e Y. Barthe (2011) destacam o “poder das controvérsias sociotécnicas para revelar a multiplicidade de interesses associados a uma questão, mas também para fazer visível e passível de debate a rede de problemas que a questão evidencia”.⁷ Nesse processo marcado pelas “incertezas de agrupamentos”, há um

⁵ FREIRE. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica, p. 51.

⁶ VENTURINI. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory, p. 262.

⁷ CALLON; LASCOUMES; BARTHE. *Acting in an uncertain world*, p. 31.

reposicionamento dos atores com o intuito de compor novas coletividades e explorar novos “mundos possíveis”.⁸

Consideramos que, na contemporaneidade, as redes sociais on-line podem ser tomadas como lócus privilegiados para a emergência e resignificação de controvérsias. Conforme Marres e Moats (2015), a potencialidade das mídias sociais para a análise de controvérsias deve-se tanto à crescente relevância empírica das mídias digitais para compreensão das questões sociais quanto pelo fato de tornarem acessíveis dados semiestruturados mais ricos do que a *World Wide Web* em geral (este segundo aspecto será retomado à frente nas discussões metodológicas)

Especificamente no caso do *Facebook*, destacam-se as especificidades desse ambiente sociotécnico não apenas para abrigar discussões em torno de temas variados, mas também todo um esforço institucionalizado para que, através das agências híbridas entre humanos e não-humanos (algoritmos, em especial), emerja um fórum que induza uma crescente participação dos atores. Conforme apontam Gerlitz and Helmond (2013) ao discutir a “economia do *like*” do *Facebook*, esse ambiente “utiliza uma retórica de socialidade e conectividade para criar uma infraestrutura em que a interatividade social e a afetação dos usuários são instantaneamente transformadas em dados valoráveis de consumidores e entram em ciclos múltiplos de multiplicação e intercâmbio”.⁹

No que tange às discussões em torno de controvérsias, destacam no *Facebook* a presença de recursos como “respostas” e “curtidas” de comentários, que possibilitam que, em associação com esses atores não-humanos, mais usuários participem de diferentes formas dos debates travados on-line, multiplicando as formas de associação e translação e complexificando as redes em formação. Curtir um comentário, por exemplo, significa se alinhar à posição de outro ator, atribuindo a ele temporariamente o papel de porta-voz. Além disso, um comentário mais curtido e/ou mais respondido tende a ser exibido primeiro quando os comentários são hierarquizados por “*top comments*”. Isso significa que, em função das prioridades filtradas pelos algoritmos, no *Facebook* a busca por visibilidade passa pela capacidade de fazer com que outros atores ajam (curtindo, respondendo) a partir de suas ações, possibilitando diferentes formas de transladar.

⁸ CALLON; LASCOUMES; BARTHE. *Acting in an uncertain world*, p. 28.

⁹ GERLITZ; HELMOND. The like economy: Social buttons and the data-intensive web, p. 1349.

TORCIDAS ORGANIZADAS: GRUPOS EM FORMAÇÃO?

Pensemos no caso das torcidas organizadas de futebol. Ainda que a maioria delas tenham mecanismos e procedimentos que estimulem a formalização e o fortalecimento dos vínculos entre os afiliados, acreditamos ser possível observá-las como agrupamentos em constante rearranjo, principalmente – mas não exclusivamente – nos ambientes digitais.

Toledo (2012), ao discutir as mudanças nas torcidas organizadas a partir dos anos 1990, identifica uma crescente associação das torcidas organizadas, principalmente pelo poder público e pela cobertura jornalística, com a violência urbana, intensificando uma lógica de criminalização da periferia das grandes cidades brasileiras. Questionando uma percepção de que as torcidas organizadas formariam “grupos homogêneos, autocontidos e orientados para o bandidismo”,¹⁰ o autor identifica um “certo esgarçamento dos projetos coletivos mais tradicionais que animaram os coletivismos dos torcedores”.¹¹ Essa fragmentação, aponta o Toledo, não significou uma “despolíticação generalizada das torcidas organizadas”, mas sim “uma reorientação de vontades políticas” que dialogavam com um conjunto de transformações no país e no futebol. Também nesse contexto, ganhavam espaço formas de torcer mais atreladas à crescente mercantilização do futebol, entre as quais a ideia do “sócio torcedor” e do “torcedor consumidor”.

Já Silva (2012), ao pesquisarem, entre 2008 e 2009, as torcidas organizadas (TOs) em Belo Horizonte, apontam que, embora haja alguns traços comuns entre os filiados – a maioria são homens solteiros, por exemplo –, há diferenças significativas entre os agrupamentos de um mesmo time. Considerando que “a participação em uma TO implica a aceitação de normas e ideologias as quais podem até extrapolar o futebol”,¹² os autores identificam inclusive a existência de conflitos entre torcidas de um mesmo time por questões políticas e ideológicas.

Na contemporaneidade, uma das temáticas que mais parece tensionar o hábito de torcer – e, por extensão, as torcidas organizadas – são discussões ligadas às questões de gênero. Ao discutir a predominância de valores masculinos no futebol, Franzini (2005)

¹⁰ TOLEDO. Políticas da corporeidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010, p.143.

¹¹ TOLEDO. Políticas da corporeidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010, p. 138.

¹² TOLEDO. Políticas da corporeidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010, p. 29.

chama atenção para a ameaça que uma maior presença das mulheres nesse esporte tem significado para uma "ordem" ou "lógica" já estabelecida pelos homens. Na condição de torcedoras nos estádios, em especial nas partidas assistidas pelas elites no início do século XX, as mulheres eram legitimadas por serem vistas como uma “parte ativa da consolidação do jogo por entre esses círculos elegantes”.¹³ Uma maior participação fora da torcida, no entanto, em geral é vista como resistência pelos homens, que evocam argumentos como a "pouca experiência feminina na prática do jogo".¹⁴ Apesar disso, aponta essa autora, é notória a crescente presença feminina, por exemplo, através de facções de torcidas organizadas, mas também como consumidoras de produtos esportivos. Mais recentemente, chama atenção a emergência, especialmente na internet, de agrupamentos que evidenciam e questionam práticas discriminatórias no ato de torcer. É o caso das "torcidas *queer*", que

produzem e divulgam conteúdos com o propósito de colocar em xeque o padrão normatizador vigente nos estádios e no universo do futebol, reivindicando o reconhecimento da participação de homossexuais e mulheres, historicamente segregados de práticas que dão sentido ao esporte, como o jogar e o torcer.¹⁵

Criadas em 2013, as 11 torcidas *queer* brasileiras citadas por Pinto e Almeida (2014) atuam enquanto grupo apenas no *Facebook*, o que em parte se explica pelas constantes hostilidades e ameaçadas sofridas pelos criadores das páginas.

Longe de esgotar a temática, nessa breve discussão tentamos articular breve reflexões sobre as torcidas organizadas, suas lógicas de alinhamento e oposição e as tensões que as atravessam na contemporaneidade. Nosso intuito foi chamar a atenção para uma inadequação de um olhar para esses agrupamentos que os considere de forma estabilizada e isolada. Retomando o raciocínio de Latour (2012) e demais autores vinculados à Teoria Ator-Rede, parece-nos que, especialmente em ambientes interconectados como o *Facebook* e durante controvérsias, potencialmente os atores estão constantemente negociando suas alianças e filiações, como discutiremos empiricamente a seguir.

¹³ COSTA. O que é uma torcedora?, p. 7.

¹⁴ COSTA. O que é uma torcedora?, p. 4.

¹⁵ PINTO; ALMEIDA. As torcidas *queer* em campo, p. 107.

METODOLOGIA E CORPUS DE PESQUISA

Conceber pesquisas que considerem as especificidades dos ambientes digitais é um dos desafios de pesquisas como a aqui proposta. Rogers (2015) situa o esforço de desenvolvimento de “métodos digitais” de pesquisa junto ao esforço atual das ciências sociais e humanidades para incorporar a chamada “virada computacional” (“*computational turn*”). Uma das especificidades dos métodos digitais é pensá-los incorporados aos ambientes nos quais os dados estudados foram coletados, isto é, pesquisar ao mesmo tempo o ambiente tecnológico e o social que ali se forma, reconhecendo as afetações mútuas entre “meio” e “conteúdo” (Marres, 2015).

Especificamente os estudos de controvérsias, apontam Venturini e Latour (2009), “requerem um novo leque de métodos ‘quali-quantitativos’ que nos permitam rastrear os fenômenos sociais através nos processos de construção, desconstrução e reconstrução que o constituem”.¹⁶ Os rastros digitais, conforme discute Fernanda Bruno (2012), podem ser tomados como inscrições de ações dos atores-rede, o que nos permite retrair a composição de arranjos sociotécnicos e “tornar visíveis as controvérsias que animam uma série de fenômenos coletivos”.¹⁷

Baseados nestas perspectivas, optamos, na primeira parte do trabalho empírico, por usar ferramentas computacionais que permitem a coleta e visualização de grandes volumes de dados. A observação panorâmica da atuação de um grande número de atores nos permitirá fazer uma análise quantitativa das associações entre eles para, em um segundo momento, nos voltarmos para uma discussão qualitativa de situações que nos parecerem mais representativas. Através da *Application Programming Interface (API)* do Facebook, extraímos com a ferramenta Netvizz (Rieder, 2013) dados relativos às postagens de cinco páginas de torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. A ferramenta “Page Data” disponibiliza dados estruturados (tabelas e grafos) sobre um determinado conjunto de postagens e sobre os usuários que curtiram, comentaram ou compartilharam essas publicações. Os dados coletados referem-se a postagens entre 15 (dia do desfile) e 17 de fevereiro (dia da estreia do time na Copa Libertadores) e foram

¹⁶ VENTURINI; LATOUR. *The Social Fabric: Digital Traces and Quali-quantitative Methods*, p. 5.

¹⁷ BRUNO. *Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede*, p. 703.

extraídos no dia 24 de maio de 2016. As páginas e as postagens selecionadas sobre a controvérsia “Galo Machista”!? são:

GALO MARX – segundo descrição na página do *Facebook*, esta torcida “nasce da união da luta pela emancipação dos trabalhadores com a sua paixão pelo futebol, precisamente pelo Atlético Mineiro”. Dentre as cinco torcidas analisadas, foi a primeira a se manifestar sobre a controvérsia desencadeada pelo desfile: ainda na madrugada do dia 15 para 16 de fevereiro (1h06), foi postada uma “nota de repúdio” assinada pelas “Mulheres da Torcida Galo Marx”.¹⁸ Esta nota foi a única postagem da Galo Marx no período analisado.

TORCIDA ORGANIZADA GALOUCURA – descrita em sua página no *Facebook* como a “MAIOR TORCIDA ORGANIZADA DE MINAS GERAIS!”, a Galoucura postou às 11h36 do dia 16 uma mensagem de apoio à fornecedora de materiais esportivos Dry World . A imagem contém a frase “As organizadas do Galo desejam boas vindas à Dry World”, traz fotos de modelos de biquíni e foi assinada por doze torcidas organizadas do Atlético. No post a torcida organizada escreveu: “*Seja bem Vinda Dry World_BR DRYWORLD Industries!!! HONRAMOS O NOME DE MINAS Clube Atlético Mineiro #AcreditoNaDryWorld #DryworldÉGalo #Galoucura*”.¹⁹ Nos três dias coletados, outras 21 postagens foram publicadas.

TORCIDA ORGANIZADA GALO METAL – autodefinida como a “primeira torcida organizada Metal do País, que une o rock’n’roll e o Clube Atlético Mineiro”, a Galo Metal realizou 39 postagens no período coletado, com as quais 912 usuários diferentes interagiram. O *post* sobre a controvérsia postado às 12h35 do dia seguinte ao desfile (dia 16) traz a mesma imagem de apoio à Dry World publicada pela Galoucura. No texto de descrição está escrito: *#AcreditoNaDryWorld #DryWorldÉGalo #UnidosPeloGalo*.²⁰

MOVIMENTO 105 MINUTOS – A torcida organizada Movimento 105 Minutos se identifica como o “MAIOR MOVIMENTO BARRA BRAVA DE MINAS GERAIS”. Às 13h27 do dia 16 o Movimento 105 minutos fez uma postagem sobre o tema, com o mesmo slogan das postagens das torcidas Galoucura e Galo Marx, porém sem a fotografia das modelos de biquíni. A partir da leitura de alguns comentários da postagem, percebemos que a

¹⁸ Página do *Facebook*: Galo Marx.

¹⁹ Página do *Facebook*: Torcida Organizada Galoucura.

²⁰ Página do *Facebook*: Torcida Organizada Galo Metal.

RASTROS E TRANSLAÇÕES NAS POSTAGENS: UMA VISÃO PANORÂMICA

Nosso primeiro esforço analítico foi de compreender as especificidades dos rastros (curtidas, comentários e compartilhamentos) deixados nas postagens sobre a controvérsia em relação às demais postagens feitas pelas páginas nos três dias analisados. Para isso, geramos no software Gephi uma visualização com os dados relativos às cinco páginas (fig. 2).

Na visualização, os nós na cor lilás referem-se aos usuários que curtiram, comentaram e/ou compartilharam algumas das postagens, enquanto os demais nós se referem às cinco postagens sobre a controvérsia (cores conforme legenda na fig. 2) ou às demais postagens do período (coloridos de cinza). O tamanho dos nós varia de acordo com o grau, isto é, os nós maiores referem-se às postagens que receberam mais curtidas, comentários ou compartilhamentos. Ao todo o grafo da figura 2 contém 60 *posts* e 9.274 usuários que interagiram 16.855 vezes com essas postagens.

Para gerar essa visualização, foi aplicado a distribuição Force Atlas 2, um *layout* em que a espacialização visual da rede está relacionada à intensidade das associações entre os nós (Jacomy; Venturini; Heymann; Bastian, 2014). Assim, ficam mais próximos entre si os nós que se vinculam às mesmas arestas e tornam-se periféricos os nós que têm menos ligações com o restante do grafo.

A figura 2 nos permite identificar uma significativa polarização entre as redes em torno das postagens da Torcida Organizada Galoucura (à esquerda) e as das torcidas Galo Marx e Galo *Queer* (à direita). Já as postagens das torcidas Galo Metal e, em especial, Movimento 105 Minutos estão posicionadas mais ao centro do grafo, o que sinaliza que um número maior de usuários agiu tanto nessas quanto em algumas das outras páginas estudadas, tornando-se atores potencialmente mais articulados nas discussões em torno das controvérsias.

É importante notar, no entanto, que a postagem da Galoucura sobre a controvérsia é, dentre as 22 publicadas no período, a que espacialmente mais se aproxima das redes de rastros em torno das demais páginas. O fato do nó roxo que representa esta postagem estar mais próxima do centro do grafo indica que mais usuários que se associaram a esse *post* também se engajaram com outras páginas. Já a postagem da torcida Galo Metal (nó vermelho) sobre a controvérsia se aproxima mais

das redes em torno das páginas Galo Marx e Galo *Queer* do que as demais postagens, o que também sinaliza um maior trânsito de usuários em função das associações desencadeadas pela controvérsia.

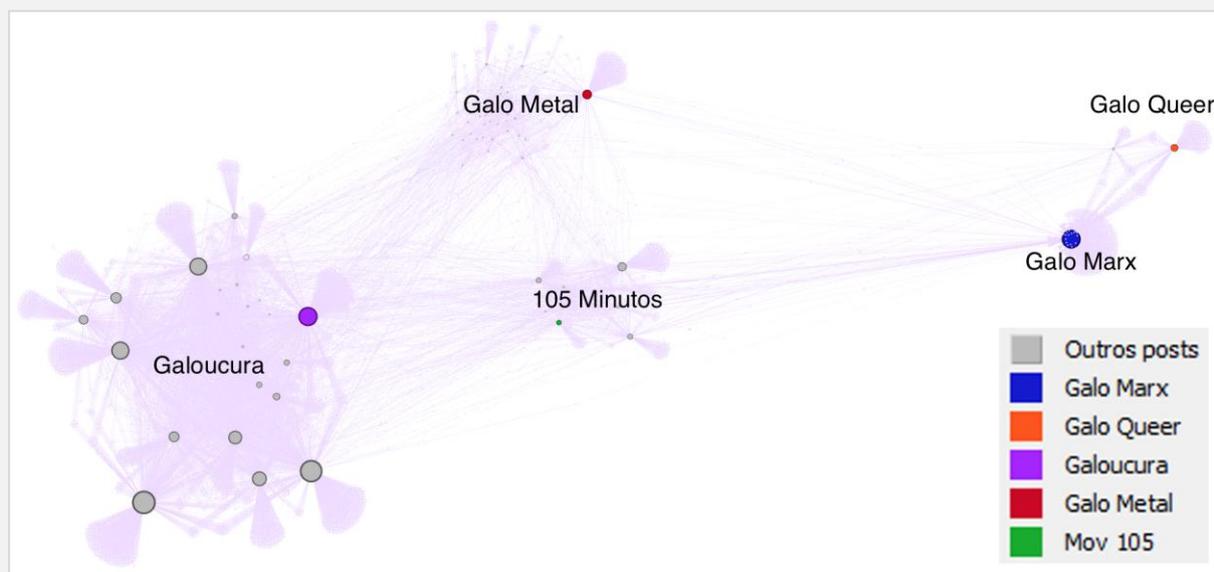


Fig. 2: grafo com as redes de interações das postagens publicadas entre 15 e 17 de fev.

Em termos gerais, portanto, a figura 1 nos indica que embora haja uma significativa polarização nas redes formadas em torno das postagens sobre as controvérsias, estas postagens alavancaram um maior trânsito de atores do que as demais publicadas no período de três dias aqui estudados. A visualização dos rastros digitais de curtidas, comentários e compartilhamentos nos sinaliza que as translações motivadas pela controvérsia culminaram na formação de novos agrupamentos em torno das postagens.

Para nos aproximarmos mais das repercussões da controvérsia “Galo Machista”!? nas páginas das torcidas organizadas, nos concentramos então na principal postagem de cada página sobre o tema. Gerado no *software* Tableau Public, o gráfico da figura 3 nos permite visualizar, em função do tamanho do círculo, o volume de curtidas, comentários e compartilhamentos dos *posts* sobre a controvérsia. Os *posts* estão distribuídos no eixo horizontal do gráfico de acordo com o horário de publicação.

Na figura 3, identificamos um maior agrupamento em torno da “nota de repúdio” publicada pela página Galo Marx – ao todo, essa postagem recebeu 1007 curtidas, 574 comentários e 266 compartilhamentos. A postagem da Torcida Galoucura, embora tenha sido mais curtida (1118), gerou bem menos discussões (63 comentários). A mesma

imagem publicada pela Galo Metal foi menos curtida (470) mas mais comentada (84) que a da Galoucura.

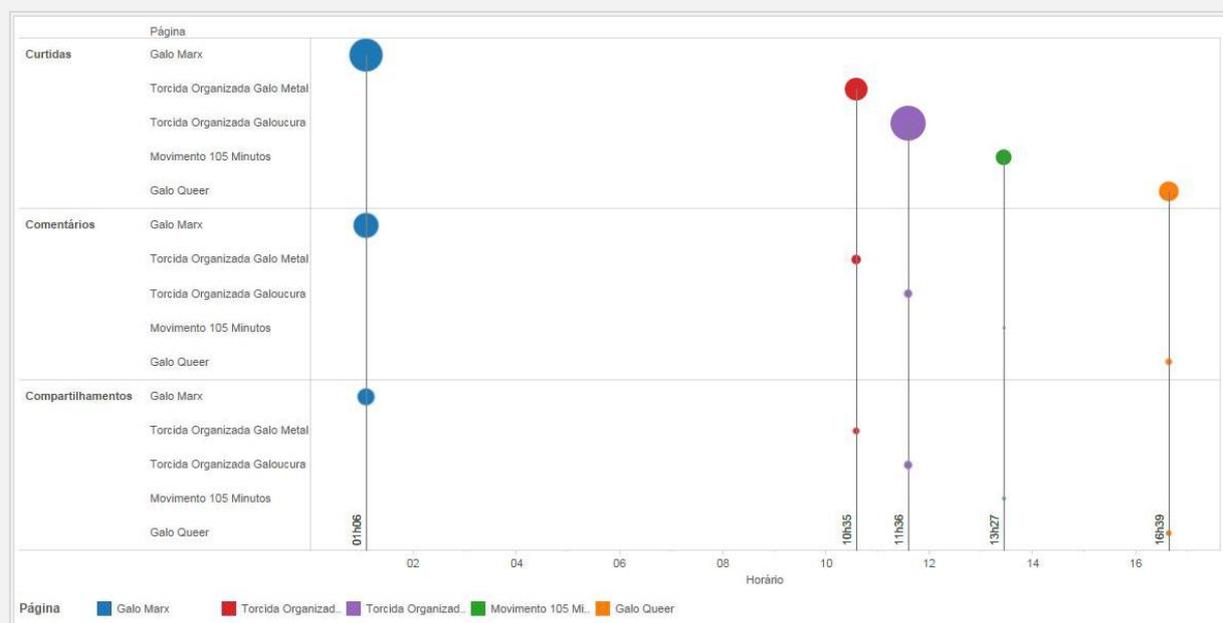


Fig. 3: curtidas, comentários e compartilhamentos nos posts sobre o desfile nas págs. analisadas.

Tal constatação fica mais clara se observarmos os dados relativos a “respostas de comentários” e “curtidas em comentários” disponíveis na figura 4. Retomando o esforço metodológico de compreender as controvérsias nas redes sociais on-line em diálogo com as ambiências sociotécnicas em que elas se efetivam, como discutimos no referencial teórico, consideramos que esses dois tipos de rastros extraídos do Facebook podem ser tomados como indícios de engajamento dos atores-rede nas controvérsias, uma vez que sinalizam uma disposição em discutir argumentos específicos (através das “respostas de comentários”) e/ou de apoiar a posição de alguém (“curtidas em comentários”).

De forma ainda mais destacada, na figura 4 a postagem da página “Galo Marx” destaca-se em termos quantitativos. Ao todo, os comentários da “Nota de Repúdio” foram curtidos 1570 vezes e, dos 574 comentários, 350 (ou 61%) foram respostas. Já na postagem da “Galo Metal”, 38 dos 84 comentários (45,23%) foram respostas.

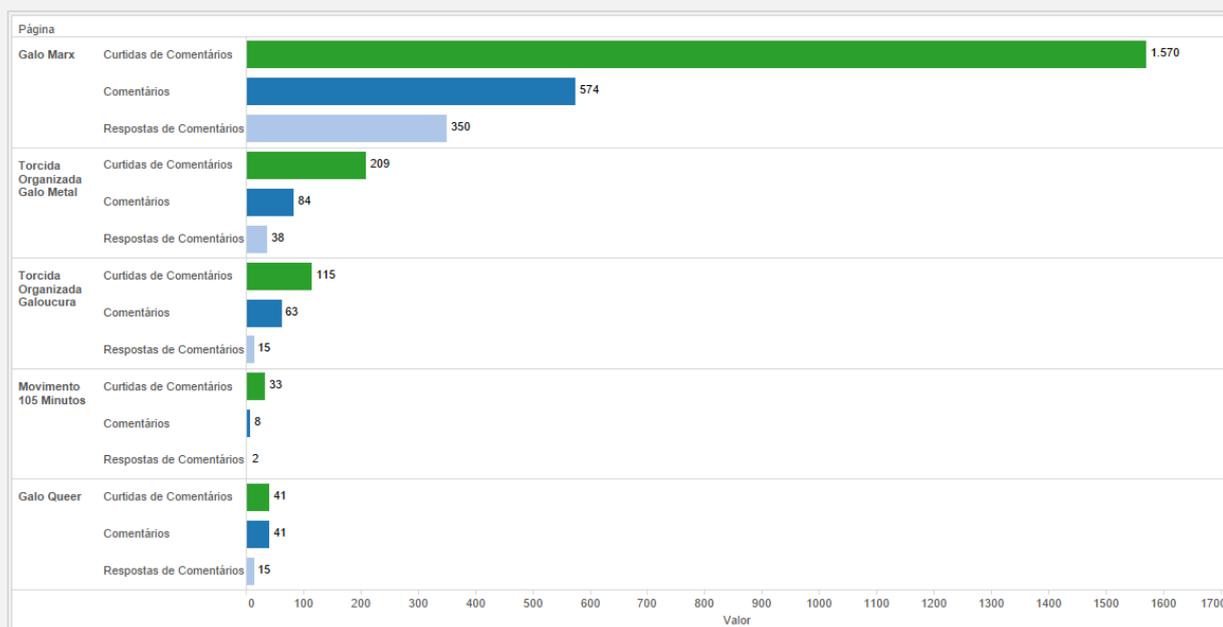


Fig. 4: curtidas de comentários, total de comentários e respostas a comentários nas postagens sobre o desfile.

ANÁLISE DAS DISCUSSÕES NAS POSTAGENS DA GALO MARX

Assinada pelas Mulheres da Torcida Galo Marx, a “nota de repúdio” denuncia a objetificação das mulheres, uma vez que “as modelos femininas estavam presentes, aparentemente, apenas para o prazer masculino”. Entre outras questões, as signatárias afirmam que as mulheres não devem “ser representadas como para o deleite de homens que se julgam o grande ‘público-alvo’ do futebol”, e repudiam “a adultização de uma modelo adolescente trajando calcinha”, “a sexualização do corpo feminino” e “a cultura do estupro refletida e reforçada no desfile”. A nota lembra ainda o papel histórico das mulheres na construção de um clube que se diz ‘do povo’ e critica o viés econômico do futebol moderno “em que machismo e capitalismo andam juntos”.

Alguns dos comentários mais curtidos da postagem foram feitos por torcedoras de outros times – inclusive do arquirrival Cruzeiro –, que manifestaram apoio à nota de repúdio da Galo Marx (fig. 5).

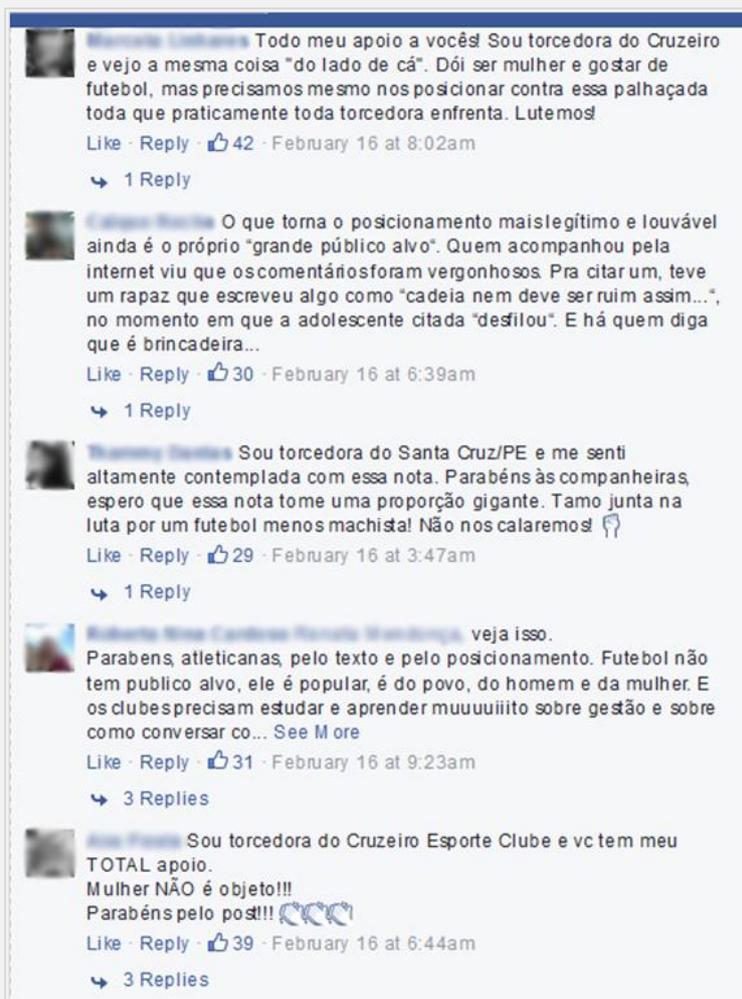


Fig. 5: comentários mais curtidos da postagem da Galo Marx.

Um dos comentários que mais receberam respostas foi dado pela mesma torcedora do Santa Cruz/PE citada na figura 5. Em sua argumentação, a comentarista chama a atenção para “a quantidade de pessoas que estão do nosso lado”, em uma referência aos apoiadores da nota de repúdio publicada pela Galo Marx (fig. 6).

As discussões desencadeadas por esse comentário giram em torno principalmente da relação entre mulheres e futebol, com destaque para a importância da jogadora Marta. O comentário mais curtido (8) dessa sequência foi feito por um torcedor que toma outro comentário anterior como indício de que “nós homens não conseguimos ser superiores em nada”. No comentário criticado, outro torcedor afirmara que “Não adianta, no futebol os homens são anos luz superiores as mulheres” (*sic*).

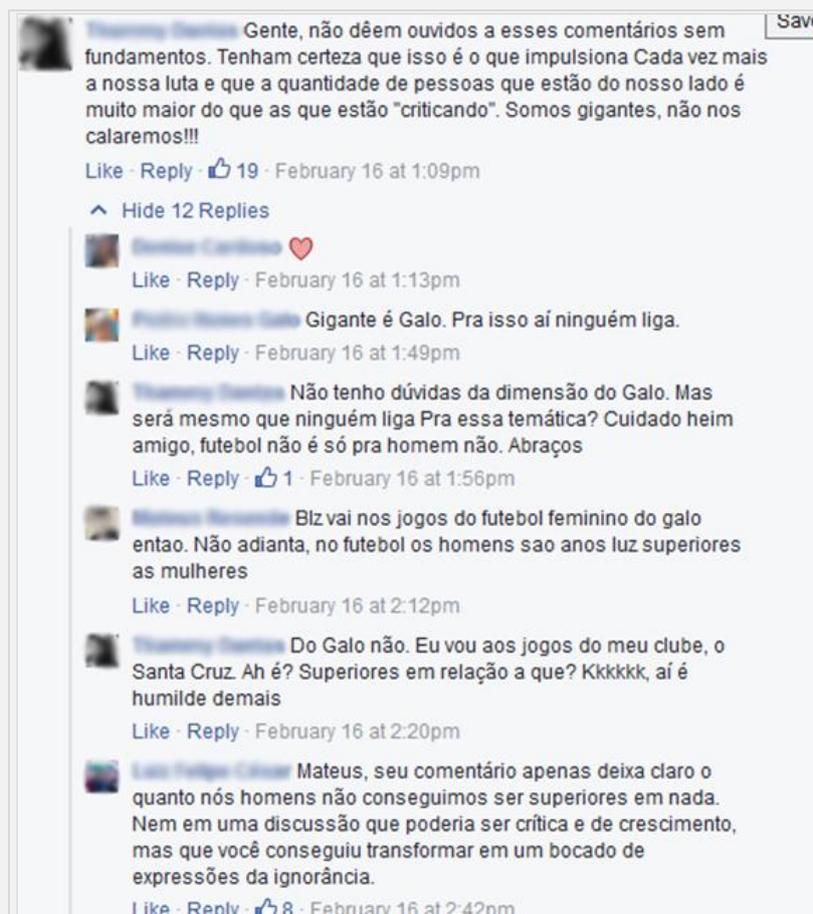


Fig. 6: parte das respostas a um comentário da postagem da Galo Marx.

Outros comentários que desencadearam mais respostas discordaram na “nota de repúdio” publicada pela Galo Marx. Depois que uma torcedora afirmou que *“eu também não acho correto esse tipo de coisa... Mas engraçado... As feministas que reclamam são as mesmas que saem sem roupa na rua se chamando de vadias...”*, a maioria das 21 respostas a esse comentário procurou desconstruir o argumento. Acusada de ser machista e de defender a objetificação do corpo da mulher, a autora do comentário inicial, mesmo tentando com frequência encerrar a discussão, respondeu com novos argumentos, defendendo, por exemplo, a livre escolha das modelos que desfilaram.

A liberdade das modelos para desfilarem *“de lingerie nas passarelas”* também foi um dos argumentos de outro comentário que discordou da postagem da Galo Marx. O autor afirma não negar a existência do machismo, mas acredita que a crítica ao desfile é uma tentativa de impor *“regras morais sem sentido”*, inclusive porque uma atriz desfilara *“totalmente pelada”* durante o Carnaval do Rio de Janeiro alguns dias antes (fig. 7).



Fig. 7: parte das respostas a um comentário da postagem da Galo Marx.

Este comentário desencadeou 22 respostas. O mais curtido deles (9) também foi feito por um homem, que contra-argumentou destacando o “domínio” masculino no futebol e denunciando a presença de uma jovem aparentemente menor de idade entre as modelos que desfilaram de calcinha.

O comentário que mais desencadeou respostas, no entanto, não teve ligação direta com as questões de gênero que motivaram a nota de repúdio da torcida organizada. Um usuário criticou o fato da Galo Marx usar como símbolo “*um cara que era homofóbico e antisemita*”. A acusação desencadeou uma sequência de 46 comentários, a maioria dos quais criticando a afirmação inicial, em uma discussão que mobilizou argumentos em torno das ideias e da origem judia de Karl Marx. No argumento mais curtido, um usuário disse: “MARX ERA JUDEU CARA, NÃO FALA BOBAGEM”.

ANÁLISE DAS DISCUSSÕES NAS POSTAGENS DA GALO METAL

A postagem da torcida Galo Metal sobre a controvérsia foi a segunda com maior número de comentários: 84. Como descrevemos anteriormente, trata-se de uma peça de boas-vindas e apoio à Dry World assinada por 12 torcidas organizadas. Compõem a postagem fotos de duas modelos desfilando de biquíni e uma vestida com a camisa do time e calcinha.

Um mesmo comentário foi o que recebeu mais curtidas e respostas. Nele, a autora afirma “*machistas não passarão #vergonha #bolafora*”. Nas respostas, a maioria dos usuários se coloca de forma contrária à comentarista (fig. 8).



Fig. 8: comentário mais curtido e comentado da postagem da Galo Metal.



Fig. 9 – resposta a comentário replicada na postagem da Galo Metal.

As respostas reclamam que os posicionamentos contrários ao desfile por conta de seu teor machista são apenas “mimimi” e que, em outras circunstâncias, como no carnaval ou caso fossem modelos gordas, o fato de as mulheres estarem vestidas como estavam não desencadearia tantas discussões. O comentário mais curtido (8) também defende a marca, apontando que ela “trouxe o Robinho pro Galo e segurou o Pratto”.

Outro comentário com grande engajamento mostra um desapontamento com Galo Metal por causa do posicionamento tomado a partir da publicação. Nas 13 respostas, o mesmo texto do comentário que recebeu mais curtidas analisado anteriormente foi reproduzido (sem veicular os créditos) por outro torcedor (fig. 9).

Nesse caso, porém, a resposta mais curtida é da mesma autora do comentário principal. Ela afirma que não iria omitir seu posicionamento só por conta dos benefícios trazidos pela marca, que as mulheres sofrem assédio nos estádios e que desfiles de moda são tão opressores quanto o realizado pela Dry World e que, por conta disso, não devem ser usados como justificativa. Além disso, ela diz que “A mensagem a ser transmitida [pelo desfile] foi ‘mulheres sensuais com a camisa do clube do atlético mineiro’”, já que a exposição dos corpos das mulheres apareceu não apenas no desfile de biquínis, mas também no de camisas. Após uma resposta do mesmo usuário falando sobre a importância de se focar na estreia do Atlético na Copa Libertadores, outra comentarista defende que os atleticanos não se tornam menos torcedores ao notarem os erros do time, e que a Dry World não concedeu favores ao time, já que “trata-se de uma parceria e, como tal, ambos saem ganhando”.

Nessa postagem, aparecem ainda várias torcedoras afirmando que irão “descurtir” a página por causa de uma insatisfação com o posicionamento da torcida (fig. 10).

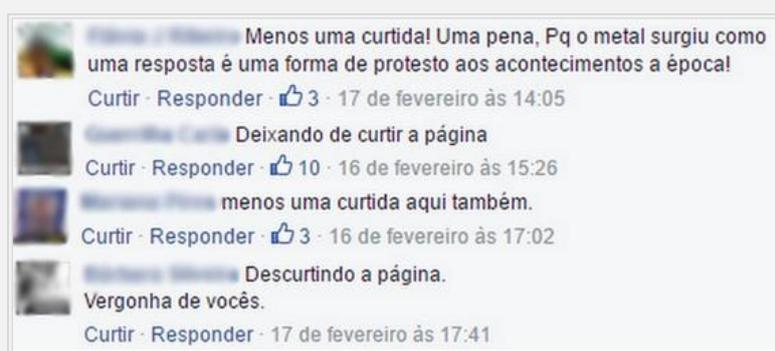


Fig. 10: comentários na postagem da Galo Metal.

DISCUSSÃO DOS DADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste trabalho identificar e discutir a repercussão da controvérsia “Galo Machista”!? na página do *Facebook* de cinco torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. Mais especificamente, procuramos observar como a controvérsia desencadeou a formação de grupos e alianças entre diferentes usuários do *Facebook*.

A partir dos dados quantitativos apresentados no trabalho, podemos apontar que as associações em torno das postagens sobre a controvérsia tiveram uma dinâmica diferente das demais postagens das páginas no período analisado. Em geral as postagens sobre o tema não apenas foram mais curtidas, compartilhadas e/ou comentadas que as demais, mas principalmente motivaram a agência de usuários diferentes das demais postagens. Essa relativa variação nos usuários engajados nas postagens pode ser visualizada na figura 2, que sinaliza ainda que a desestabilização promovida pela controvérsia desencadeou mais translações entre os atores e permitiu a formação de agrupamentos que tensionam uma dinâmica mais rotineira das páginas.

É especialmente peculiar a posição ocupada pela “nota de repúdio” publicada pela torcida Galo Marx. Embora se destaque em termos quantitativos, a postagem é periférica no grafo, o que indica que os usuários que se engajaram no *post* não foram os mesmos das demais páginas (à exceção da Galo *Queer*, que está espacialmente próxima na visualização). Essa característica nos permite supor que o grande número de compartilhamento da postagem fizeram-na repercutir por um público que habitualmente não segue a página da Galo Marx ou as demais páginas estudadas. Essa maior circulação da postagem do *Facebook* certamente impactou na dinâmica da discussão na caixa de comentários e desencadeou novas translações entre os atores.

Para pensarmos nos processos de formação de grupos em eventos controversos, é importante observar que, na nota de repúdio da Galo Marx, oposições que poderiam ser tomadas como dadas, como “torcedores do CAM x torcedores do Cruzeiro e outros times” e “homens x mulheres”, não foram predominantes a partir das associações visibilizadas pelos comentários mais respondidos ou mais curtidos. Em geral a adesão ou não a um comentário se deu em função do posicionamento em relação à controvérsia (favoráveis ou contrários ao desfile ou à nota de repúdio). Assim, torcedores de outros times apoiaram a iniciativa e homens se opuseram a outros homens em defesa de

argumentos apresentado por mulheres que apoiavam o repúdio da Galo Marx. Nessa cadeia de translações identificada na caixa de comentários, nos parece representativo o esforço de uma torcedora do Santa Cruz para demarcar, através de expressões com “nossa luta” e “somos gigantes”, um agrupamento de críticos ao desfile e às tentativas de relativizar a implicações das ações do time e da empresa.

Já nas discussões em torno da postagem da página Galo Metal nota-se uma grande adesão (traduzida em curtidas) às críticas feitas por torcedoras ao desfile e aos apoios dados à patrocinadora. O argumento de oposição que mais recebeu apoio, no entanto, não apenas tenta esvaziar as críticas, mas principalmente justifica a necessidade de encaixapretar a controvérsia em função do apoio financeiro da fornecedora ao time. Essa tentativa de silenciamento se dá também por um isolamento das mulheres que se posicionaram na página da Galo Metal. Ao contrário da Galo Marx, nessa página não se evidenciou o apoio de homens às críticas feitas por torcedoras, uma vez que os comentários delas ou de apoio a elas foram pouco curtidos e suas manifestações tenham sido mais intensamente debatidas, ou contestadas. A polarização entre um apoio irrestrito ao time por questões econômicas e/por paixão ao time e um questionamento em função de posturas políticas, assim, parece revelar também uma cisão entre torcedoras e torcedores. A algumas delas, a alternativa parece ter sido “descurtir”, ou melhor, sair da rede articulada pela página tornando pública esta decisão.

Acreditamos que a discussão empreendida nesse artigo nos releva algumas tensões das diferentes formas de torcer na contemporaneidade. No mesmo sentido, as discussões em torno da controvérsia e as formações de grupo pode elas desencadeadas nos ajudam a compreender o machismo e outras práticas excludentes no futebol, sinalizando questões importantes a serem aprofundadas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Famecos**, Porto Alegre, vol. 19, n. 3, set.-dez. 2012, p. 681-704.

CALLON, Michel. Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of Saint Brieuc Bay. In: LAW, John (org). **Power, Action and Belief: a new Sociology of Knowledge?**. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1986, p. 196-233.

CALLON, Michel; LASCOUMES, Pierre; BARTHE, Yannick. **Acting in an uncertain world: an essay on technical democracy**. Graham Burchell, Massachusetts, MIT Press, 2011.

CAMPOS, Elen. Nota de repúdio: machismo em evento do Galo. **UOL**. Acesso em: 19 ago. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/QUa0Xg>.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, nov.,2006-fev. 2007, p. 1-31.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 25, n. 50, dez. 2005, p. 315-328.

FREIRE, Letícia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 26, jan.-jun. 2006, p. 46-65.

GERLITZ, Carolin; HELMOND, Anne. The like economy: Social buttons and the data-intensive web. **New media & society**, vol. 8, n. 15, dez. 2013, p. 1348–1365.

JACOMY, Mathieu; VENTURINI, Tommaso; HEYMANN, Sebastien; BASTIAN, Mathieu. ForceAtlas2, a Continuous Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization Designed for the Gephi Software. Califórnia, **PLOS ONE**, vol. 9, n. 6, jun. 2014.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Gilson Cesar Cardoso de Sousa, Salvador – São Paulo: Edufba – Edusc, 2012.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

MARRES, Noortje. Why Map Issues? On Controversy Analysis as a Digital Method. **Science Technology Human Values**, vol. 40, n. 5, set. 2015, p. 655-686.

MARRES, Noortje; MOATS, David. Mapping Controversies with Social Media: The Case for Symmetry. **Social Media + Society**, vol. 1, n 2, jul.-dez. 2015, p. 1-17.

PINTO, Mauricio Rodriguez; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas *queer* em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, vol. 1, n. 2, ago. 2014, p.105-116.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application. **WebSci’13**, França, vol. , n. mai./2013, p. 346-355.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. In: SCOTT, Robert; KOSSLYN, Stephen. **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**. Chichester, SAGE Publications, 2015, p. 1-18.

ROGERS, Richard; SÁNCHEZ-QUERUBIN, Natalia; KIL, Aleksandra. **Issue Mapping for an Ageing Europe**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2015.

SILVA, Silvio. Ricardo da. Torcedores Organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio; DEBORTOLLI, José Alfredo; SILVA, Tiago Felipe da (orgs). **O Futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012, p. 25-50.

TOLEDO, Luiz Henrique. Políticas da corporeidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA; João M. C; MELO, Victor Andrade de (orgs). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p.122-158.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, Chichester, vol. 19, n. 3, maio 2010, p. 258-273.

VENTURINI, Tommaso; LATOUR, Bruno. The Social Fabric: Digital Traces and Quali-quantitative Methods. In: **Proceedings of Future En Seine**. França: Cap Digital, 2009, p. 87-104.

PÁGINAS DO FACEBOOK

Galo Marx. <https://goo.gl/IBWk8E>.

Galo *Queer*. <https://goo.gl/0i2Nk1>.

Movimento 105 Minutos: <https://goo.gl/EsoG1E>.

Torcida Organizada Galo Metal. <https://goo.gl/sG3JKj>.

Torcida Organizada Galoucura. <https://goo.gl/pZkgxr>.

* * *

Recebido para publicação em 19 ago. 2016
Aprovado em 02 nov. 2016

O futebol filmado: *Tostão, a Fera de Ouro* (1970)

The filmed football: *Tostão, the Fera de Ouro* (1970)

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'Ana

Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), Rio de Janeiro / Brasil
Doutorado em História Comparada, UFRJ
caoargos@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem origem em um trabalho maior, que se propôs a uma análise comparativa entre filmes sobre futebol no Brasil e na Espanha, entre 1964 e 1975. O texto que se segue, mais restrito, tece considerações específicas sobre o documentário *Tostão, a Fera de Ouro* (1970), dirigido por Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. Procuramos circunscrever a produção da obra aos seus aspectos conjunturais mais gerais e no âmbito da feitura de películas sobre futebol até aquele momento. Levamos em conta aspectos da linguagem e sugerimos uma possibilidade interpretativa.

Palavras-chave: Futebol; Cinema; Ditadura brasileira.

Abstract: This article has its origin in a larger work, which proposed a comparative analysis between soccer films in Brazil and Spain, between 1964 and 1975. The following text, more restricted, weaves specific considerations about the documentary *Tostão, a Fera de Ouro* (1970; *Tostão, the Fera de Ouro*), directed by Paulo Laender and Ricardo Gomes Leite. We seek to circumscribe this cinema production to its more general conjuncture aspects and in the context of making films about soccer up to that moment. We take into account aspects of language and suggest an interpretive possibility.

Keywords: Football; Cinema; Dictatorship in Brazil.

INTRODUÇÃO: *TOSTÃO, A FERA DE OURO*¹

O texto que ora apresentamos constitui-se em adaptação revista de uma parte de um trabalho maior, concluído em 2013. Tratou-se, na ocasião, de se propor uma comparação entre filmes que tematizaram o futebol, no Brasil e na Espanha. O período abarcado se situou entre 1964 e 1975, ou seja, sob diferentes momentos de regimes ditatoriais. Para os fins deste artigo, selecionamos a obra *Tostão, a Fera de Ouro*, de 1970, dirigida pela dupla Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. Nosso intuito será o de apresentar minimamente as condições de aparecimento e confecção dessa película, os termos do encontro entre o futebol e o cinema na mesma e a configuração de aspectos analíticos viáveis. Por fim, sugerimos um possível olhar crítico para além do campo estritamente futebolístico. Vamos ao trabalho.

O nosso documentário sobre Tostão foi realizado durante as eliminatórias da Copa de 1970, quando o craque foi o artilheiro da Seleção Brasileira, assinalando 10 dos 23 gols marcados pelo time, isso em apenas seis jogos.²

Relativamente à natureza da produção fílmica, o *Guia de Filmes 26* informa tratar-se de uma "cinebiografia futebolística em estilo de reportagem filmada".³ Conforme o professor de cinema Leo Vidigal, o documentário apresenta "um desafio incomum para os produtores da época", isso por conta "das gravações de entrevistas e depoimentos fora dos estúdios, o que ainda era caro e raro". Essas características de produção, acrescidas da tomada do "som direto e o acompanhamento da equipe no exterior", conferem ao filme "um certo tom jornalístico", conclui.⁴

A direção da película, conforme já adiantamos, foi colocada a cargo dos estreantes Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, os quais, após esse *début* cinematográfico, não desenvolveram grande carreira no meio. Laender parece ter

¹ Ficha técnica em anexo.

² Cf. VIDIGAL. Cinema e futebol.

³ FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*.

⁴ VIDIGAL. Cinema e futebol. O autor ainda complementa: "[A equipe de fotografia] registrou, com imagens e sons exclusivos, quase todas as partidas do selecionado no certame [as eliminatórias da Copa de 1970], deixando de fora apenas o jogo contra o Paraguai realizado em Assunção, em que Tostão fez gols".

jogado mais peso no ofício de artista plástico⁵ e Ricardo Leite aparece como coescritor do documentário *Muda Brasil* (1985), dirigido por Oswaldo Caldeira. Esta última obra versa sobre a trajetória de Tancredo Neves e o início trágico da Nova República. Para além disso, o nome de Leite aparece apenas no curta *Solo em noite de lua* (1992). Não obstante, mesmo antes da estreia, a película era laureada com a Medalha de Prata do Comitê Olímpico Nacional Italiano, no Festival Internacional do Filme Esportivo de Cortina D'Ampezzo, 1969, o que foi destacado quando do lançamento em território nacional.⁶

Na mesma matéria do Jornal do Brasil, de 28 de março de 1970, o anúncio do início da exibição do filme em Belo Horizonte é acompanhado de um outro evento, a publicação de livro biográfico sobre Tostão (assinado pelos jornalistas Canor Simões Coelho e Pedro Zamora). A obra literária é apresentada da seguinte maneira:

Conta a vida de Tostão – o homem e o jogador – desde o início de sua carreira, quando deu os primeiros chutes em uma bola no campinho do Conjunto Residencial do IAPI, em Belo Horizonte, até o drama de sua operação de deslocamento de retina em Houston, nos Estados Unidos.

Sobre o filme, esclarecem: “[...] projetado inicialmente para ser um curta-metragem de 15 minutos, *Tostão, a Fera de Ouro* passou para [...] um longa metragem depois que o jogador rompeu as fronteiras de Minas para surgir como um jogador genial em todo o Brasil”. E finalizam: “Enfim, *Tostão, a Fera de Ouro* é uma reportagem filmada, objetiva, direta, sobre um grande espetáculo popular, e o filme se mantém, sempre, fiel à emoção desse espetáculo”.⁷

O LUGAR CINEMATOGRAFICO DA FITA

Em uma pequena coluna de anúncio da programação televisiva, na Folha de São Paulo, podemos encontrar a divulgação da exibição do filme de Laender e

⁵ Ver o site do próprio Paulo Laender: <http://www.laender.com.br/>. Acesso em 23 fev. de 2017. Encontramos apenas mais uma referência de Laender em um trabalho com cinema, sua participação como assistente de direção de Ugo Giorgette, na realização de documentário sobre o pugilista Eder Jofre, *Quebrando a cara*. Cf. PAULO Laender.

⁶ TOSTÃO já é filme e livro, p. 18.

⁷ TOSTÃO já é filme e livro, p. 18. Conforme o jornalista Cláudio Henrique, Geraldo Veloso [um dos produtores executivos do filme] confirmaria a intenção inicial da feitura de um filme mais curto: "Não intencionalmente, o filme que deveria ser um média-metragem virou praticamente um diário de bordo". Cf. HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

Ricardo Leite, no dia 28 de maio de 1974, no canal 13, no horário das 23 horas. Essa empresa era pródiga nas transmissões de jogos. Não causa maiores estranhamentos, portanto, que quatro anos depois da estreia o filme encontrasse espaço na programação da rede; provavelmente em algum especial de filmes sobre futebol, pelo que podemos inferir a partir da leitura da matéria, a qual indica que na semana anterior a emissora havia passado *Garrincha, a alegria do povo* (1963). O jornalista aproveita para dar o seu pitaco: “O filme [*Tostão, a Fera de Ouro*] tenta aproveitar a fama do focalizado, mas usa recursos que deixam a desejar. *Garrincha, a alegria do povo* (que o 13 exibiu na semana passada) é, no entanto, muito melhor”.⁸

Aproveitamos essa opinião despreziosa para mencionar uma comparação que se impõe, a cada vez que se vai discutir cinema brasileiro e futebol, principalmente no âmbito do documentário. A obra de Joaquim Pedro de Andrade, o filme preferido do jornalista da Folha, constitui-se em referência obrigatória. Virtualmente todos os filmes (repito, principalmente documentários, mas não exclusivamente) realizados posteriormente sobre futebol no Brasil tendem a ser emparelhados à *Garrincha, a alegria do povo*.

Quase para exemplificar a observação acima, atentamos para o fato de que este é o exato procedimento do professor Leo Vidigal, em breve crítica sobre *Tostão, a Fera de Ouro*. Seu texto tem início precisamente tomando como parâmetro o filme de Joaquim Pedro:

Seis anos depois de *Garrincha, alegria do povo* [...] que foi um marco na tradução cinematográfica do futebol no Brasil, seria realizado um documentário sobre o maior craque da história do Cruzeiro, chamado *Tostão, a Fera de Ouro*, dirigido pelos jovens mineiros Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite.⁹

O jornalista Claudio Henrique, por sua vez, nos informa que “O filme foi gravado com três câmeras e sete cinegrafistas se alternando. Segundo o produtor Geraldo Veloso, vários deles tinham feito o filme sobre *Garrincha*”.¹⁰

A despeito das relações possíveis entre os filmes sobre *Garrincha* e *Tostão*, este último, somente de forma tangencial, se conecta ao primeiro. A obra do diretor de *Macunaíma* (1969), *Os Inconfidentes* (1972) e outros importantes títulos, “deve ser

⁸ FILMES na TV, p. 31.

⁹ VIDIGAL. Cinema e futebol.

¹⁰ HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

[entendida] no contexto do movimento cinematográfico em que estava inserido: o Cinema novo”.¹¹ Já o filme dos dois diretores mineiros, no dizer de Luiz Oricchio,

Mantém seu foco no ídolo e dele não se afasta. Ao contrário dos documentários da época do Cinema Novo, este não extrapola jamais o campo de jogo, por assim dizer. Conserva o futebol num plano de assepsia e dele não tira nenhuma conclusão.¹²

NARRATIVA FÍLMICA

A condução do enredo fílmico de *Tostão* tem uma marcação bastante delineada. Othon Bastos, hoje ator veterano, de voz marcante e inconfundível, assume a personagem de Tostão. Isso fica claro logo aos quatro minutos, na primeira entrada dialógica. A câmera foca Tostão em campo e a voz de Bastos anuncia: “Esse daí sou eu”. E essa é a indicação para o restante da película. Há ainda um segundo narrador/observador, na voz de Orlando Souza.

Relativamente à marcação da estrutura narrativa, ela gira em torno de quatro tópicos. O Tostão jogador (principalmente da seleção); o Tostão nas suas origens, em Belo Horizonte, na conversa e lembrança da infância, nos depoimentos de quem lhe conheceu no colégio à época de criança ou nos seus primeiros passos na carreira. O terceiro tópico se refere ao drama, à fatalidade, ao imponderável. Trata-se da contusão no olho e no deslocamento de retina, o qual ameaça a sua carreira e a participação na Copa de 1970. O quarto tópico, por assim dizer, tem até “título”. É introduzido, narrativamente, com a expressão “do outro lado do futebol” (aproximadamente aos 47 minutos): remete à vida do homem, do cidadão e por isso inicia com o nome de batismo e características pessoais: “Eduardo Gonçalves de Andrade, 23 anos, um metro e setenta. Do outro lado do futebol ...”.

O filme tem início com o primeiro tópico, o jogador do escrete, e finaliza em epílogo, praticamente com uma cena dos próximos capítulos. Os dizeres na tela assim o indicam: “Continua no México”.¹³

¹¹ MELO; DRUMOND. *Garrincha X Pelé*, p. 235.

¹² ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

¹³ Talvez valha observar ainda que a condução não é cronologicamente retilínea. É feita de idas e vindas entre os tópicos desmembrados acima, não obedecendo necessariamente à sucessão dos fatos. Em havendo interesse, podemos esquadrihar o percurso de acordo com a decomposição no tempo de filmagem, de modo aproximado. Ficaria assim: do início a

Na época, Tostão era uma grande aposta para o México, e esse é um mote importante da fita. Podemos mesmo dizer que o ex-jogador do Cruzeiro constituía-se, naquele momento, na *esperança branca* do escrete (e/ou na *esperança mineira*). E não é exagero, tanto que é citado na película como o “rei branco do futebol”. Um contraponto, é claro, a Edson Arantes do Nascimento. De forma explícita, Tostão é ainda nomeado de o “Pelé branco”. Em curiosa entrevista, na entrada do Maracanã, os atores Hugo Carvana e Claudio Marzo são convidados a opinar. Do segundo artista ouvimos o seguinte vaticínio: “É, eu acho que talvez no fim dessa Copa o Pelé tenha que passar a coroa pro Tostão”.

O jogador Wilson Piazza, por seu turno, também demonstra confiança no companheiro do Cruzeiro e da Seleção. Arrisca que, com o tempo, “talvez” Tostão chegue a superar o craque santista.

Uma sequência dos debates registrados e provocados nessa fita, portanto, traçam a comparação entre esses dois grandes personagens. Revezam-se rampantes entusiásticos a um futuro reinado futebolístico mineiro, com a cautela e respeito impostas pelo Rei. Nessa lógica, temos o próprio Tostão, na narração de Othon Bastos, declarando a superioridade do craque de ébano: “Pelé está acima de todos. Tudo o que ele faz é perfeito”. Piazza, mencionado acima como um entusiasta da potencialidade do colega de clube, inicia sua aposta ressaltando-se: “O Pelé, para mim, é incomparável”.

Na continuação, a narrativa fílmica ressalta o caráter atlético, a capacidade física do jogador, além da dedicação do mesmo,¹⁴ a qual reforça o talento com o qual teria sido brindado pelo destino. Tostão, no entanto, parece ser retratado como sendo um jogador mais educado que a média, tanto que se pode escutar (e ver imagens respectivas) que ressaltam que, fora do futebol, o atleta “ouve Chico

13min.39s, o jogador da seleção; de 13min.39s a 20min.37s, o ambiente em Belo Horizonte, a infância, os primeiros passos profissionais; de 20min.37s a 33min.17s novamente o jogador; de 33min.17s a 39min.51s o drama da contusão e operação; de 39min.51s a 47min.40s o jogador de novo; de 47min.50s a 50min.27s, o homem, o “outro lado do futebol”; de 50min.27s a 1h5min. a apoteose momentânea do jogador, com a classificação para a Copa; de 1h5min.8s a 01h8min.57s, imagens da cidade vazia, de estádios cheios e a trilha sonora de “O país do futebol”; de 1h8min.57s a 1h10min.19s, reexibição dos gols de Tostão; de 1h:10min.19s ao fim, em 01h10min.57s, a sequência final. Vejam uma breve descrição dessa última sequência, nas páginas seguintes deste artigo.

¹⁴ No treino do seu clube, afirma a narração, “Tostão é um dos primeiros que chegam (...) assina o ponto com um preparador exigente no Cruzeiro: Paulo Benigno”.

Buarque” e “lê Drummond e Vinicius”.¹⁵ Ademais, Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), também tinha ocupações paralelas: era proprietário de uma loja de artigos esportivos e revendedor Shell.

O momento histórico/futebolístico da filmagem, às portas da Copa do Mundo de 1970, parece propiciar que o documentário aposte na promessa de aperfeiçoamento e agigantamento de um jogador já reconhecido, e em bela fase. O que de fato se confirma, posteriormente, na competição. É por isso que o final fílmico de a “Fera de ouro” é formado a partir do enquadramento solitário de Tostão, em um dos *corners* do campo do Maracanã, próximo à bandeirinha e com o povo da geral, ao fundo. O jogador é “flagrado” no singelo ato de amarrar suas chuteiras, em silêncio. Na sequência, a câmera abre e a trilha sonora retorna. O herói parte para o jogo... “Continua no México...” é o que vemos grifado na tela. É a promessa.

O que não parecia estar no esquema era que, se a *performance* de Tostão foi considerada brilhante, a de Pelé foi esmagadora e definitiva. Em 1970, com o camisa 10, não se tratava mais de perspectivas, mas da *celebração, construção e exaltação do virtuose*. E das extrapolações relacionais entre a trajetória individual do Rei e os rumos do Brasil e do povo brasileiro.¹⁶ Mas isso, evidentemente, não era do conhecimento dos contemporâneos.

O PAPEL DO FUTEBOL NA TELA: *TOSTÃO, A FERA DE OURO*

O futebol, o jogo em si, com os atletas e um protagonista-condutor é muito importante na fita de Paulo Laender e Ricardo Leite. Como já mencionamos (ver nota de rodapé número 4), cinco das seis partidas disputadas para a classificação para a Copa do Mundo de 1970 são mostradas. A última delas, contra o Paraguai, em 31 de agosto de 1969, toma quase dez minutos da película (9.20 minutos para ser exato). Este último confronto constitui a apoteose da obra. Historicamente implicou a confirmação da presença do selecionado na Copa do ano seguinte (conforme a

¹⁵ A narração reforça essa distinção quando mais à frente reproduz declaração do goleiro Raul, o qual teria dito que “não entende muito o seu amigo. Ele só gosta de músicas do Chico Buarque e da poesia de Vinicius de Moraes”.

¹⁶ SANT’ANA. O futebol nas telas, p. 151-161.

narração: “O Brasil visava o seu passaporte para o México”) e, filmicamente, constitui o cumprimento da missão/performance do jogador/herói Tostão.

Somando as cenas de jogos e treinos (tanto da seleção quanto do Cruzeiro) chegamos a cerca de 38 minutos em uma produção que totaliza uma hora e dez, ou seja, aproximadamente 54% da película (isso sem contar as diversas entrevistas vinculadas, os depoimentos de torcedores ou pessoas do ramo, as sequências dos arredores do Maracanã nos dias dos jogos etc.). Além dessa presença expressiva do jogo, duas outras coisas se deve pontuar. Primeiramente uma certa preocupação e elaboração estética dessas imagens de futebol. Já indicamos que a equipe de filmagem produziu o material através da cobertura própria dos certames definidores para a ida à Copa do México. Esse trabalho também teve participação humana e técnica inspirada na abordagem do Canal 100, “craques” internacionalmente reconhecidos na confecção plástica do futebol filmado. Oswaldo Caldeira, cineasta e professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), nos lembra com boa nostalgia que aos “primeiros acordes da música do Luís Bandeira, *Na cadência do samba*”, as plateias dos cinemas eram tomadas por “uma alegria contagiante”.¹⁷ Bom, ao menos para os que gostavam de futebol.

Pois bem, é nítido o cuidado e a busca por uma produção equivalente no documentário mineiro. Dentre outros, o próprio recurso a uma trilha sonora de primeira; se o Canal 100 tinha suas imagens embaladas por Luís Bandeira, *Tostão, a Fera de Ouro*, apresentava músicas inéditas e de grande pertinência (parte delas feita para o filme) de Milton Nascimento (mais à frente retornaremos a isso). Em suma, o futebol, nesta produção, se reveste de uma imagética e sonoridade de esmero e pretensão estética.

Um segundo ponto diz respeito a uma caracterização do futebol, expressa pela figura chave, o próprio Tostão. O jogador, na narração de Bastos, opina assim sobre o esporte bretão: “O futebol aproxima os povos; é uma das poucas coisas que podem unir, fraternalmente, os homens. Nos ensina a viver e a raciocinar em conjunto. Exige soluções rápidas e decisivas, onde conta o trabalho de todos”.

¹⁷ CALDEIRA. *Garrincha, alegria do povo e Canal 100*, p. 46.

Essa última passagem parece contrariar (e de fato o faz) a leitura de Luiz Oricchio, destacada anteriormente, segundo a qual o documentário em questão conserva “o futebol num plano de assepsia e dele não tira nenhuma conclusão”.¹⁸ É claro que a “moral” abstraída do jogo, essa sim, é de corte quase inofensivo. Recorre a uma tradicional associação das vantagens do desporto para a socialização respeitosa entre os homens. De qualquer maneira, é algo para além do futebol nele mesmo.

TOSTÃO, A FERA DE OURO: O LUGAR DE PRODUÇÃO

Em termos futebolísticos, o filme é produzido quando

O Mineirão acabava de ser construído e o futebol em Minas Gerais se emancipava atingindo importância nacional. O Cruzeiro surgiu no meio desta conjuntura com um time mágico e vencedor. O único capaz de se impor frente ao Santos de Pelé. No elenco celeste, dentre craques como Piazza, Dirceu Lopes, José Carlos, Raul, Natal, se destacava Tostão.¹⁹

Para os termos mais amplos recorreremos novamente a Luiz Oricchio. O jornalista e crítico observa que em um “momento difícil para o país, o documentário é extremamente neutro”, concentra atenções no ídolo e “não extrapola jamais o campo de jogo”.²⁰ Já adiantamos que essa última afirmação pode ao menos ser contraposta à opinião do personagem Tostão, emitida na fita. Com exceção desse pequeno matiz, a caracterização geral de Oricchio me parece fundamentalmente correta. Não obstante, gostaríamos de apontar um outro detalhe; diria quase uma saliência, em meio à planície asséptica na qual o futebol seria tratado no documentário. Para tanto teremos que ver (ouvir) mais de perto a trilha sonora dessa produção.

Para esse filme contamos com quatro composições musicais, a saber, “Tema de Tostão” (Milton Nascimento), “O homem da sucursal” (Milton/Fernando Brant), “O jogo” (Pacífico Mascarenhas) e “Aqui é o país do futebol”.²¹ O jornalista Claudio Henrique fornece algumas informações e apreciações sobre esse conjunto. Afirma

¹⁸ ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

¹⁹ HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

²⁰ ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

²¹ NASCIMENTO. *Tostão, a Fera de Ouro*.

a relevância da trilha musical para a obra e a considera “coerente com a trama”, uma vez que “traduz perfeitamente a paixão do brasileiro pelo futebol”. Ademais, o convite “aos futuros integrantes do Clube da esquina para compor a trilha” não teria sido por acaso:

Milton é cruzeirense. Fernando americano. Ambos apaixonados por cinema, assim como os diretores e produtores. Todos eram cinéfilos e cine clubistas, membros do CEC – Centro de estudos cinematográficos [...]. Milton e Fernando trabalharam ‘sob encomenda’ [...]. Milton fez depois de ver as imagens do filme [...]. Pacífico Mascarenhas, amigo pessoal de Tostão, procurou os realizadores com a música “O jogo” pronta.²²

Além desses elementos, Claudio Henrique avalia: em *Tostão, a Fera de Ouro*, “o casamento entre trilha, enredo e imagem se deu na medida exata”.²³ Henrique certamente se refere à pertinência, qualidade e sincronia com as imagens, e nisso conta com minha concordância. Porém, é exatamente aqui onde um pequeno estranhamento parece se fazer sentir, e ele é acionado pela canção “Aqui é o país do futebol”, a qual incide aproximadamente por 3min48s, no finalzinho da película (entre 1h5min9s e 1h8min.57s). Depois de mais de uma hora de um filme que foi descrito como “extremamente neutro” (sem grandes analogias/teses sociais), detido no jogo/espetáculo; de uma película atenta a uma apresentação do futebol como arte popular, plástica e cinematograficamente reelaborada, nós nos deparamos com uma sequência de considerável duração, quase melancólica. Tomadas elevadas e mesmo aéreas da cidade, embaladas pela melodia do menestrel mineiro, vão delineando ruas e praças vazias, em contraste com o estádio lotado:

Brasil está vazio na tarde de domingo, né?
Olha o sambão, aqui é o país do futebol

No fundo deste país
ao longo das avenidas
nos campos de terra e grama
Brasil só é futebol
nesses noventa minutos
de emoção e alegria
esqueço a casa e o trabalho
a vida fica lá fora
a fome fica lá fora

²² HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

²³ Para mais informações consulte-se uma entrevista de Milton Nascimento a Danilo Nuha.

Repetição da estrofe

No fundo desse país
 ao longo das avenidas
 nos campos de terra e grama
 Brasil só é futebol
 nesses noventa minutos
 de emoção e de alegria
 esqueço a casa e o trabalho
 a vida fica lá fora
 a cara fica lá fora
 a fome fica lá fora
 a vida fica lá fora
 a cama fica lá fora.²⁴

Pois bem, esse samba (a música que mais teve repercussão da trilha), restando menos de dois minutos para o fim da fita, em uma sequência relativamente longa, parece convidar à reflexão, ou pelo menos incitar um estranhamento. Depois de se louvar o futebol (o jogador excepcional e com traços heroicos, posto que enfrenta dificuldades acrescentando empenho ao talento e vivenciando uma grandiosa experiência de superação), a letra da canção parece perguntar algo ao “país do futebol”. Reconhece a magia (ou alienação, para quem queira) dos 90 minutos das tardes de domingo; a absolutização desse tempo sagrado no qual a vida, a cama, a casa, o trabalho e a fome perdem importância. Simultaneamente, no conjunto da película, constitui-se no único segmento que apresenta alguma possibilidade/potencial reflexivo e, portanto, crítico: o Brasil só é futebol? E depois dos 90 minutos? Se não há condenação à paixão, o vazio das tomadas e a amplitude das mesmas não parecem compatíveis com a exaltação verbal e imagética que marca toda a película. E, detalhe, nos exatos dois minutos restantes para o término, retoma-se as imagens exclusivamente futebolísticas (o *replay* dos gols do camisa 9), ao som do “Tema de Tostão” (até 1h10min.18s). É quase uma recuperação da alegria e da arte *per se*; do padrão de todo o filme. Como uma correção do rumo perdido, momentaneamente. Daí (de 1:10:18 até o final, 1:10:58) é a sequência conclusiva, já comentada (Tostão destacado, amarrando a chuteira).

²⁴ Disponível em: <https://goo.gl/kh9NsD>. Acesso em 23 fev. 2017. Os versos “dinheiro fica lá fora”, “família fica lá fora” e “tudo fica lá fora”, que constam do disco, não são cantados no filme.

Para arrematar, recorreremos rapidamente ao pesquisador Euclides de Freitas Couto. Em tese que posteriormente tornou-se livro, o autor vai emparelhar os jogadores Afonsinho, Paulo César Caju, Reinaldo e Tostão no grupo daqueles frente aos quais o “autoritarismo” reinante no período “encontrou resistências”.²⁵ Relativamente a Tostão, o mesmo nos é apresentado como protagonista de uma “dissonância sutil”.²⁶ Pois bem, talvez esse seja o caso para a película em questão. Noutras palavras, talvez aqui também nos deparemos com uma sutileza (usei preferencialmente o termo *saliência*, em contraposição à caracterização de plano asséptico, baseado em Oricchio). Desta feita não se chega bem a se estabelecer uma postura de “resistência”, mas pode-se sugerir um estranhamento (um desconforto sem diálogo), por intermédio da composição musical e sua respectiva edição cinematográfica.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, Oswaldo. Garrincha, alegria do povo e Canal 100. In: MELO, Victor Andrade; PERES, Fábio de Faria. **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005, p. 39-51.
- COUTO, Euclides de Freitas. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). Tese de doutorado, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- FILMES na TV, p. 31. **Folha de São Paulo**, 28 maio 1974, Roteiro, p. 31.
- FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*. **Cinemateca Brasileira**. Disponível em: <<https://goo.gl/MbMwYI>>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*. **Coisas úteis e inúteis da vida**, 7 set. 2011. Disponível em <<https://goo.gl/cDnq73>>. Acesso em 23 fev. 2017.
- LAENDER, Paulo. **IMDb**. Disponível em <<https://goo.gl/kj8Mj6>>. Acesso em 24 fev. 2017.
- MELO, Victor Andrade e DRUMOND, Maurício. Garrincha X Pelé: Futebol, Cinema, Literatura e a Construção da Identidade Nacional. In: MELO, Vitor Andrade; DRUMOND, Maurício (orgs.). **Esporte e Cinema**: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, p. 221-259.
- NASCIMENTO, Milton. **Tostão, a Fera de Ouro**. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. Disco de vinil. Disponível em <<https://goo.gl/kHKcuL>>. Acesso em 23 fev. 2017.

²⁵ COUTO. *Jogo de extremos*, p. 36-37.

²⁶ O principal fato indicador para o alinhamento de Tostão aos outros “rebeldes do futebol” é uma entrevista do jogador, concedida ao jornal *O Pasquim*, publicado na semana de 3 a 10 de maio de 1970 (menos de 45 dias depois da estreia de *Tostão, a Fera de Ouro*, em Belo Horizonte). Nela, o jogador afirma ser favorável à democracia, qualifica a guerra do Vietnã como ‘suja’ e diz que, no seio da Igreja católica, prefere a “linha de Dom Helder”. COUTO. *Jogo de extremos*, p. 212-215.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola**: cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANT'ANA, Luiz Carlos Ribeiro de. **O futebol nas telas**: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha – 1964/1975. Tese de Doutorado, História Comparada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

TOSTÃO já é filme e livro. **Jornal do Brasil**, 28 mar. de 1970, 1º Caderno – Seção Esportes, p. 18. Disponível em <<https://goo.gl/0KnndK>>. Acesso em 23 de fev. 2017.

VIDIGAL, Leo. Cinema e futebol: *Tostão, a Fera de Ouro*. **Páginas heroicas digitais – Blog do Jorge Santana**. 5 fev. 2009. Disponível em: <goo.gl/0tbeKM>. Acesso em: 21 fev. 2017.

ANEXO

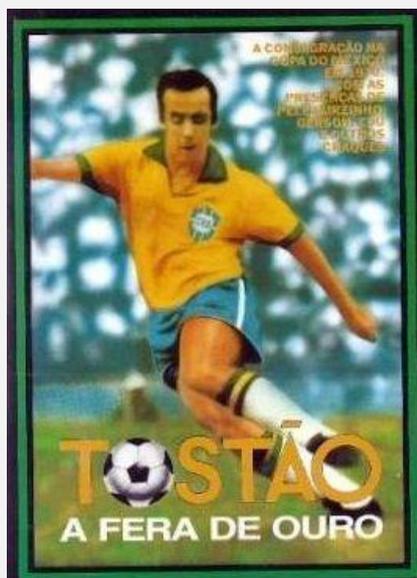


Imagem disponível em: <https://goo.gl/QWQPJL>

Ficha técnica de *Tostão, a Fera de Ouro*.²⁷

Categorias: Longa-metragem / sonoro / não ficção.

Material original: 35mm, cor, 70min, 1.920m, 24q, 1:1'66.

Data e local de produção: 1970, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Certificados: Certificado de Censura 48.453 (Serviço de Censura de Diversões Públicas); de 12.03.1970, livre. Certificado de Exibição Obrigatória 253 de 10.03.1970.

Distribuição: Companhia(s) distribuidora(s) Tekla Filmes.

Argumento/roteiro: Drummond, Roberto.

Direção: Laender, Paulo; Leite, Ricardo Gomes.

²⁷ Cf. FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*.

Direção de fotografia: Duarte, Fernando.

Assistência de fotografia: Escorel, Lauro; Andrés, Maurício.

Câmera: Duarte, Fernando; Veloso, Tiago; Neves, David; Carneiro, Mário; Tourinho, Carlos Alberto; Stein, Ricardo; Portioli, Claudio.

Fotografia de cena: Veloso, Tiago.

Trucagens: Costa, José Roberto da.

Direção de som: Costa, Juarez Dagoberto da; Mello, João Ramiro; Viana, Aloisio.

Engenharia de som: Viana, Aloisio.

Som direto: Dagoberto, Juarez.

Montagem: Dahl, Gustavo.

Assistente de montagem: Tavares, Mair.

Montagem de som: Mello, João Ramiro.

Direção de arte

Letreiros: Weick, Lúcio.

Títulos de apresentação: Weick, Lúcio.

Música (Genérico): Nascimento, Milton.

Canções: **Título:** O jogo; **Autor da canção:** Mascarenhas, Pacífico; **Título:** Aqui é o país do futebol; **Autor da canção:** Nascimento, Milton e Brant, Fernando; **Título:** O homem da sucursal. **Autor da canção:** Nascimento, Milton e Brant, Fernando; **Intérprete:** Nascimento, Milton e Aquele Povo Lá.

Identidades/elenco: Andrade, Eduardo Gonçalves de.

Narração: Bastos, Othon; Souza, Orlando.

Público: Sem informações.

Produtores/custo: Filmes da Serra; Tekla Filmes; Trifilme Produtora e Distribuidora de Filmes.

Produção: Feitosa, Tairone; Calmon, Antônio; Albuquerque, Marcello; Leite, Rubens Gomes; Linares Filho, Geraldo.

Produção executiva: Leite, Maurício Gomes; Carvalho, J. P. de; Veloso, Geraldo.

Produtor associado: Frade, Wilson.

Equipe de produção: Feitosa, Tairone; Calmon, Antonio; Albuquerque, Marcello; Linares Filho, Geraldo; Leite, Rubens Gomes.

Custo: Sem informações.

Prêmios: Medalha de Prata do Comitê Olímpico Nacional Italiano no Festival Internacional do Filme Esportivo de Cortina D'Ampezzo, 1969 - IT.

* * *

Recebido para publicação em 05 mar. 2017
Aprovado em 04 abr. 2017

***El Minero* nas Ilhas GALÓPAGOS**

Gustavo Cerqueira Guimarães

Às vésperas de mais um jogo internacional do Atlético Mineiro, a narrativa conta a saga de Miro, ex-professor de Educação Física que acompanha o Galo em terras sul-americanas. Ele sempre viaja para ler e escrever textos literários, sem a intenção de publicá-los, como o seu tio-avô, o Belmiro Borba (1897-1984), um amanuense, que passou a vida inteira escrevendo diários e ensaiando um romance. Dele, além da intimidade com a escrita, herdou o nome e a casa na Rua Erê, no Prado, em Belo Horizonte.

Esta ficção é parte da série "*El Minero: o atleticano, enfim, conhece a América Latina*", originalmente escrita para o portal *Ludopédio* e reescrita para a *FuLiA / UFMG*.

Gustavo é professor, pesquisador, editor e poeta, autor dos livros *Língua* (Selo Editorial, 2004) e *Guerra* (inédito). Graduado em Letras e Psicologia. Mestre e doutor em Estudos Literários pela UFMG, onde realiza pesquisa de pós-doutorado com projetos na linha de pesquisa Literatura, outras Artes e Mídias.

Site: www.gustavocerqueiraguimaraes.com.



Miro foi para o Equador para assistir ao jogo do Atlético Mineiro, em Sangolquí, região metropolitana da capital, pela Copa Libertadores, contra o Independiente del Valle. Acordou na madrugada de domingo, anterior ao jogo, e enfrentou uma cansativa viagem de Belo Horizonte a Quito, passando pelo Rio de Janeiro e pela Cidade do Panamá – CNF-GIG-PTY-UIO.

Como sempre, ele leva sua caneta multicolor para escrever seus pensamentos no caderno, um misto de diário de campo com diário íntimo. Assim, passa a prestar mais a sua atenção aos sons e aos detalhes inusitados das ruas das cidades, pelas quais procura andar a pé, predisposto continuamente a riscos e reveses.

Miro joga o jogo jogado pelos passantes das ruas e invariavelmente se distrai a mirar as outras pessoas, vendo em cada rosto a sua própria cara, como quem vê sua antiga 3x4 num álbum de fotografia alheio, partícipe da memória dos outros. Em momentos assim, ele costuma parar para escrever, imaginar. Escreve muito. “Talvez, em algum instante, eu consiga sintetizar tudo num gol”.

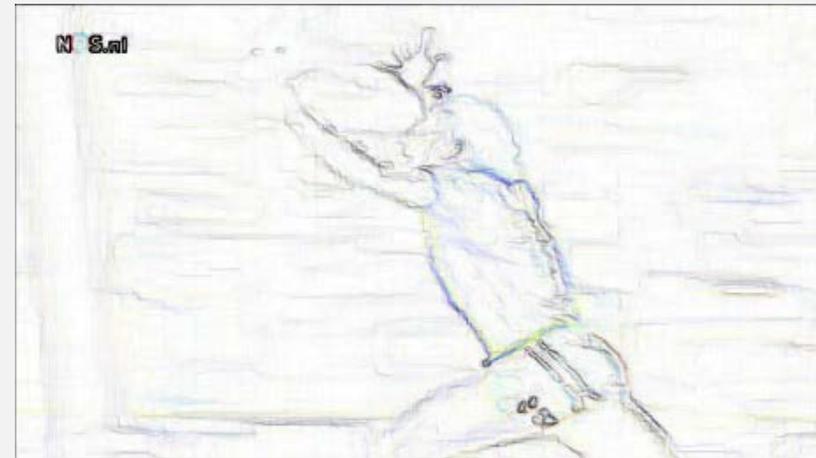
Ele vem arquitetando um texto que amalgama o futebol e a escrita, ora no ataque e ora na defesa. Nesse metatexto, a ambiguidade dos sujeitos da trama é sempre muito bem-vinda. E pensa que gostaria de escrever como o Toninho Cerezo jogava; pelo meio, com leveza, raça, inteligência e dinâmica tática. Quando era preciso se defender, Cerezo se fixava na cabeça da área, plantado, como um jogador de botão a ocupar todo esse espaço. Outras vezes, podíamos vê-lo entre as duas intermediárias do campo, sempre perto da jogada, como um peladeiro.

Ao mesmo tempo, o nosso professor gostaria de escrever como o Éder tocava, cruzava e chutava, com objetividade e força. A Bomba de Vespasiano mandava seus petardos inesperados de longa distância para o gol. Era ousado. Ele chamava o jogo para si e impunha acelerações e desacelerações desconcertantes ao longo de toda a partida; fazia cruzamentos, passes curtos, tabelas rápidas, retenções de bola e lançamentos longos... Ele chutava a bola para o gol de bico, chutava de peito, chutava a bola de trivela. Algumas cobranças de falta o ponta-esquerda batia de chapa, colocando com jeito a bola na rede. Ao comemorar, sua graça e seu modo explosivo eram

traduzidos pela torcida a vociferar: ÉDER, DOIDÃO, O TERROR DO MINEIRÃO! ÉDER, DOIDÃO, O TERROR DO MINEIRÃO!

Miro viu O Canhão barbarizar e fazer o golaço da virada da seleção brasileira contra a União Soviética na estreia da Copa do Mundo de 1982. Ali, aos sete anos, por conta da comemoração incrível do novo ídolo, ele compreendeu que seria mesmo brasileiro, atleticano e Éder, pois queria sempre comemorar gols daquele jeito maluco – dionisíaco, viria a saber uma dia.

“Como um gol pode mudar o estado de uma nação?”



Para assistir ao vídeo é necessário baixar este PDF e abri-lo no seu computador. Recomenda-se o uso do Adobe Reader ou Foxit.

Para a viagem ao Equador, ele queria levar livros que falassem de mar, porque estava cogitando a possibilidade de visitar o litoral, talvez as Ilhas Galápagos. Miro, ex-professor de Educação Física, sente-se um pouco deslocado por que gosta de ler e escrever textos ficcionais. Nenhum de seus colegas tem hábitos semelhantes.

Neste giro, jurou que não levaria qualquer literatura que tratasse de futebol, sua leitura predileta. E, por indicação do livreiro, levou um poeta que nunca tinha ouvido falar – o Alberto, um português. Levou também a narrativa *La búsqueda*, do equatoriano José Hidalgo Pallares, que conheceu ao ler *Sábados de fútbol*. Para ele, além de entretenimento, a ficção futebolística serve para pensar melhor a cultura e sua própria relação diária com o esporte, afinal, eventualmente, ainda treina equipes de futebol infantil.

Além do cuidado diário com o corpo, Miro tem escrito quase todos os dias, como o seu tio-avô, o Belmiro Borba, um amanuense, solteirão como ele, que passou a vida inteira a escrever diários e ensaiando um romance. Dele, além da intimidade com a escrita, herdou o nome e a casa no Prado, na

Rua Erê. Ele imagina que um possível futuro leitor de seus diários sinta seu texto como a expressão literal de uma vida. Miro tem viajado constantemente para escrevê-la.

Neste momento, ele lê seu livro de poemas e adormece. E, já na segunda-feira, acorda noutro país, no limite entre os hemisférios norte e sul, onde atravessa a linha, imaginária, do Equador. A valer, Miro meio distraído, meio ensimesmado, só percebe que estava fora do Brasil à mesa do café da manhã do hotel, bem cedinho.

— *¿Buenos días señor, quieres huevo rivuelto?*

Come os ovos, recobre-se e lê brevemente as principais notícias dos jornais – *Independiente es Ecuador hoy en la Libertadores contra el Minero*.

Após o café, Miro vai a Sangolquí para comprar os ingressos do jogo do Atlético. Depois, come comida típica, a crioula, e caminha feito um biruta sem saber muito bem para onde ir. Ele está confuso, com sono, e não sabe se volta para o hotel. Anota algumas frases que pensa ao andar: “Somos feitos para explorar outras geografias / explorar limites do/no corpo”.

Já que está na cidade onde será o jogo de quarta-feira, o ex-professor resolve visitar o estádio onde o Galo se exhibirá. Por puro acaso, assiste ao treino do time ao cair da tarde. De pronto, vê o craque à beira do campo e pensa: “Esse cara não tá em perfeitas condições de jogo”. E continua a pensar, agora, em voz alta: “Aquele de bigode ali, ó, tem mais pegada pra esse jogo”. E seus olhos se cruzam com os olhos do atacante e, por alguns instantes, sente vibrar em seu próprio corpo a força desse jogador. Miro está a 20 metros do gramado e comenta com quem está ao lado: “Que campo terrível! Como a federação permite partidas aqui? Seria bem melhor se jogássemos em Quito, não...? Mas, enfim, esta é a casa deles, né?”. Anota: “Estádio Rumiñahui, capacidade baixíssima: sete mil lugares”.

No decorrer do treinamento, Miro dispensou a sua atenção à defesa, observando o Victor e o Marcos Rocha. Gritou, cantou o hino e pensou ao olhar para os 27 torcedores que ali estavam pelo mesmo motivo, meio sem sentido e pensou: “Será que o pessoal do Galo tá em todo lugar do mundo?” E anotou em letras garrafais: NAS ILHAS GALÁPAGOS NÃO HÁ ATLETICANOS.

Miro foi embora antes do treino acabar. Ao anoitecer, já estava no centro de Quito, onde comeu milho cozido e retomou a caminhada em direção ao hotel, momento no qual é abduzido por uma moça para dentro de uma loja de turismo.

— *Señor, hay un vuelo directo que sale a las ocho y llega a las diez en Galapagos. El vuelo de regreso es jueves, señor, jueves a las dos...*

— ?!?

— *Hay un vuelo directo a su destino soñado. El vuelo de regreso es jueves, señor, a las dos... Esperamos que disfrute, papito!*

Miro acaba de embarcar para as Ilhas Galápagos. Ele só havia perguntado, por pura curiosidade, como chegar à ilha mais povoada do arquipélago, Puerto Ayora.

Agora, de dentro do avião, ele escreve: “Hoje, é segunda-feira, *lunes*, e eu juro que saberei para sempre como chamar os dias da semana *en la lengua hermana* (ppp) _____. *Lunes, Martes, Miércoles, Jueves, Viernes*”. Miro está sobrevoando o Oceano Pacífico, indo para Galápagos. Ele, precipitadamente, pagou com o cartão de crédito o megapacote promocional *Galápagos: tres días y tres noches en la isla con los animales*

nunca vistos, como anunciado no cartaz fora da loja. No entanto, o voo de volta sairia somente na quinta-feira, *jueves*, no final da tarde, um dia após a partida do Atlético. Ou seja, Miro confundiu os nomes dos dias da semana, pois pensou que *jueves* fosse quarta-feira.

Ele saiu da capital mineira com destino a Quito, passando pelo Rio de Janeiro e pela Cidade do Panamá, exclusivamente para assistir a esse jogo no Equador, mas percebeu, somente no hotel, que havia comprado a passagem de volta para o dia posterior ao jogo e foi às pressas para o aeroporto para tentar devolver ou trocar as passagens.

— *No, no hay posibilidad, señor. Tarifa promocional no hay ninguna posibilidad de cambio. El avión ya está cerrando las puertas. Última llamada... ¿Se embarca, señor?*

agora
pela janela do avião vejo como tudo é mínimo
lá em baixo – quando a oriente da loucura
a mão cinzenta perdura no rosto
daqueles que sonolentos viajam dentro
deste pequeno túmulo de serenidade.

Em seu caderno, o ex-professor anota estes versos de um trecho do livro que lia, deparando-se com o que tinha escrito no dia anterior: “Tenho pavor de avião, mas confesso que seria a melhor de todas as mortes – me parece”.

Chegando à ilha, Miro vai direto para uma pousada no centro de Puerto Ayora, vila de 18 mil habitantes. “Há carros em Galápagos, há muita gente por aqui, não estou sozinho,ilhado, apesar de quase tudo ser mar”, escreve de dentro do táxi.

Já passa de 1h da manhã, já é *martes*, e Miro sai a pé à procura de algo para comer. Desde o almoço, só havia comido uma espiga de milho. Ele não come em viagens de avião, receia passar mal.

Ao andar pelas ruas, ele ouve tocar um som eletrônico ao longe e diz em voz alta: “Ca-ra-lho, é aquela música do Digitaria!” E escreve em seu caderno: “Digitaria faz vibrar muito o meu corpo – ondas no Pacífico”.

Mais abaixo, ao lado, escreve: “— Desculpa, cara, mas se eu não te tocar agora vou perder toda a naturalidade, você dizia me olhando. E, extasiados, dançamos o *Masochist* fodendo para

caramba, lembra-se? E mando um recado para você nas entrelinhas dos meus textos de futebol”.

Agora, ao chegar num bar, atraído pela música, percebe que é o duo belo-horizontino Digitaria quem está colocando o som para uma centena de pessoas, um terço delas com camisas e bandeiras do Atlético. “HÁ ATLETICANOS NAS ILHAS GALÁPAGOS. E mais: há uma torcida organizada do Atlético na ilha: LA GALÓPAGOS”, escreve, já ambientado, entre goles de cerveja.

Na quarta-feira, os torcedores se encontrariam nesse mesmo bar para assistir ao jogo contra o Independiente del Valle. Já, nessa altura, Miro se concentra apenas na escalação do time, a fim de desenhar, durante os 90 minutos, o bailado do jogo em sua cabeça: Victor; Marcos Rocha, Réver, Luizinho e Paulo Roberto; Cerezo, Paulo Isidoro (Gilberto Silva) e Ronaldinho; Sérgio Araújo (Marques), Gérson e Éder.

Miro pouco olhou para o telão, estava mais interessado nas pessoas e nas bebidas. No bar, onde sempre exibiam os jogos do Atlético, havia oito atleticanos de Minas Gerais e cin-

co nativos da ilha, além de uns trinta simpatizantes. Todos beberam e dançaram demais.

Foi tudo muito divertido, tudo muito inesperado. Ao final, apontou em seu caderno: “Sobre o jogo: melhor nem comentar, deveria ser apagado da história (ou aprenderemos muito com ele?). A vida segue... Um viva a Galápagos, viva a Galópagos!”



No outro dia, mais abaixo, Miro escreveu: “Acordei com a camisa do Emelec, abraçado a uma tartaruga numa das ilhas

de Galápagos. De resto, eu não posso contar o que aconteceu ao longo da noite, seria muito forte”.

Viernes, pela manhã, ele já estava em Quito, já era hora de começar a voltar para casa. Ao acordar, ele se lembrou do sonho em que o tal poeta de Portugal lhe deixava um bilhete, um *recado*:

ouve-me
que o dia te seja limpo e
a cada esquina de luz possas recolher
alimento suficiente para tua morte
vai até onde ninguém te possa falar
ou reconhecer – vai por esse campo
de crateras extintas – vai por essa porta
de água tão vasta quanto a noite.

* * *

Fotografia: João Castilho.
Zoo, 2017.

Poesia: Al Berto
Horto de incêndio, 1997.